

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC - SP

Pedro Henrique da Costa Carvalho de Jesus

A educação brasileira nas composições do *rap* nacional

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo

2020

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC - SP

Pedro Henrique da Costa Carvalho de Jesus

A educação brasileira nas composições do *rap* nacional

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Antônio Giovinazzo Junior.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

Dedico este trabalho à memória de Maria Eduarda e Marcos Vinicius, que tiveram suas vidas e sonhos interrompidos pela violência policial no meio de sua trajetória escolar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.302258/2018-00.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Carlos, pelas diversas contribuições e pela atenção dada, desde o projeto de pesquisa até a dissertação final. Aos professores Odair e Jaquelina, que participaram das bancas de qualificação e de defesa, tornando muito mais rico este trabalho. Aos docentes e colegas do programa de pós-graduação EHPS, essenciais em minha formação acadêmica e companheiros na luta contra as tentativas de desmonte da ciência e da educação promovido nos últimos anos. Aos funcionários da PUC-SP e, em especial, à Betinha, por toda ajuda e por sua enorme simpatia.

Às pessoas mais queridas por mim, pelo incentivo e pelo apoio em todas as fases não só deste trabalho como em toda minha vida: minha mãe, Silvana, meu pai, José Ernesto, minha irmã, Priscila, além de meus avós, Bilo, Cida, Mauro e Odete, meus tios e tias, primos e primas, e minha afilhada Mariana. Especialmente, à minha companheira de muitos anos e de muitas experiências em comum, Marina, pelo amor e carinho, por todo o esforço em contribuir com meus projetos, além de compartilhar sonhos de um mundo melhor. Aos meus amigos de mais longa data, que me acompanham desde o tempo da escola, em Ribeirão Preto, até hoje, de perto ou de longe, sempre dispostos a debater ideias e somar forças no que for preciso: Frederico, Leandro, Rafael, Rodrigo e Adriano.

Aos muitos amigos e amigas, colegas de faculdade, camaradas de militância e parceiros de república, com quem compartilhei os anos em que vivi em Franca, entre eles: Rodrigo, Bruno, Raphael, Melissa, Heitor, Anna, Leandro (Che), Leandro Rocha, Tassia, Borges, Nayara, Denis, Adriano, Jorge e Ana Zú. Saudades de todos! Em especial, aos queridos Rene e Adelaide por todo o apoio que me deram também nos anos que se seguiram.

Aos amigos e amigas com quem convivi mais recentemente, morando em São Paulo, por todo o companheirismo e pelos bons momentos compartilhados: Gustavo, Maria, Jussara, Lu Cruz, Lu Caetano, Thales e Danielle. Especialmente, à Laura e Fernando, muito presentes em todo o percurso dessa pesquisa, além da mais nova e não menos querida Olívia.

Por fim, aos MC's, DJ's, Grafiteiros, Grafiteiras, B.boys e B.girls, por levar adiante uma cultura tão viva e contagiante, além de combativa e questionadora, a qual me forneceu inúmeros aprendizados, em destaque, ao Carlos Eduardo (Dú) e ao Thales (T. Black). Um salve ao *Hip Hop*!

JESUS, Pedro Henrique de. **A educação brasileira nas composições do *rap* nacional.** Dissertação apresentada ao Programa de estudos pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

RESUMO

Com esta pesquisa pretendeu-se analisar as referências sobre a escola e a educação contidas nas letras de *rap* brasileiras, abrangendo as produções da década de 1980 até os tempos atuais, de modo a situá-las em relação às transformações da conjuntura política e social do país. Dessa maneira, buscou-se contribuir com os estudos sobre a relação entre a educação e a sociedade, ao tentar compreender o que parte da população brasileira elabora a respeito da escola, especialmente os jovens moradores das periferias das grandes cidades, que se expressam por meio do *rap*. Ao adotar esse foco de análise, procurou-se colocar em questão temas caros à crítica do presente, bem como aos debates sobre raça e classe e as mobilizações sociais que a envolvem. No caminho desta investigação, foram adotados distintos procedimentos de levantamento e de pesquisa que resultaram na conformação de um rico banco de dados com 102 músicas. Constatou-se, portanto, que há, nas letras de *rap*, uma grande quantidade de referências sobre a educação brasileira, assim como uma diversidade de temáticas que se relacionam a ela, tais como a desigualdade social, a questão racial, a violência, entre outras. A análise do conteúdo das letras foi feita com base no arcabouço teórico da Teoria Crítica da Sociedade, especialmente os conceitos relacionados à cultura e à educação, como o de formação cultural e pseudoformação, de Theodor Adorno, por meio dos quais foi possível realizar diferentes articulações com o material analisado.

Palavras-chave: *Rap*, *Hip Hop*, Educação, Escola, Teoria Crítica da Sociedade.

JESUS, Pedro Henrique de. **A educação brasileira nas composições do *rap* nacional**. Dissertação apresentada ao Programa de estudos pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the references about school and education contained in the Brazilian rap lyrics, covering the productions from the 1980s to the present times, in order to relate them to the political and social transformations in the country. This analysis was intended to contribute to studies on the relationship between education and society, by trying to understand what a part of the Brazilian population elaborates about the school, especially the young residents of the peripheries in large cities, who express themselves through the rap music. The analysis focused on discussing important issues to the critique of the present, as well as the debates about race, class and their social mobilizations. Throughout this investigation, different survey and research procedures were adopted, which resulted in the elaboration of a rich database containing 102 songs. A large number of references about the Brazilian education was found in the lyrics of rap, as well as a variety of themes related to it, such as social inequality, racial issues, violence, among others. An analysis of the content of the lyrics was carried out based on the theoretical framework of the Critical Social Theory, especially the concepts related to culture and education, such as cultural formation and pseudoformation, by Theodor Adorno, through which it was possible to perform different articulations using the analyzed material.

Key-words: Rap, Hip Hop, Education, School, Critical Social Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – Rap, cultura e educação: histórico, definição e aproximações teóricas	14
I) Uma abordagem geral sobre o <i>rap</i>	15
II) O <i>rap</i> , a periferia brasileira e o racismo estrutural.....	17
III) O papel do <i>rap</i> na educação brasileira.....	22
IV) Sobre o referencial teórico.....	28
V) As transformações no <i>rap</i> e a indústria cultural.....	33
CAPÍTULO 2 – Na trilha do rap: percursos da investigação e análise das letras	40
I) Definição do material a ser analisado.....	41
II) Apresentação dos grupos de <i>rap</i> selecionados.....	43
III) Organização do banco de dados.....	46
IV) Dados quantitativos.....	50
V) Analisando as letras de <i>rap</i>	56
VI) Síntese das análises.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho especifica que a sua temática incide sobre a relação entre a educação e o *rap*. Posto isto, gostaria de apresentar, brevemente, de onde partiu meu interesse e qual foi meu contato prévio com o tema. Fiz minha graduação em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), localizada na cidade de Franca, no interior de São Paulo. Foi durante esses anos em que cursei o bacharelado e a licenciatura que tive um contato maior tanto com o *hip hop* quanto com debates variados relacionados à educação.

Vivendo naquela cidade, pude participar de diversos eventos e festivais promovidos pelos coletivos culturais da região, que aconteciam tanto na região central quanto nos bairros periféricos, em praças, parques, escolas e centros comunitários. Grande parte desses espaços eram ligados ao *hip hop* e organizados por grupos que se propõem a divulgar essa cultura, dos quais destaco a *True School Crew*. Era comum nesses espaços a realização de oficinas e debates sobre os distintos elementos que compõem o *hip hop* e sobre a história dessa cultura. Pude observar, também, diversas articulações com temas sociais importantes, especialmente relacionados à educação e à questão racial. Esse contexto me proporcionou conhecer diversos jovens que exerciam o *hip hop*, em suas diferentes expressões, e “veteranos” que viviam imersos nessa cultura desde suas origens. A experiência de observar de perto a potencialidade dessa manifestação da cultura me causou profundo interesse em conhecer ainda mais, especialmente o *rap*.

Por meio das disciplinas do curso de licenciatura em História, me deparei com a elaboração teórica sobre os diversos aspectos do campo educacional: da psicologia da educação, das teorias pedagógicas, da didática, da prática profissional, da legislação, entre outros. Durante o mesmo período, iniciei minha atuação profissional em uma escola estadual, localizada na região central da cidade, onde ocupei o cargo de Agente de Organização Escolar. O conjunto destas três experiências me levou a distintos questionamentos, os quais, após alguns anos, culminaram na proposta desta pesquisa que será apresentada.

O contato maior com o *rap*, permitiu que me deparasse com um relevante número de referências à educação em composições de diferentes localidades e períodos. Tendo isso em vista, empreendi uma investigação detida nas manifestações sobre a educação nas

letras de músicas brasileiras do referido gênero musical. Um material vasto e propositivo como este deve ser analisado de forma a apreender o que nele se encontra elaborado a respeito da educação brasileira ao longo dos últimos quase 30 anos. Debruçar-se sobre este material justifica-se, uma vez que o *rap* é um estilo musical largamente inserido na cultura juvenil urbana, principalmente nas periferias. Seus agentes, com base em suas composições, manifestam elementos do cotidiano no qual estão inseridos e suas experiências nesse território, o que leva, inevitavelmente, à discussão em torno da escola, da educação e como estas se apresentam em distintos locais. Ao longo do primeiro capítulo essas considerações serão apresentadas com base na bibliografia sobre o tema.

Sendo assim, uma vez que o *rap* se caracteriza como parte da cultura e do imaginário social de uma parte da juventude brasileira, especialmente negra e periférica¹, seja esta ouvinte ou produtora, pode-se por meio da análise das elaborações contidas em suas músicas, compreender mais profundamente as visões que estes jovens desenvolvem sobre sua realidade social, em especial no que se refere à educação. Busco com isto não somente mobilizar as expressões de um gênero musical de tão amplo impacto, bem como os evidentes recortes de raça e classe social que as abarcam, mas também analisá-las em sintonia com um sólido referencial teórico, que é o da Teoria Crítica da Sociedade, expresso nesta pesquisa fundamentalmente pelas elaborações de Max Horkheimer e de Theodor Adorno, as quais apresentaremos mais detidamente no primeiro capítulo.

A escolha deste referencial teórico para a elaboração da pesquisa foi feita, principalmente, em virtude da relevância da produção dos autores desta corrente para os campos teóricos da cultura e da educação. Tal perspectiva pôde servir a distintos propósitos desta pesquisa. Em primeiro lugar, permitiu justificar teoricamente a utilização de produtos culturais como fonte para a análise das relações sociais em determinado contexto - neste caso específico, ligadas ao campo educacional. Em segundo lugar, o referencial teórico proposto possibilitou uma pesquisa de maior relevância, na medida em que foi utilizado para uma análise crítica das expressões sociais contidas nas letras de *rap*, principalmente a partir dos conceitos de indústria cultural e formação cultural (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), além do conceito de pseudoformação (ADORNO, 1959).

¹ “O *rap* desvela sua produção cultural sobretudo nas letras das músicas que denunciam a realidade da exclusão do jovem pobre, sobretudo aquele de origem negra. [...] Sua expressão social predominante é articulada a uma denúncia da exclusão e do racismo, visíveis na violência policial e na falta de alternativas para os jovens, sobretudo os pobres e negros” (SPOSITO, 1999, p.84).

O referencial teórico pôde oferecer, também, alguns apontamentos a respeito do método na pesquisa social empírica. Destaco, nesse sentido, a perspectiva adotada por Adorno, segundo a qual o objeto da pesquisa empírica deve ter sempre a primazia sobre o método empregado. Segundo o autor: “o mandamento fundamental de qualquer investigação sociológica sensata reside em tentar tanto quanto possível desenvolver o método a partir dos assuntos e do interesse objetivo que tenha” (ADORNO, 2008, p. 188).

Esta pesquisa se insere, portanto, em um conjunto de investigações, pouco usuais no campo da educação brasileira, que se debruçam sobre a relação desta com diversas formas de expressão cultural. Um primeiro levantamento bibliográfico sobre a temática evidenciou que há distintos estudos relevantes acerca da relação entre *rap* e educação no Brasil. Estes estudos, em geral, se concentram fundamentalmente no debate a respeito do modo pelo qual o *rap* pode contribuir para uma educação comprometida com a diversidade étnica e cultural, seja ela formal ou não, escolar ou não-escolar, especialmente nas periferias das grandes metrópoles brasileiras. No primeiro capítulo serão apresentados alguns exemplos dessa abordagem.

Com base nestes materiais, constatei que grande parte dos trabalhos sobre esta temática possuem um direcionamento no sentido de apontar de que maneira a educação pode se utilizar do *hip hop* ou acontecer por meio dele, conforme mostra o levantamento bibliográfico que será analisado no primeiro capítulo deste trabalho. Indo por um caminho diferente, a pesquisa aqui realizada teve como foco as manifestações sobre a educação contidas nas letras de músicas brasileiras do referido gênero musical. Nesse sentido, defendo que se encontrava aberta a possibilidade de pesquisar um campo pouco explorado na bibliografia especializada: como a educação brasileira é retratada nas canções de *rap*? Como já dito, foi com o objetivo de lançar luz à essa questão que esta pesquisa foi elaborada, bem como para mobilizar expressões sociais que frequentemente escapam ao debate acadêmico.

Como exposto, quando analisamos as letras de *rap*, muitas vezes encontramos menções à escola ou à educação em geral. Essas imagens podem ser importantes não apenas para visualizar aspectos problemáticos da educação, mas também para identificarmos suas possíveis transformações ao longo dos últimos anos. Neste sentido, identificar as possíveis similaridades ou diferenças entre as manifestações sobre a educação contidos em letras de *rap* em diferentes épocas e regiões foi um objetivo desta pesquisa; mas não só: pretendeu-se relacioná-las às mudanças políticas e sociais, assim

como às políticas educacionais, que perpassaram a realidade nacional ao longo do período elencado para a análise. Pretendo, dessa maneira, compreender as possíveis transformações ou descontinuidades pelas quais a educação brasileira passou, principalmente nas periferias dos centros urbanos, pela ótica de parte da juventude que se expressa pelo *rap*.

É válido apontar que foram realizados cuidadosos procedimentos para constituir uma amostragem que pudesse ser representativa do *rap* no que concerne à notoriedade e temporalidade das produções. Tal metodologia permitiu que investigasse as letras das músicas e rastreasse elaborações sobre a educação. Após identificá-las, procedeu-se a etapa de análise, na qual foi fundamental o aporte do referencial teórico adotado, especialmente para a reflexão acerca das possibilidades de relações entre o objeto analisado e a sociedade na qual se encontra imerso, especialmente no que tange à educação. Essa reflexão, em contato com o banco de dados levantado, proporcionou a elaboração de distintas categorias de análise, por meio das quais o material foi desmembrado em virtude do conteúdo social expresso. Todo esse processo será descrito no segundo capítulo.

Com base no contato pormenorizado com o material analisado, observei a existência de uma visão crítica em relação à educação brasileira expressa nas letras de *rap*. Sendo assim, julguei necessário, também, buscar respostas aos seguintes questionamentos: Sobre quais aspectos da escola ou da educação essa crítica é elaborada? Em que pressupostos ela se baseia? Quais os seus limites? Como as transformações políticas, econômicas e sociais podem ter influenciado essas elaborações? Reflexões sobre tais questionamentos serão apresentadas no segundo capítulo e nas considerações finais. É possível afirmar que a partir das problemáticas citadas, os materiais que orientam esta pesquisa podem ser concebidos como um rico banco de dados capaz de contribuir para uma reflexão sobre diversos debates que circundam o tema da educação.

CAPÍTULO 1

***Rap*, cultura e educação: Histórico, definição e aproximações teóricas**

No presente capítulo serão apresentadas, em linhas gerais, algumas definições acerca da cultura *hip hop* e do *rap* em particular. Tal apresentação não tem por objetivo esgotar o assunto ou estabelecer fronteiras fixas sobre, por exemplo, o que pode ou não ser considerado *rap*, mas introduzir o tema com base em algumas caracterizações adotadas pela bibliografia especializada.

Também será abordado aqui o contexto social e histórico no qual o *rap* se desenvolveu, tanto nos EUA quanto, posteriormente, no Brasil. Não se pretende, com isso, apresentar uma “linha evolutiva” bem delimitada do gênero em questão. Na verdade, busca-se apontar brevemente, de acordo com pesquisas desenvolvidas a respeito do tema, alguns aspectos relevantes para o desenvolvimento e a constituição do *rap*, assim como para sua difusão e apropriação em distintas localidades, com destaque para o Brasil.

Desse modo, faz-se necessário aprofundar também quem são esses sujeitos sociais, os *rappers*, e qual a relação que eles estabelecem com a escola, levando em consideração a maneira pela qual a desigualdade social e o racismo se relacionam no processo histórico e na organização social do Brasil. Assim, serão apresentados elementos importantes para o desenvolvimento das características estruturais do racismo brasileiro no processo histórico, relacionando-o ao fenômeno da formação das periferias, levando em conta que a partir da experiência dos sujeitos sociais nos territórios periféricos, identificam-se maneiras próprias de vivenciar a cidade, a cultura e a educação.

Nesse sentido, serão introduzidos distintos pontos de aproximação entre o *hip hop* e a educação, seja do ponto de vista de sua própria constituição, seja do ponto de vista de distintas experiências e práticas educativas permeadas por essa relação. Nesse sentido, também, serão abordadas algumas composições de *rap* nacionais, de modo a ilustrar o potencial destas elaborações para a análise do cenário educacional brasileiro.

Por fim, de maneira pontual, será apresentado o referencial teórico adotado por esta pesquisa, que é o da Teoria Crítica da Sociedade, assim como os conceitos mais importantes para a reflexão proposta. Com isso, toma-se como objetivo não a aplicação imediata destes conceitos sobre o referido objeto, mas a tentativa de “ventilar” a teoria à luz das diferentes manifestações elaboradas pelos *rappers*.

I) Uma abordagem geral sobre o *Rap*

O termo *rap*² surgiu a partir da combinação de duas palavras: “ritmo” e “poesia” (em inglês, *rhythm and poetry*). Tal combinação por si só exprime bastante do seu significado: trata-se de uma espécie de “poesia cantada”, acompanhada de uma base musical. Compreende-se, por meio da definição mais comum na bibliografia sobre o tema, que o *rap* pertence a um universo mais amplo que ele próprio, sendo considerado como um dos quatro elementos que compõem o que se conhece como *hip hop*, cujo nome é usualmente atribuído como uma referência ao movimento de saltar balançando os quadris. Um segundo elemento constituinte do *hip hop* é o *DJing*, que corresponde ao manuseio da aparelhagem eletrônica (*pick-ups*) para a produção da base musical, a batida. Outros elementos seriam o *Breaking* (ou *Breakdance*) e o *Graffiti*, que compreendem as expressões do *hip hop* pela via da dança e das artes visuais, respectivamente.

Considera-se que há, ainda, um quinto elemento que constitui o *hip hop*, que seria o “conhecimento” ou “conscientização”. Segundo Bruno Zeni (2004), este compreende, em linhas gerais, a “valorização da ascendência étnica negra, o conhecimento histórico da luta dos negros e de sua herança cultural, o combate ao preconceito racial” (ZENI, 2004, p. 230). É elucidativo, nesse sentido, a comparação que determinados autores fazem a respeito do papel do *MC*³, que seria aquele que canta, e muitas vezes também compõe, as músicas de *rap*, e o *Griot*, que seria, em determinadas culturas de origem africana, a pessoa que pela oralidade perpetuaria certos conhecimentos e tradições.

Além de seus elementos constitutivos, o *hip hop* apresenta, em sua origem, uma forma própria de organização, que são as posses (*crews*). Estas seriam grupos ou coletivos articulados por praticantes de um ou mais dos quatro elementos que compõem o *hip hop*, ou seja: *DJs*⁴, *MCs*, grafiteiros e grafiteiras, *B. boys* e *B. girls*⁵. Em geral, esses grupos procuram formas de divulgação e expansão da cultura *hip hop* (por meio de competições, mostras, festas, entre outras). Do mesmo modo, promovem espaços de aprendizado, diálogo e construção de ações coletivas.

² Apesar de a palavra remeter a uma sigla, ela será escrita nesta pesquisa em letras minúsculas, de modo a seguir o formato mais comumente utilizado pela bibliografia especializada e pelos próprios *rappers*.

³ Sigla para *Master of Ceremony*.

⁴ Sigla para *Disk Jockey*.

⁵ Abreviação de Break Boy e Break Girl.

Compreende-se que o *rap* apresenta uma origem ligada à música negra norte-americana, a qual possui uma longa trajetória desde o *blues*, passando pelo *jazz*, o *soul*, o *funk*, entre outros. A bibliografia especializada situa a ascensão do *rap* como fenômeno conectado, também, à influência caribenha de imigrantes que viviam nas periferias das grandes cidades norte-americanas, especialmente de determinadas práticas culturais jamaicanas. Na maior parte desses gêneros musicais, inclusive no *rap*, encontram-se algumas características, que William Smith (2015) considera como elementos da diáspora africana na música. São estes: improvisação, duplo sentido (*Double Meaning*), chamada e resposta (*Call and Response*, base das *working songs*), *sygnifying*, *sampling and quotation*, entre outros (SMITH, 2015).

O *hip hop* tem sua origem na década de 1970, nos bairros periféricos de Nova York, nos Estados Unidos. Nesse momento, esses territórios se encontravam em uma situação social bastante crítica e é nesse contexto que as posses surgiram “como uma resposta política dos jovens integrados ao movimento *hip hop* no intuito de reelaborar os conflitos e disputas violentas das ruas em termos artísticos” (SILVA, 1999, p. 34). A primeira posse conhecida foi a *Zulu Nation*, criada no bairro do Bronx, em novembro de 1975 (FELIX, 2005). Esta surgiu da iniciativa de Afrika Bambaata, que é reconhecido como um dos pioneiros do *hip hop*, junto com os DJs Grandmaster Flash e Kool Herc.

Apesar de sua origem nos Estados Unidos, o *hip hop* se expandiu para diversas localidades da América do Sul, do Caribe e da Europa, chegando nos mais variados lugares do mundo. Há estudos relevantes que abarcam alguns dos elementos que facilitaram essa expansão, que dizem respeito às conexões entre o *hip hop* e a diáspora africana, ou seja, a experiência das populações de origem africana nos diferentes lugares onde foram forçados a ir, especialmente na região do Atlântico. Um exemplo dessa abordagem é o de Halifu Osumare (2015), que disserta acerca das diferentes marginalidades conectivas que envolvem o *hip hop*. Para a autora, estas seriam conexões ou ecos que podem se apresentar de várias maneiras. São elas: a forma da cultura, questões de classe, opressão histórica e a elaboração discursiva de uma juventude com *status* periférico. Seguindo o pensamento da autora, pode-se situar o *rap* como parte importante da história da diáspora africana ao perceber, por exemplo, que similares críticas sobre as desigualdades sociais estão presentes simultaneamente nas composições dos guetos norte-americanos, das periferias de Paris, das favelas brasileiras e de diversos outros lugares. O trecho a seguir é elucidativo neste sentido.

O *hip hop*, situado na diáspora africana, dá continuidade a um poderoso legado de acesso à estética africanista através da música, dança e do canto falado para revelar e criticar as contínuas desigualdades socioeconômicas do mundo. Ao fazê-lo, a juventude no Brasil e em Cuba formam cruciais conexões culturais e de classe com os jovens negros e latinos dos Estados Unidos, bem como com o *hip hop* de todas as etnias (OSUMARE, 2015, p. 92).

O *hip hop* chega ao Brasil por volta da década de 1980. Em um primeiro momento, ele começa a ganhar espaço nos “bailes *black*”, que aconteciam em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro desde os anos 1970. Estes espaços eram conhecidos pela presença da população negra e os ritmos que mais tocavam eram o *soul*, o *funk*, o *R&B*, o *charm* e o samba (FELIX, 2005). Ao final da década, o *hip hop* começava a aparecer também nos espaços públicos das cidades, onde foram criados pontos de encontro de seus praticantes. Em São Paulo, nessa época, principalmente aos fins de semana, os *breakers* se encontravam na estação São Bento do Metrô, enquanto os *rappers* permaneciam mais na Praça Roosevelt (ANDRADE, 1996).

Nesse contexto, foi criada em 1989 a primeira posse brasileira, chamada Sindicato Negro. Diversas outras surgiram, tendo como influência a experiência norte-americana e passando a realizar também “atividades políticas e comunitárias” (PIMENTEL, 1997, p. 21), em alguns casos se aproximando de movimentos sociais e organizações políticas. No início da década seguinte já existiam diversos grupos de *rap*, os quais passaram a gravar os primeiros discos do gênero. Neste cenário, destaca-se no ano de 1988 a produção da coletânea *Hip Hop Cultura de Rua*, e em 1989, da *Consciência Black – Volume 1*. De lá para cá, o número de grupos e produções de *rap* no Brasil só cresceu, concentrando-se predominantemente no contexto das periferias das grandes cidades, porém, ganhando cada vez mais espaço nas mais distintas localidades do país e alcançando público em outras classes sociais.

II) O *rap*, a periferia brasileira e o racismo estrutural

Existe uma gama bastante variada de temáticas que perpassam a produção do *rap* nacional de maneira recorrente, ainda mais na atualidade. Nesse universo, no entanto, há duas delas que se destacam pela frequência com que aparecem nas composições, que “saltam aos ouvidos”. O primeiro é a identificação com as periferias das cidades. Chama a atenção, nesse sentido, a quantidade de expressões encontradas nas músicas que remetem aos contextos periféricos: quebrada, morro, favela, beco, viela, barraco, tudo

aquilo que existe “dá ponte pra cá”, fazendo referência à canção dos Racionais MC’s. Nota-se, também, as inúmeras menções, nas músicas, aos bairros e regiões localizados nas periferias, como o Capão Redondo (São Paulo), Cidade de Deus (Rio de Janeiro) e Ceilândia (Brasília), por exemplo. O segundo está relacionado ao racismo direcionado aos negros. Esse elemento expressa-se de distintas maneiras, por meio da exposição de situações de discriminação, algumas experimentadas pelos próprios *rappers*, além da denúncia das ações do estado (principalmente da polícia) e da apresentação de dados estatísticos sobre o contexto brasileiro. Por outro lado, também, o racismo é contraposto a partir da valorização das pessoas negras, bem como do reconhecimento de sua história e de sua cultura.

Essas características do *rap* nacional, que podem ser observadas ao longo de toda a sua trajetória, com destaque para a década de 1990 e início do milênio atual, colocam o gênero numa posição privilegiada do ponto de vista da análise da sociedade brasileira, na medida em que expressa uma combinação de aspectos fundamentais do processo histórico de sua formação. Tal perspectiva é ainda mais relevante quando se considera que é elaborada a partir dos sujeitos marginalizados pelo referido processo histórico, portanto, “vista de baixo”, em referência ao conceito do historiador E. P. Thompson. Desse modo, faz-se necessário apresentar, em linhas gerais, alguns elementos de como se constituiu o racismo brasileiro, relacionando-o com a formação dos territórios periféricos nas grandes cidades do país. Busca-se, com isso, aprofundar o entendimento acerca dos sujeitos sociais fundamentais para a produção do *rap* nacional que são em maioria jovens, negros e moradores das periferias.

No ano de 1992, o grupo Racionais Mc’s lançou o LP chamado Escolha seu Caminho, que continha a faixa Voz Ativa. A música se apresentava como uma espécie de manifesto no qual o grupo afirmava: “a juventude negra agora tem a voz ativa”. Percebe-se que os Racionais se referem ao momento da ascensão do *rap* nacional como uma forma de expressão desta juventude. Pode-se retirar da letra de Voz Ativa o seguinte trecho:

"Branços em cima, negros em baixo
Ainda é normal, natural
400 anos depois, 1992 tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal"
(Racionais MC’s, 1992)

Este trecho é muito elucidativo na medida em que se pode observar que o grupo afirma a existência de quatro séculos do racismo contra pessoas negras no Brasil. Essa

afirmação expressa o entendimento de que o racismo brasileiro tem sua origem no período colonial e atravessa toda a história do país até os dias atuais. Sabe-se que na maior parte da história colonial e do período imperial, a sociedade brasileira se organizou a partir do regime escravocrata. Distintos autores consideram o escravismo moderno como um marco histórico na “racialização” das pessoas negras, na medida em que a “raça” passou a ser utilizada como critério para justificar político-jurídicamente e, inclusive, teologicamente, o sequestro, a exploração e a morte de milhões de africanos. Destaca-se que o tráfico transatlântico de pessoas negras se constituiu como um dos “empreendimentos” mais lucrativos da época e teve o Brasil como lugar central, sendo este o destino da maior parte dessas pessoas. Esse fato, inclusive, fez com que o Brasil se tornasse o país com a maior quantidade de pessoas negras fora do continente africano.

A abolição da escravatura só aconteceu em 1888, após mais de três séculos marcados por inúmeras revoltas protagonizadas pelas pessoas negras, escravizadas ou libertas. Destaca-se como parte dessa resistência, também, o desenvolvimento dos quilombos, dos quais Palmares é a mais conhecida expressão. A historiografia demonstra que esse contexto de lutas e revoltas fazia com a que a elite econômica conservasse em si o medo de que uma grande rebelião de escravizados pudesse colocar em xeque o seu domínio, principalmente após a revolução haitiana de 1791, o que levava à imposição de um rígido controle dessa população e a necessidade de reprimir duramente cada tentativa de insurreição.

A falta de acesso à terra, no pós-abolição, conduziu a população negra a ocupar as margens e os lugares menos apropriados para habitação nas cidades brasileiras em busca da sobrevivência, que acontecia em grande parte por meio de postos de trabalho precários e de atividades econômicas pouco remuneradas. Combinado a isso, no final do século XIX e início do século XX, perdurou no Brasil um movimento intelectual que ficou conhecido como racismo científico, o qual buscava se apropriar arbitrariamente de conceitos das ciências naturais para justificar uma falsa hierarquia entre as raças. Nesse contexto, influenciados pelas ideias eugenistas vindas da Europa, intelectuais como Nina Rodrigues, Roquette Pinto e Silvio Romero defendiam que o caminho para o desenvolvimento do Brasil estava relacionado à necessidade do embranquecimento de sua população (REGO, 2018). Esses ideais serviram de base para políticas de branqueamento, como por exemplo o incentivo à migração europeia. Desse modo, o início da república brasileira se viu marcado pela desconsideração da população negra como importante para ao país. Tal afirmação baseia-se na ideia de que a proposta de

modernização brasileira se deu de maneira combinada à marginalização das pessoas negras, em especial, e das camadas mais pobres da população. Como abordou-se, a própria ideia de cidadania, no processo histórico brasileiro, consolidou-se de forma restrita à elite e às camadas médias brancas, excluindo a população negra e pobre do país do acesso aos direitos mais elementares como a moradia, a saúde, a educação, trabalho formal, dentre outros⁶.

Em meados do século XX, com a influência de intelectuais como Gilberto Freyre, passa a ganhar força na sociedade brasileira uma visão positiva acerca da miscigenação, que rapidamente se converte na ideologia de que o Brasil era um lugar onde as diferentes raças conviviam harmonicamente. A tentativa de forjar uma nova identidade nacional promovida pelo Estado Novo na década de 1930 se apoiou profundamente nessa falsa imagem da “democracia racial”, propagandeando-a oficialmente como uma espécie de “mito fundador” do Brasil. Segundo a historiadora Lilian Schwarcz esse processo “fez com que nossa ‘comunidade se imaginasse’ sempre mais tolerante e avessa a demonstrações de racismo”(SCHWARCZ, 2017, p. 113), ao passo que na realidade social as diferenças entre brancos e negros se mantiveram pungentes. Nota-se que, mais uma vez, há o ofuscamento das demandas de uma grande parte da população brasileira que acumulava em si sucessivos processos de violência, exploração e marginalização.

Ao longo dos séculos XX e XXI, estes processos de racialização que impactam os grupos não-brancos foram largamente analisados, em especial por intelectuais negros. Dentre as diferentes elaborações destes estudiosos, pode-se destacar alguns elementos com especial importância para a presente pesquisa. Em primeiro lugar, apreende-se que marcadores sociais da diferença variados, como raça, gênero e classe, podem se combinar de modo a maximizar a opressão vivenciada por determinados grupos humanos

⁶ Esse debate encontra-se mais profundamente abordado em: CARRIL, Lourdes. Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania. Annablume, 2006.

(CARNEIRO, 2003; GONZALEZ, 1980⁷; HOOKS, 1984⁸). Além disso, ressalta-se que a opressão vivida por negros na sociedade brasileira não deve ser entendida com base apenas na desfavorável condição econômica da maior parte da população negra (NASCIMENTO, 2017; CARNEIRO, 2003⁹). Nota-se, também, que a territorialidade, em especial periférica, possui profundas conexões com percepções raciais (FERGUNSON; GUPTA, 2000;¹⁰ GUIMARÃES, 2003)¹¹. Salienta-se, ainda, que os indivíduos negros são constantemente representados como dotados unicamente de habilidades artísticas e esportivas, em especial relacionadas à música popular e ao futebol (DINIZ, 2011¹²; NASCIMENTO, 2017¹³). Por fim, que a escola possui um papel fundamental na perpetuação de um ensino eurocêntrico que privilegia a história *branca* e

⁷ “Uma característica primordial do Pensamento Feminista Negro é a negação da mulher enquanto categoria única. Isto porque marcadores sociais da diferença, tais quais os de raça, região e classe, teriam impacto direto nas representações e vivências femininas. Pressuposto ao qual Sueli Carneiro faz coro ao apontar a “falácia da visão universalizante de mulher” (CARNEIRO, 2003:123) e o fato de que a desigualdade de gênero comporta privilégios para as mulheres do grupo racial hegemônico (CARNEIRO, 2003:129), possibilitando uma desigualdade intragênero. Lélia González (1980), do mesmo modo, aponta a constante opressão vivenciada por mulheres negras que, para além do racismo, enfrentam o estigma da pobreza, em especial quando relacionadas aos empregos domésticos.” (apud REGO, Marina, 2020:7).

⁸ “Pesquisadores negros e pesquisadoras brancas e, mais recentemente, feministas negras – como bell hooks –, podem ter identificado um elo crucial entre sistemas interligados de opressão. Esses grupos observaram que algumas ideias básicas perpassam múltiplos sistemas de dominação. Uma dessas ideias é o pensamento dualístico do tipo ou este ou aquele, que hooks defende ser “o componente ideológico central de todos os sistemas de dominação na sociedade ocidental” (hooks, 1984: 29).” (apud HILL COLLINS, 2016:108).

⁹ Sueli Carneiro aponta que para uma pessoa negra “não basta ser rico” (2003) para atingir a igualdade, o preconceito e certas dificuldades advindas da opressão racial continuam a impactar negros abastados, pois estes não encarnam a representação idealizada da elite. Abdias do Nascimento, do mesmo modo, expõe em *O genocídio do negro brasileiro* que pobres brancos e pobres negros possuem condições de vida notadamente díspares. Deste modo, a situação de desigualdade vivida por negros não deve ser entendida, de maneira reducionista, como fruto único da pobreza.

¹⁰ Conexões e contiguidade - de modo mais geral, a representação de território - variam consideravelmente graças a fatores como classe, gênero, raça e sexualidade, e estão disponíveis de forma diferenciada aos que se encontram em locais diferentes do campo de poder. (FERGUNSON, GUPTA, 2000:47).

¹¹ “Quando falamos de lugares, falamos de etnias” (GUIMARÃES, 2003:96).

¹² Diniz (2011) expõe que a ideia da baianidade veiculada em termos de mestiçagem levou – no contexto em que impera a ideia mítica de democracia racial – ao estereótipo ofensivo da mulata baiana de sexualidade lasciva; do negro baiano como bem dotado sexualmente; de uma docilidade e alegria passivas, bem como de uma musicalidade intrínseca (DINIZ, 2011:9) (apud REGO, Marina, 2018:109).

¹³ Em *O genocídio do negro brasileiro* Abdias do Nascimento apresenta de maneira detalhada o fato de que a cultura apresentada enquanto popular – muitas vezes concebida como *inferior* ou *primitiva* - é sinônimo de “cultura negra”.

desconsidera epistemologias dissidentes, especialmente oriundas das populações africanas (GILROY, 2012).

Levando em consideração esse longo processo histórico e seus desdobramentos apontados pelas análises da intelectualidade negra que foram apresentados, pode-se traçar os principais aspectos do caráter estrutural do racismo brasileiro. Esse fenômeno, conforme se discutiu, causa impactos nas mais distintas esferas da vida da maior parte da população do país, com destaque para a educação. Retoma-se, nesse sentido, a relevância do *rap* para a análise da sociedade brasileira, na medida em que, como afirma a pesquisadora Cristiana Correia Dias: “Essas questões sofridas pelas populações negras hoje são ressignificadas e transmitidas por meio da estética da música e da dança pela cultura Hip-Hop e o rap, que, por sua vez, procura dar voz a esta população silenciada” (DIAS, 2018, p.35). Sendo assim, reivindica-se o entendimento da Monica do Amaral ao considerar a importância do movimento *hip hop* no mundo contemporâneo não só como “movimento estético com forte conotação política, mas também como estratégia fundamental de formação para a ‘juventude periférica’, que, no caso do Brasil, encontra-se, ainda hoje, à margem do projeto civilizatório” (AMARAL, 2013, p. 145).

III) O papel do *rap* na educação brasileira

Uma vez feita essa apresentação mais geral sobre o *rap* e o *hip hop*, faz-se necessário adentrar mais especificamente no tema desta pesquisa. Para isso, apresento um breve levantamento bibliográfico abarcando alguns estudos relevantes que têm sido produzidos acerca da relação entre *rap* e educação no Brasil. Como já mencionado, estes estudos se concentram fundamentalmente no debate a respeito do papel que o *hip hop* em geral, e o *rap* em particular, podem cumprir para uma educação comprometida com a diversidade étnica e cultural, seja ela escolar ou não-escolar, especialmente nas periferias das grandes metrópoles brasileiras.

Monica do Amaral desenvolveu um trabalho que teve por objetivo investigar como “o aspecto inovador da estética musical do *hip hop*, como arte juvenil urbana, poderia impulsionar uma formação crítica e emancipatória, capaz de fazer emergir na sociedade brasileira e nas escolas, uma abertura para o debate sobre a diversidade étnica e cultural” (AMARAL, 2015, p. 278). Este trabalho foi desenvolvido em parceria com a ONG Casa do Zezinho, no Capão Redondo, zona sul de São Paulo. Para Amaral, o elo entre o *hip hop* e o ensino representa uma proposta pioneira no Brasil. Além disso, a

autora defende que tal proposta permitiria “(re)pensar uma educação inspirada no *hip hop*, criando o que alguns autores americanos chamam de ‘pedagogia da indignação’, ou uma ‘pedagogia culturalmente relevante’” (AMARAL, 2015, p. 299).

Destaca-se também o estudo de Marília Sposito (2000) que, a partir da análise de fenômenos de expressão cultural de juventude, como o *rap* e o *funk*, levanta como hipótese que no processo de formação desses atores em seus grupos, estes podem “transformar o sentido da escola no projeto de vida, ao dar um novo significado para o conhecimento, para a informação e para a cultura” (SPOSITO, 2000, p. 90). Em consonância à essa ideia, é importante mencionar a pesquisa de Marcilene Garcia de Souza (2017) que, ao analisar as estratégias de organização dos *rappers* da cidade de Curitiba, verificou que existe uma forma particular de ação desses sujeitos sociais que poderia provocar impactos positivos na trajetória escolar de jovens negros no sistema educacional da cidade. Nesse sentido, para a autora, “a ação dos *rappers* contribui muito para a permanência e o sucesso dos jovens de periferia nas escolas, porque, entre outros fatores, valorizam a educação” (GARCIA DE SOUZA, 2017, p. 109).

No mesmo contexto, Elaine Nunes de Andrade (1999) desenvolveu um estudo sobre os *rappers* que se organizavam na posse Hausa, em São Bernardo do Campo. Para a autora existe nesses grupos uma ação pedagógica que, combinada com as práticas artísticas, formam o material didático manipulado pelos *rappers* no interior do grupo. Na ação pedagógica, o grupo estabeleceria e fortaleceria sua identidade étnica geracional “como condição única para a superação do mundo da exclusão e, mais ainda, do mundo da violência simbólica” (ANDRADE, 1999, p. 91). Para além disso, Andrade evidencia a potência que tal ação possui em relação à apresentação de ideias para mudanças sociais, bem como para o cultivo e luta em torno da autoestima, cidadania e direitos que abarcam as populações negras. Verifica-se, desse modo, “que a educação alternativa, desenvolvida no interior do grupo, é a responsável pela articulação da posse, a ‘Hausa’ educa-se para se constituir” (ANDRADE, 1999, p. 91).

Há, como se pode ver, um grande debate sobre a relação entre a juventude e a escola. Inserido nessa temática, Paulo Carrano levanta a possibilidade de que existe uma certa incomunicabilidade entre os sujeitos escolares, especialmente entre professores e alunos. Para o autor, essa questão diz respeito, em parte, a uma “ignorância relativa da instituição escolar e de seus profissionais sobre os espaços culturais e simbólicos nos quais os jovens estão imersos” (CARRANO, 2013, p.183). Esse cenário se apresenta,

para o autor, na combinação de alguns elementos, entre eles a massificação da escolaridade de maneira precária, não acompanhada do investimento público necessário, ao mesmo tempo, deixando de garantir uma inserção profissional e social. Outro elemento de grande destaque nesse contexto seria a relativização do poder de formação de sujeitos da instituição escolar frente às “inúmeras agências e redes culturais e educativas de elaboração de subjetividades e sentidos de existência” (CARRANO, 2013, p.183), especialmente os meios de comunicação, o mercado de consumo e os grupos de identidade.

Nesse sentido, distintas elaborações apontam para as possibilidades de utilização do *hip hop* e do *rap* para a aproximação destes sujeitos. Spensy Pimentel (2015), por exemplo, defende que – ao contrário do esperado pelo senso comum – a ética e a ideologia que envolvem o *hip hop* possibilitam relevantes ensejos para professores dos ensinos fundamental e médio, especialmente no que se refere à relação entre expectativas dos alunos e aquilo que de fato o ensino regular oferece.

Há também relações, principalmente no contexto paulistano, entre o *hip hop* e a escola pública às quais se deve dar atenção. O trabalho de João Batista de Jesus Felix (2005) demonstra que algumas posses faziam suas reuniões no interior de escolas como, por exemplo, a posse Aliança Negra. Esta “cresceu bastante no ano de 1992, quando suas reuniões ocorriam na Escola Municipal César Augusto Salgado” (FELIX, 2005, p. 108). Outro exemplo é o que ocorreu com a posse Força Ativa (posteriormente passou a se chamar Núcleo Cultural Força Ativa) que teve bastante notoriedade no ano de 2000: “o Núcleo Cultural Força Ativa passa a ter mais espaços nas escolas municipais da Cidade Tiradentes, para fazer palestras e desenvolver outras atividades” (FELIX, 2005, p. 179).

Também se vê como exemplo de relação entre o *rap* e a escola pública o projeto “RAPensando”, realizado pela Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, durante a prefeitura de Luiza Erundina. Nesse projeto, a secretaria convidou grupos de *rap*, entre eles Racionais Mcs e DMN¹⁴, para realizarem eventos e palestras nas escolas. Entre 1989 e 1992, esse projeto foi desenvolvido em 39 escolas municipais.

Vê-se, deste modo, que *rap* e educação podem se relacionar de maneiras diversas. De medidas governamentais a associações extraoficiais, nota-se que o *rap* apresenta uma série de possibilidades para medidas educativas. Diante deste dado, torna-se importante

¹⁴ Sigla para *Defensores do Movimento Negro*

aprofundar outras possíveis relações entre esta produção cultural e o ensino: afinal, o que o *rap* tem a dizer sobre a educação?

Feita essa apresentação inicial das produções acadêmicas a respeito da temática desta pesquisa, cabe observar algumas elaborações dos próprios *rappers* como forma de exemplificar seu potencial de análise. No primeiro disco do grupo Racionais Mc's, mencionado na introdução deste trabalho, encontra-se a música *Beco Sem Saída*, na qual se pode retirar o seguinte trecho:

É, meu mano KL Jay
O poder mente, ilude e domina a maioria da população
Carente de educação e cultura
E é dessa forma que eles querem que se proceda
Não é verdade?
(*Beco Sem Saída*. Racionais MC's, 1990).

Nota-se, no conteúdo expresso na letra, a ideia de uma educação e cultura que seria capaz de dotar de poder uma população imersa em uma assimétrica relação de poder. Assimetria também exposta por um dos nomes mais conhecidos do cenário do *rap* nacional na atualidade, o do mineiro Djonga, que já produziu quatro discos: *Heresia* (2017), *O menino que queria ser Deus* (2018), *Ladrão* (2019) e *Histórias da Minha Área* (2020). Em 2017, lançou o *single* denominado *Lupa*, do qual se extrai o seguinte trecho:

Olho a janela, vejo que nada mudou
Olho meus manos e pergunto, quem estudou?
Universitários dizem “ai que dó”
A bala bate, nós dizemos “ai que dor!”
(*Lupa*. Djonga, 2017).

É possível perceber que, apesar da diferença de 27 anos entre uma e outra música, os trechos retirados tratam de um mesmo aspecto da realidade brasileira: a desigualdade no acesso à educação. Entretanto, ao analisarmos a trajetória pessoal destes MCs, observa-se que enquanto Mano Brown, do Racionais Mc's, estudou na juventude até a 8ª série (hoje, 9º ano)¹⁵, Djonga foi o primeiro de toda a sua família a ingressar no ensino superior federal.¹⁶ Desse modo, é importante observar atentamente o contexto no qual as músicas foram produzidas, levando em conta que as expectativas sociais e a “natureza das decisões políticas que configuram a educação escolar não são indiferentes às épocas e conjunturas históricas” (AFONSO, 2001, p. 30). Por isso, se faz necessário situar

¹⁵ Entrevista concedida à revista Rolling Stones, edição nº 39, ano 2009.

¹⁶ Entrevista concedida ao programa *Trocando Ideia* do canal do YouTube “*Rap Box*”, Ep. 120, março de 2017. <<https://www.youtube.com/watch?v=vWrGPLVBOvY>>

historicamente e de forma correlata as mudanças ocorridas no cenário educacional brasileiro e as composições do *rap* nacional que abordam esta temática.

O contexto social brasileiro é marcado não somente por profundas assimetrias de poder social, como também pela saliente dicotomia e distinção entre público e privado. Nesse sentido, a educação nacional é expressamente afetada pela variação entre um ensino particular – destinado às camadas privilegiadas da população – e um ensino público que, em diversos contextos, é deficitário diante da primazia dos investimentos privados. Este cenário é evidenciado na letra de *O Soldado do Morro*, que compõe o álbum *Traficando Informação* do *rapper* carioca MV Bill:

Seria diferente se eu fosse mauricinho
Criado a sustagem e leite ninho
Colégio particular, depois faculdade
Não, não é essa minha realidade
Sou caboquinho comum, com sangue no olho
Com ódio na veia, soldado do morro
(O Soldado do Morro, MV Bill. 2000).

Da mesma forma, observa-se em diversas músicas referências à precariedade das escolas na periferia, como por exemplo em *Nada é Mais como Antigamente*, do grupo Facção Central:

Em Alphavile é piscina
Escola particular e vigia na guarita
Aqui é sangue, algema no pulso
Professor na escola de quinze em quinze dias
(*Nada é Mais como Antigamente*. Facção Central, 1999).

Além disso, houve nos últimos anos uma intensa discussão acerca da desigualdade racial e social na educação brasileira, especialmente no que concerne ao ensino superior. As demandas sociais em torno desta assimetria culminaram na implantação de políticas públicas de ações afirmativas. Essas políticas, inclusive, foram objeto de diversas produções artísticas, com destaque para as músicas *Quadro Negro*, do grupo Simples Rap'ortagem, e *Cota não é esmola*, da cantora Bia Ferreira. Diversas outras referências a esse aspecto da educação brasileira podem ser encontradas em músicas de *rap*. Um exemplo é a música *Capítulo 4, Versículo 3* dos Racionais MCs, gravada em 1997, que se inicia com a apresentação de algumas estatísticas da sociedade brasileira na época, das quais se destaca que “nas universidades brasileiras, apenas 3% dos alunos são negros” (RACIONAIS MCS, 1997).

É possível observar, também, a recorrência de composições de *rap* que abordam questões relacionadas à educação ou à escola com relatos de situações de reprovação e de fracasso escolar, as quais, muitas vezes, culminam no abandono da escola. Além disso, chama a atenção nessas manifestações a reivindicação de outros lugares sociais onde estes sujeitos, uma vez fora da escola, conseguem dar continuidade a sua formação, por exemplo, a rua, a criminalidade ou o próprio *hip hop*. Essa situação pode ser observada, por exemplo, no trecho da música “Corpo Fechado”, lançada em 1989 pelo grupo Thaíde e DJ Hum:

Fugi da escola com 10 anos de idade
As ruas da cidade foram minha educação
(Thaíde e DJ Hum, Corpo Fechado, 1989)

Situação semelhante é narrada na música “Brinquedo Assassino”, do grupo A Família, lançada em 2004:

Abandonei a escola da rua fiz abrigo
Na malandragem um discurso agressivo.
(A Família, Brinquedo Assassino, 2004)

Também no trecho cantado pelo *rapper* Choice, na música “Favela Vive 3”, lançada por um conjunto de artistas no ano de 2018, encontra-se o seguinte relato:

A escola me reprovou de série,
Mas a rua me aprovou pra ser representante dela.
(Favela Vive 3, Vários Artistas, 2018)

Observando as produções do *rap*, pode-se refletir sobre outros momentos da educação brasileira, como por exemplo, a implementação da lei nº 10.639 de 2003, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Pode-se dizer que os *rappers* estiveram, de alguma maneira, atentos a esse debate: em entrevista realizada por Spensy Pimentel para o seu trabalho *Livro Vermelho do Hip Hop*, Thaíde, reconhecido como um dos precursores do *rap* no Brasil, deixa o seguinte relato:

Eu me lembro na escola, quando tinha 13 de maio a professora mostrava a figura do escravo com a corrente no pé, eu pensava “esse sou eu?” Ela contava que a princesa Isabel aboliu a escravidão. Nunca disse que foi aquele negro por si que conquistou a liberdade (PIMENTEL, 1999, p. 112).

Pode-se observar que 10 anos após a implantação da lei essa atenção ao referido debate ainda se manteve, por exemplo, quando Genival Oliveira Gonçalves, expoente do *rap* de Brasília conhecido como GOG, em trecho do documentário *O Rap pelo Rap* declara que:

O *rap* é a nossa **10.639** ambulante, é o ensino afro-brasileiro, é a visita à África, a volta às nossas origens, é a “afro-diáspora” [...] (O RAP PELO RAP, 2014). (Grifo meu em menção ao número da lei).

IV) Sobre o Referencial Teórico

Uma vez apresentado o gênero musical que serve de material a esta pesquisa, assim como o levantamento de distintas possibilidades de relacioná-lo ao campo educacional, faz-se necessário pontuar a maneira pela qual o tema e o objeto desta investigação foram tratados em diálogo com o referencial da Teoria Crítica da Sociedade.

Primeiramente, partindo do referencial adotado, observa-se uma dificuldade apontada por Theodor Adorno, a propósito da sociologia da música, em se produzir “algo que não se limite a perguntar como a arte se situa na sociedade, como nela atua, mas que queira reconhecer como a sociedade se objetiva nas obras de arte” (ADORNO, 1986, p. 114). Isso quer dizer que não basta ao pesquisador observar de que maneira a arte expressa características da sociedade na qual ela está inserida, ele deve procurar observar também aquilo que a sociedade impede que ela pudesse ser. Neste sentido, reivindica-se o entendimento da pesquisadora Ive Braga, no qual afirma que “o trato com os objetos da cultura deve, portanto, investigar em quais termos a arte obedece, reproduz, escapa ou transcende a sociedade” (BRAGA, 2017, p. 32).

Em diálogo com essa problemática, compreendeu-se que o objeto desta pesquisa – o conteúdo das letras de *rap* nacionais acerca da escola e da educação brasileiras – deveria ser analisado buscando não apenas identificar aquilo que expressa imediatamente, mas também as limitações e possibilidades daquilo que o conteúdo das letras de *rap* pode expressar diante do processo histórico e social no qual se encontra imerso. Desse modo, tratando-se de uma análise que tem como foco um produto da cultura, se faz necessário compreender as transformações a que ela foi submetida no atual contexto histórico e social, assim como os impactos destas transformações na relação dos indivíduos com a sociedade em geral.

Desse modo, portanto, a noção de Formação Cultural (ADORNO, 1993) é essencial para esta pesquisa. Tal formulação teórica compreende a forma pela qual os indivíduos se apropriam da cultura, entendida em seu mais amplo aspecto, que engloba, entre outros elementos, o acúmulo do conhecimento produzido historicamente pela sociedade, além da própria linguagem, a qual se faz presente nas mais diversas formas de relações que os sujeitos sociais estabelecem, tanto com os outros sujeitos quanto com os objetos que os cercam. Sendo assim, entende-se que a formação cultural é realizada por meio de diferentes esferas de socialização dos indivíduos na sociedade, com destaque para a educação. Segundo Adorno, a origem desse conceito remonta à época do avanço do projeto burguês de sociedade, pautado nos ideais do iluminismo, o qual tinha em vista a possibilidade do desenvolvimento integral do indivíduo, permitindo o exercício pleno da liberdade e da autonomia.

Para Adorno, o processo de consolidação desse projeto burguês, com base no desenvolvimento das relações de produção capitalista, especialmente na fase monopolista deste sistema econômico, a qual define pela expressão *capitalismo tardio*, culminou, contraditoriamente, no colapso do próprio ideal de formação cultural. Ao longo desse processo, a formação cultural, que buscava a liberdade e a autonomia dos indivíduos, se converteu exatamente no seu oposto, em pseudoformação (ADORNO, 1993). Ao contrário do desenvolvimento das capacidades dos indivíduos para uma atuação crítica e reflexiva na sociedade, a pseudoformação busca a adaptação cada vez maior destes à ordem social vigente, portanto, à reprodução desta sociedade baseada na dominação.

Nessa condição histórica e social que o autor busca analisar, houve uma mudança profunda na relação dos indivíduos com a cultura, mediante o alargamento da escolarização e, principalmente, o advento dos meios de comunicação de massa. Tal mudança poderia significar uma maior democratização dos bens culturais produzidos pela sociedade, com base em um incremento sem precedentes na sua oferta e diversificação, por exemplo, por meio do cinema e do rádio. No entanto, para os autores da Teoria Crítica da Sociedade, essa mudança não foi só quantitativa como também qualitativa, uma vez que a cultura passou a ser tratada como uma mercadoria e, desse modo, submetida ao princípio da troca de equivalentes, tal como descrito por Karl Marx. A esse fenômeno os autores dão o nome de indústria cultural (HORKHEIMER e ADORNO, 1985). Como mercadorias a serem reproduzidas em larga escala, os produtos culturais são destituídos de qualquer conteúdo autêntico e, permeados por diversos clichês e estereótipos,

reduzem-se à repetição de fórmulas e esquematismos elaborados pela indústria, de tal forma que “os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.102).

A indústria cultural, por meio dos veículos de comunicação de massa, consegue penetrar os mais diversos ambientes e camadas da sociedade, seja no âmbito público ou privado, inclusive nos lares e espaços de lazer. Ao fazer isso, ela reduz os indivíduos à condição de consumidores de produtos culturais afirmando, contraditoriamente, que os conteúdos destas mercadorias seriam orientados por eles próprios. No entanto, como afirma Adorno, “o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer” (ADORNO, 1986, p. 93), ele não é fator primeiro para a indústria, ao contrário, é um elemento secundário, funciona como uma espécie de apêndice da maquinaria. Em outras palavras: “o consumidor não é sujeito da indústria cultural, mas objeto dela” (ADORNO, 1986).

Desse modo, até mesmo o tempo livre dos indivíduos encontra-se sob o controle da indústria; tanto no trabalho quanto no lazer, as pessoas “devem se orientar por essa unidade que caracteriza a produção” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 105). Esse sistema, portanto, torna praticamente impossível qualquer forma de evasão por parte dos indivíduos e “impõe sem cessar os esquemas de seu comportamento” (ADORNO, 1986, p. 98). Sendo assim, os autores se preocuparam em apresentar de que modo esse fenômeno pôde alterar os sentidos e a subjetividade dos indivíduos, por exemplo, aprofundando o impedimento da espontaneidade e a atrofia da imaginação.

Vê-se, dessa forma, que a indústria cultural se vincula intimamente ao processo da pseudoformação, ao contribuir com a perda da possibilidade da experiência autêntica dos sujeitos com a cultura e a sociedade e, portanto, reduzindo-os à condição de objetos. Segundo Adorno, “a desmistificação, a *Aufklärung*, a saber, a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (ADORNO, 1986, p. 99).

Compreender esse processo é fundamental para a análise que esta pesquisa pretendeu dar conta, uma vez que:

O que hoje se manifesta como crise na formação cultural (*Bildung*) não é exclusivamente objeto principal de uma disciplina particular ou mesmo da sociologia da educação (cultura). Os sintomas de colapso da formação cultural, que se observam por toda parte, inclusive entre as pessoas mais cultas, não podem ser inteiramente explicados pelas

inadequações dos sistemas educativos e dos métodos de ensino, criticados já de há muitas gerações. (ADORNO, 1993, p. 1).

Segundo o autor, os sintomas do colapso da formação cultural contribuem, também, para a reprodução da barbárie no seio da civilização na medida em que incidem sobre a subjetividade dos indivíduos, alimentando nestes um ressentimento diante da cultura e da sociedade, pautado em um imperativo da autopreservação. Tais características, que se constituíram como parte do modo de socialização predominante nessa sociedade, criaram nos indivíduos condições férteis para a adesão cega à coletivos, a submissão acrítica à autoridade e a disposição à distintas formas de preconceito, assim como favoreceram comportamentos baseados em impulsos destrutivos e na regressão à violência. Desse modo, na visão do autor, é possível identificar no próprio processo civilizatório, o desenvolvimento das condições sociais que permitiram acontecimentos tão terríveis como, por exemplo, os que se passaram em Auschwitz.

Neste sentido, levando em consideração que os acontecimentos históricos são frutos das atitudes de indivíduos e que tais atitudes, por sua vez, são permeadas por disposições psíquicas e tendências de comportamento que tem origem no modo de socialização predominante, apreende-se da análise de Adorno, que o fenômeno do nazifascismo, por exemplo, tem origem, também, em condições subjetivas dos indivíduos produzidas objetivamente pela sociedade capitalista. De acordo com esse raciocínio, embora a violência e o autoritarismo tenham se apresentado de maneira mais sistemática e catastrófica no contexto do III Reich, as condições que propiciaram esse desdobramento se fizeram presentes, e ainda fazem, nas mais diversas localidades do mundo, incluindo países tomados como referência no campo das democracias. Tal fato foi evidenciado, por exemplo, na investigação feita por Adorno e distintos pesquisadores nos EUA acerca da personalidade autoritária, o qual colocou em evidência um tipo de personalidade que expressa, em diferentes níveis, a regressão da consciência dos indivíduos ou, nas palavras do autor, uma consciência coisificada, incapaz de se relacionar com o não idêntico e, portanto, que tende reduzir a todos e a si próprio à condição de objeto.

De acordo com as análises de Adorno, é possível observar no contexto escolar distintos elementos que contribuem para o aprofundamento do fenômeno da pseudoformação. Um destes elementos é a presença na escola de uma lógica competitiva, a qual cumpre um papel de adaptação dos indivíduos a uma sociedade baseada na desigualdade, que se expressa, por exemplo, na falsa ideia da meritocracia. Outro

elemento diz respeito a existência de uma dupla hierarquia escolar, sendo uma a oficial, que está relacionada ao desempenho nas disciplinas consideradas mais teóricas, e outra não-oficial, com foco no desempenho nos esportes e na popularidade dos indivíduos. Tal elemento serve ao propósito de promover a identificação com os mais fortes, assim como delimitar àqueles que devem se tornar alvos do preconceito. Além disso, Adorno chama a atenção à determinados tabus em relação ao magistério que se manifestam, por exemplo, em falsas representações sobre a imagem dos professores, os quais são tomados como representantes do processo civilizatório e, portanto, se tornam alvos do ódio à civilização.

Diante desse contexto, Adorno buscou pensar formas através da educação de interromper ou limitar o processo de pseudoformação, em outras palavras, promover a desbarbarização e o esclarecimento. Pode-se extrair de sua análise que para que isso possa ocorrer a educação necessitaria produzir nos indivíduos a consciência dos motivos que conduzem a sociedade à dominação e à barbárie, assim como combater as tendências sociais à adaptação e ao preconceito. Nesse sentido, o autor aponta para a importância de a educação incentivar a criatividade e promover a experiência, entendida como o contato autêntico dos indivíduos com os objetos e sujeitos que os cercam, não abrindo mão da auto-reflexão crítica e da educação política.

É preciso investigar, neste sentido, de que maneira esse fenômeno pode se relacionar com a produção nacional do *rap*, especialmente no que se refere ao conteúdo de suas letras, ou seja, na elaboração que os *rappers* fazem sobre seu contexto social, e conseqüentemente, sobre a educação brasileira. Diante destas considerações, faz-se necessário analisar em que medida o conteúdo analisado nas letras de *rap* pode expressar as tendências que constituem o processo de pseudoformação dos indivíduos. Os aspectos da escola ou da educação elaborados nas letras de *rap* analisadas se aproximam ou não daqueles apontados por Adorno como expressão da crise da formação cultural? Em que medida a visão que os *rappers* desenvolvem sobre o contexto educacional brasileiro aponta ou não para a superação deste processo, ou seja, para uma educação voltada à emancipação dos indivíduos?

Outra possibilidade analítica viabilizada por esta pesquisa encontra-se na observação das possíveis tensões presentes no *rap* em relação a determinados elementos tomados da análise de Horkheimer e Adorno sobre a indústria cultural como, por exemplo, seu aspecto totalizante. Esse elemento acabaria por absorver e, assim, neutralizar qualquer crítica ou dissonância em relação aos propósitos deste sistema social,

que é a manutenção da dominação, deixando pouca ou nenhuma possibilidade de escapatória aos produtos da cultura. Alguns estudos apontam, entretanto, uma visão de que o *rap* se constitui – em diversos contextos – como um gênero musical predominantemente crítico ao *status quo* e que, com frequência, apresenta-se contrariamente a um projeto burguês de sociedade. Diante destes fatos, seria possível que o *rap* expressasse as tendências apontadas pela Teoria Crítica da Sociedade, tais como a da regressão e do conformismo e, concomitantemente, representasse uma crítica social direcionada à superação do modelo sócio-econômico vigente? Em vista desta possibilidade, quais seriam os limites desta crítica? Ou, ainda, quais seriam os limites da adaptação imposta pela indústria cultural à produção artística?

V) **As transformações no *rap* e a indústria cultural**

O *rap*, como qualquer gênero musical, é um produto da cultura. Sendo assim, encontra-se imerso no referido processo histórico de transformação da cultura em mercadoria, o qual Adorno e Horkheimer chamaram de indústria cultural. Os autores em questão justificam a denominação indústria cultural para diferenciar esse fenômeno daquilo que se compreendia, até então, por cultura de massa. Para eles, na expressão cultura de massa está contido, também, um significado mais próximo do que se conhece usualmente por cultura popular, ou seja, uma forma de manifestação cultural de origem nas camadas populares, produzida espontaneamente por estas. Diferentemente disso, a indústria cultural compreende uma produção de mercadorias culturais voltada ao consumo das massas, elaborada a partir de esquematismos próprios da indústria e com o propósito de promover formas de agir e de pensar que servem à manutenção da ordem social capitalista.

Essa distinção apresentada pelos autores se faz importante na medida em que a indústria cultural por si só não impede o surgimento de uma produção cultural espontânea ou à margem da dinâmica mercadológica que ela impõe. No entanto, há um constante esforço para a captura destas manifestações da cultura e para sua incorporação nos moldes e objetivos da indústria cultural, assim, neutralizando qualquer conteúdo autêntico que poderiam apresentar.

O sociólogo José de Souza Martins, em seu trabalho sobre capitalismo e tradicionalismo, apresenta importantes contribuições a respeito desta dinâmica ao refletir sobre a diferença entre a música caipira e a música sertaneja. O autor demonstra que a

música caipira não tem sentido apenas como música, na verdade está inserida num conjunto de relações próprias do meio social “caipira”, apresentando-se sempre como acompanhamento de alguma forma de rito, como por exemplo a religião, o trabalho e o lazer. Sendo assim, na visão do autor a música caipira possui determinado “valor de utilidade” e constitui-se como meio. Ao contrário, a música sertaneja apresenta-se como “fim em si mesmo”, inserida no mercado e voltada apenas ao consumo. Essa distinção é fundamental na medida em que, no caso da música sertaneja, “a música não medeia as relações sociais na sua *qualidade* de música, mas na sua qualidade de mercadoria” (MARTINS, 1975, p. 113). Encontra-se aí um dos pontos centrais que configuram a lógica da indústria cultural, a qual se opõe diametralmente à lógica dessa “cultura popular”, que é a forma pela qual seus produtos se apresentam na mediação das relações sociais. Em outras palavras, seguindo o mesmo exemplo, o autor define que: “a música sertaneja é diversa da música caipira porque circula revestida da forma valor de troca, sendo esta a sua dimensão fundamental” (MARTINS, 1975, p. 113).

Essa problematização parece ser essencial para refletir com mais profundidade sobre como se deu o desenvolvimento do *hip hop* e do *rap*, em especial, tanto nos EUA quanto no Brasil, em relação à indústria cultural, representada principalmente no mercado fonográfico e na mídia. Tal reflexão, ainda que breve, se faz importante na medida em que o *rap*, com o passar do tempo, adquiriu um lugar de grande destaque no cenário musical internacional. É notório, nesse sentido, que distintos *rappers*, especialmente norte-americanos, alcançaram posições de elevadíssimo sucesso nas “paradas musicais” em todo o mundo, construindo grandes fortunas por meio da comercialização de suas músicas. Apenas para citar alguns nomes mais conhecidos temos, por exemplo: 50 Cent, Snoop Dog, Jay Z, Eminem, Kanye West, Kendrick Lamar, Drake, entre muitos outros.

A despeito de tamanho alcance e inserção do *rap* no mercado musical internacional, sabe-se que esta realidade é bem distinta da qual esse gênero se desenvolveu. Como já abordado na introdução deste trabalho, o *rap*, em linhas gerais, tem sua origem nos anos 1970, localizado nos bairros periféricos da cidade de Nova York, onde a existência se dava de maneira bastante precária, em um cenário que combinava a violência das ações policiais e das disputas entre as gangues, com a falta de acesso à distintas direitos sociais como educação, saúde, transporte, entre outros. Em outras palavras, se a própria presença do estado e o acesso à direitos básicos era extremamente pontual nesses territórios, pode-se imaginar que os olhos das grandes produtoras musicais passavam bem longe.

Nesse sentido, o *hip hop* e o *rap* se constituíram com base na combinação de expressões da cultura negra afro-americana e caribenha, a qual acontecia em espaços de socialização organizados e frequentados pelos próprios sujeitos destas localidades, o que era feito muitas vezes de maneira improvisada, “reciclando” aparelhagens de som que haviam sido descartadas, usando ligações elétricas irregulares, entre outras “improvisações”. Algumas vezes esses espaços se desenvolviam em locais públicos, mas muitas vezes nas casas das pessoas. A princípio o objetivo era proporcionar o próprio lazer, visto que nesses contextos a oferta era extremamente limitada. No entanto, tais espaços serviam também como forma de construir laços de identidade e de solidariedade entre os sujeitos que ali frequentavam. Conforme esses espaços foram se desenvolvendo, em concomitância à consolidação do *hip hop* (e do *rap*) como uma expressão cultural e artística com uma estética e linguagem próprias, passaram a exercer um papel de organização, de expressão política e, inclusive, de formação, por meio da transmissão de certos conhecimentos¹⁷ como forma de “conscientização”, por exemplo, a história e a cultura da diáspora africana.

Percebe-se, após esse breve histórico, que o *rap*, como gênero musical, teve em sua origem um desenvolvimento relativamente alheio ao alcance da indústria cultural. Além disso, retomando o debate de Martins sobre a música caipira e a música sertaneja, pode-se perceber que o *rap*, nesse momento, apresentava-se em seu meio social muito mais por seu “valor de uso” do que por seu “valor de troca”, inclusive sendo muito pouco rentável para aqueles que se dedicavam exclusivamente em produzi-lo. No entanto, sabe-se que esta situação foi se transformando com o passar do tempo e o *rap* foi sendo incorporado às redes da indústria cultural, o que não ocorreu sem grandes contradições, as quais podem ser observadas, também, na análise da trajetória do gênero no Brasil.

Conforme já se abordou aqui, o *hip hop* chega ao Brasil por volta do final da década de 1980, a princípio nos chamados bailes *black* e depois ganhando espaço nas ruas de grandes cidades como São Paulo. Observa-se que, diferentemente de como acontece hoje, principalmente a partir das plataformas de *streaming*¹⁸, para um gênero musical atravessar continentes e chegar em distintas localidades do mundo, era preciso que

¹⁷É elucidativa, nesse sentido, a iniciativa de Afrika Babaataaa em introduzir o “conhecimento” como um dos cinco elementos constituintes da cultura *hip hop*.

¹⁸ Com isso não se pretende afirmar uma democratização real na maneira pela qual as produções musicais são divulgadas, até porque a maior parte destas plataformas são de capital privado. A Tidal, por exemplo, de propriedade do rapper Jay Z, já foi acusada de adulterar o número de acessos de álbuns da cantora Beyonce e do rapper Kanye West, segundo reportagens da imprensa.

estivesse relativamente consolidado e inserido no meio das grandes produtoras musicais, o que já estava acontecendo com o *rap* estado-unidense. Além disso, a estética do *hip hop*, os modos de se vestir e de se comportar, também já chegavam aqui por meio do cinema e da televisão. Ainda assim, a oferta não era tão grande como nas décadas que se seguiram, o que fazia com que os jovens que se identificavam com a cultura *hip hop* tivessem que se organizar para fazer circular as novidades que chegavam, por meio de trocas de discos, fitas K7, filmes em VHS, etc.

Desse modo, ainda que o *hip hop* e o *rap*, em especial, tenham penetrado no Brasil por meio da indústria cultural, cabe ressaltar que todo esse material não era apenas consumido pela juventude brasileira, era também apropriado e reelaborado na produção de algo novo. A própria questão da língua colocava a necessidade de uma grande reinterpretação, na medida em que a maior parte da juventude do *hip hop* não possuía acesso à uma educação na língua inglesa, ainda mais naquela época. Obviamente se compreendia do que as letras das músicas tratavam, por exemplo do racismo, da violência policial, entre outras questões, e isso fazia com que os jovens brasileiros se identificassem com as músicas. No entanto, segundo os relatos daqueles que viveram esse momento, muito do que se incorporava eram as maneiras de cantar, de se comportar, de se vestir. Afinal, a necessidade de denunciar e combater a precariedade das condições de vida, a ausência de direitos sociais, a violência e o racismo, tudo isso já havia de sobra por aqui.

Explicitadas algumas diferenças na dinâmica do desenvolvimento do *rap* no Brasil, cabe ressaltar certas semelhanças entre essas duas trajetórias. Em primeiro lugar, pode-se observar que os espaços onde o *hip hop* se proliferou, no início, eram frequentados preponderantemente por uma juventude periférica, espaços com pouca estrutura, distante dos interesses tanto do poder público quanto do mercado da cultura. O exemplo mais comum é a estação São Bento do metrô de São Paulo, que por estar numa região central da cidade, servia de ponto de encontro de jovens que vinham dos diferentes bairros periféricos¹⁹, e eram frequentemente reprimidos pela ação policial. Desses encontros, que também aconteciam nas periferias, além de distintas cidades e regiões do país, foram surgindo as primeiras gravações em coletâneas de *rap*, depois os primeiros

¹⁹ Não por acaso foi nesse contexto que Kl Jay, que morava na Zona Norte, se encontrou com Mano Brown, da Zona Sul. Kl Jay, então, apresentou Edi Rock para Mano Brown, que por sua vez apresentou Ice Blue aos outros dois. Como se sabe, em decorrência desse encontro, formou-se o quarteto que constitui o grupo Racionais MC's.

discos de grupos específicos, ainda sem a o apoio das grandes produtoras musicais e, principalmente, da mídia em geral.

Ao longo dos anos 1990, a produção do *rap* foi sendo consolidada e seu público crescendo, o que fez com que fosse necessária uma maior estrutura para a circulação da dos discos de *rap* nacionais. Combinado a isso, se intensifica a demanda para determinado retorno financeiro a aqueles que colocavam sua vida na produção deste gênero musical. Tudo isso caminhou para uma aproximação maior com a indústria cultural. No entanto, ainda predominava certo receio, por parte dos *rappers*, em integrar-se mais profundamente. Segundo o pesquisador Ricardo Taperman:

A partir do início dos anos 1990, a excelência da produção musical e poética do grupo Racionais MC's, aliada ao rigoroso discurso de classe e raça e à **recusa renitente a deixar-se assimilar pelos esquemas comerciais do mercado da música**, configurou o forte paradigma político que passou a nortear a produção, a recepção e a crítica do rap no Brasil. (TAPERMAN, 2015²⁰)(grifo meu)

Esse debate, em torno da aproximação ou não com as grandes produtoras musicais e a mídia, especialmente a televisão, atravessam toda a história do *rap* nacional até os dias atuais. Há distintos posicionamentos dos *rappers* em relação a isso, alguns bastante renitentes, como por exemplo o de Eduardo Tadeo, ex-integrante do Facção Central, que apesar de sua longa trajetória no *rap* e sua gigante produção musical, tem pouquíssimas aparições televisivas e até mesmo em grandes festivais com fins comerciais. Outros são mais flexíveis, alegando que, desde que se mantenha a “atitude” e que não se esqueça das origens, a inserção no mercado é, até certo ponto, bem-vinda. É o caso, por exemplo, do *rapper* Emicida, que já se viu envolto em distintas polêmicas por esse posicionamento. Alguns, inclusive, são bastante entusiastas da integração do *rap* na indústria cultural, afirmando que isso significaria um avanço para o conjunto do *hip hop*²¹. Obviamente não se trata aqui de julgar a legitimidade de qualquer destes entendimentos, apenas pontuar a maneira pela qual o *rap* é permeado por essa relação com a indústria cultural. Até porque

²⁰ As distintas referências à obra de Ricardo Taperman *Se Liga no Som: as transformações do rap no Brasil* não apresentam a numeração de página de onde foram extraídas. Justifica-se que o acesso à obra foi feito por meio do *Kindle* (dispositivo para leitura de livros digitais), que não fornece essa informação.

²¹ Certa vez um *rapper* bastante conhecido na cidade de Franca, no interior de São Paulo, se pronunciou em um evento do *hip hop* na cidade questionando por que não se via *rap* no programa Domingão do Faustão, da TV Globo, afirmando que isso era algo que deveria ser buscado, assim como o patrocínio das grandes marcas de roupas e acessórios. Para ele, isso significaria uma profissionalização do *hip hop* e do *rap*, indo para além dos espaços construídos pelo próprio movimento.

os próprios *rappers* se ocupam bastante deste debate, o que, inclusive, se expressa em distintas composições do gênero. Dito isso, ressalta-se que tal relação está muito para além dos posicionamentos individuais ou de grupos específicos de *rap*. Na verdade, é algo determinante para a análise de como o *rap* se desenvolveu e se transformou no Brasil.

Como já dito anteriormente, do final dos anos 1980 até os dias atuais o *rap* nacional passou por diversas transformações. Uma delas foi o aparecimento de variados subgêneros ou vertentes, além de uma importante diversificação dos tipos de sujeito que produzem e cantam *rap*, principalmente com o incremento no número de mulheres²², mas também de pessoas LGBTQIA+ (o que parecia impossível em meados dos anos 1990), indígenas, entre outros grupos sociais. O público ouvinte de *rap* também mudou profundamente, alcançando as mais distintas classes sociais e regiões do país. No meio de todas essas mudanças, destaca-se a relação com a indústria cultural, a ponto de ser considerada por distintos autores como um marco que distingue o *rap* nacional entre duas gerações (“velha escola” e “nova escola”). Nessa perspectiva, Taperman afirma que, enquanto a chamada “velha escola”, representada fundamentalmente na figura dos Racionais MC’s, era caracterizada por aquela renitência em deixar-se assimilar, a “nova escola”, expressa, por exemplo, na figura de Emicida, seria caracterizada por uma maior “desenvoltura na administração de sua produção artística como ‘negócio’” (TAPERMAN, 2015).

Para o autor há distintos elementos que devem ser levados em consideração para se compreender esse fenômeno. Em primeiro lugar, há que se considerar os impactos das transformações políticas, sociais e econômicas que o Brasil passou, principalmente a partir da segunda metade da década de 2000, das quais destacam-se a maior escolaridade e o maior poder de consumo das classes populares. Além disso, ressalta a própria dificuldade com a qual os *rappers* da “velha escola” tiveram que lidar para inserirem-se no mercado, ou seja, essa desenvoltura da nova geração seria “tributária do fato de os veteranos terem ‘patinado’ em sua inserção no mercado da música” (TAPERMAN, 2015). Tendo em vista estas mudanças históricas no contexto brasileiro, Taperman afirma que:

²² Analisando o cenário do *rap* nacional hoje, é bastante perceptível o modo como o número de mulheres aumentou. Porém, é importante ressaltar a presença de distintas MCs que atuaram no gênero desde as suas origens, passando por toda a década de 1990. Algumas das mais conhecidas são: Dina Di (Visão de Rua), Cris (Lady Rap), Sharylaine, Negra Li (RZO), Nega Gizza e Cris (SNJ).

O rap se tornou não apenas mais plural — no que diz respeito às várias bandeiras político-ideológicas que se associam ao gênero — como tendeu a baixar a guarda com relação às instituições que representam o status quo, como mídia e mercado. (TAPERMAN, 2015)

Nesse contexto, distintos autores afirmam que passou a figurar uma tendência no *rap* que foi chamada de “ostentação”. Essa expressão, como se sabe, foi muito mais frequentemente utilizada ao se tratar do funk brasileiro e, mais recentemente, tem servido para caracterizações a respeito do gênero *trap*. Em linhas gerais, a denominação “ostentação” atrelada à um gênero musical, tem por objetivo identificar a presença de certa exaltação ao consumo e ao dinheiro, em contraposição a existência de conteúdos políticos e críticas sociais. Em outras palavras, serve para designar uma adaptação mais profunda à lógica do mercado, portanto, que se alinha mais imediatamente aos propósitos da indústria cultural. Seu uso atrelado ao *rap* nacional, ainda que controverso e independentemente de sua precisão, provoca reflexões importantes, na medida em que expressa tendências que, sem dúvida, se fazem presentes nos mais diversos gêneros musicais.

CAPÍTULO 2

Na trilha do *rap*: percursos da investigação e análise das letras

Feita essa apresentação acerca do tema e do problema da pesquisa, assim como do referencial teórico e dos objetivos que a norteiam, passa-se as etapas de investigação, organização dos dados e análise do material. Neste capítulo serão apresentados, no início, os procedimentos elaborados para a realização da pesquisa. Em seguida, será apresentada uma análise a partir dos dados quantitativos do levantamento empreendido. Por fim, serão apresentadas e analisadas as letras de *rap*.

Desse modo, em primeiro lugar foi necessário estabelecer o *corpus* da pesquisa, ou seja, definir o conjunto de composições que seriam analisadas. Diante da diversidade e do grande volume das produções musicais do gênero *rap*, foi preciso delimitar uma parcela deste material para que fosse possível a realização da análise proposta. Sendo assim, optou-se por selecionar uma quantidade de grupos de *rap* que pudesse, de alguma maneira, ser representativa dessa vasta produção.

Após essa seleção, foi preciso vasculhar a produção musical desses grupos a fim de identificar as letras que faziam referência à escola e/ou à educação. Para isso, recorreu-se à *websites* que reúnem letras de músicas diversas para realizar o rastreamento das músicas, o que foi feito a partir de palavras-chave específicas. Uma vez rastreadas as letras de *rap*, foi necessário organizar este material: separar os excertos que continham as palavras-chave estabelecidas e sistematizá-lo em conjunto com os dados da música, do disco, do ano de lançamento e do grupo. Além disso, foram desenvolvidas categorias para dispor o material em função de um mesmo núcleo temático. Tais procedimentos serão expostos com maior detalhe no capítulo.

Com base nessa organização e sistematização do material de pesquisa foi possível extrair determinadas análises com base na incidência do debate educacional nas letras de acordo com o grupo específico, o período, a categoria. Também foi possível estabelecer uma série de relações entre esses distintos âmbitos e as conjunturas políticas e sociais do contexto brasileiro. Após isso, foram desenvolvidas as análises do conteúdo de dez excertos selecionados em cada uma das categorias formuladas, tendo como base os apontamentos do referencial teórico adotado nesta pesquisa. Todas essas análises e relações serão expostas aqui.

Por fim, será elaborada uma síntese das análises empreendidas. Pretende-se fornecer um panorama geral dos principais debates que os *rappers* elaboram a respeito da escola e da educação em suas composições em diálogo com as transformações na conjuntura política e econômica da sociedade brasileira nas últimas décadas e com os aportes do referencial teórico da Teoria Crítica da Sociedade, especialmente no campo da cultura e da educação, visando aprofundar o entendimento sobre as possibilidades do *rap* como linguagem e da potencialidade dos sujeitos sociais que ele abarca. Destaca-se, também, a importância desse gênero musical e dessa cultura para construir uma compreensão “vista de baixo” do contexto social brasileiro e suas transformações históricas, bem como do imaginário social de uma parte da população deste país e de suas necessidades e reivindicações.

I) Definição do material analisado

Em diversas pesquisas científicas, de diferentes áreas do conhecimento, inclusive no campo das ciências humanas e sociais, é comum que exista um número muito grande de material possível de ser analisado. Desse modo, consolidou-se a prática de trabalhar com uma amostragem, técnica que possibilita, com base em determinados critérios, analisar certo fenômeno mais amplo a partir das tendências encontradas em uma parte das fontes disponíveis. Na pesquisa social, utiliza-se diversas formas de seleção de amostragem, as quais podem ser divididas em dois grupos: amostragens probabilísticas e amostragens não-probabilísticas (GIL, 1985). Nesta pesquisa, optou-se pela amostragem não-probabilística, ou seja, estabelecida através de critérios definidos pelo próprio pesquisador. Neste sentido, alguns procedimentos foram adotados com a intenção de proporcionar maior rigor metodológico ao processo de seleção.

O primeiro procedimento foi consultar a bibliografia especializada para identificar os grupos de *rap* utilizados com maior frequência nas pesquisas sobre o assunto. Desse modo, cinco trabalhos, de distintos campos do conhecimento, publicados no período de 2006 a 2016, foram tomados como referência para investigar quais eram os grupos selecionados pelos autores e de que modo essa seleção ocorreu. Destacam-se as dissertações de mestrado de João Paulo Ganhor (2016) e Vinicius Golçalves Bento da Silva (2004), que adotaram critérios precisos para a escolha dos grupos, selecionando os que apresentavam maior número de aparições em revistas especializadas no gênero, tais

como as revistas *Rap Nacional* e *Rap Brasil*. Após essa seleção, os autores vasculharam todas as letras das músicas desses grupos procurando referência à Ciência e à Tecnologia, no primeiro caso, e às Drogas, no segundo.

Os demais trabalhos não apresentaram procedimentos tão precisos de seleção dos grupos analisados, no entanto, forneceram um importante material na medida em que buscaram, também, trabalhar com uma amostra interessante da produção do *rap*. A dissertação de Priscila Matsunaga teve por objetivo analisar letras de *rap* buscando identificar as representações sobre a mulher nessas produções, analisando, em uma primeira parte do trabalho, somente músicas compostas por homens e, posteriormente, dando destaque às composições de mulheres.

Roberto de Oliveira, por sua vez, constituiu um arquivo pessoal de músicas de *rap*, do qual retirou os fragmentos utilizados na dissertação buscando identificar as percepções sobre a vida social brasileira através das letras de *rap*. Por fim, o jornalista Franklin Martins apresenta uma obra que se divide em três volumes, na qual seleciona 1.100 fonogramas que “espelham, ilustram e contam a história da república”. Nesta pesquisa, utilizou-se apenas o terceiro volume, que apresenta 329 músicas correspondentes ao período de 1985 a 2002, das quais 54 são *raps*.

Após a identificação e tabulação de todos os grupos de *rap* utilizados por esses autores, foram selecionados para compor a amostragem desta pesquisa aqueles que apareceram na maior parte dos trabalhos indicados anteriormente. Desse modo chegou-se a um total de nove grupos de *rap*, os quais apareceram em pelo menos três do conjunto de cinco trabalhos. Ressalta-se que tanto para essa contagem quanto para a composição do banco de dados (procedimento que será abordado posteriormente) considerou-se como um único grupo as referências ao grupo Posse Mente Zulu e ao *rapper* Rapin’Hood. Do mesmo modo procedeu-se em relação ao grupo Thaíde e DJ Hum e ao *rapper* Thaíde. Considera-se que os grupos selecionados atenderam de maneira satisfatória os objetivos desta pesquisa, na medida em que compreendem uma produção musical que abarca o período de quase três décadas, de 1989 a 2017. Os mesmos podem ser observados na tabela a seguir:

Tabela 1: Presença dos grupos de *rap* nos trabalhos investigados

Grupo	1	2	3	4	5	Total
Racionais Mc's	X	X	X	X	X	5
Facção Central	X	X	X	X	X	5
MV Bill	X	X	X	X		4
Sabotage	X			X	X	3
GOG	X	X		X		3
Face da Morte		X	X	X		3
Gabriel, o Pensador		X	X	X		3
Thaíde e DJ Hum		X		X	X	3
Rappin' Hood/ Posse Mente Zulu		X	X	X		3
Total	5	8	6	9	4	32

1 – GANHOR, João Paulo. *Ciência, Tecnologia e o Rap: contribuições à educação científica e tecnológica em periferias urbanas*. Mestrado em Educação Científica e Tecnológica – UFSC, 2016.

2 – MARTINS, Franklyn. *Quem foi que inventou o Brasil?: a música popular conta a história da República – volume III – 1985 a 2002*. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

3 – MATSUNAGA, Priscila Saemi. *Mulheres no hip hop: identidades e representações*. Mestrado em Educação – Unicamp, 2006.

4 – OLIVEIRA, Roberto Camargos. *Música e política: percepções da vida social brasileira no rap*. Mestrado em História – UFU, 2011.

5 – SILVA, Vinicius Gonçalves Bento. *As mensagens sobre Drogas no Rap: como sobreviver na periferia*. Mestrado em Enfermagem em Saúde Coletiva – USP, 2004.

II) Apresentação dos grupos selecionados

O grupo Racionais MC's foi formado ao final da década de 1980. Ele é composto de quatro integrantes: Mano Bown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock. Todos de São Paulo. O primeiro disco do grupo, denominado *Holocausto Urbano*, foi lançado no ano de 1990, embora duas de suas faixas já haviam sido lançadas em 1988 numa coletânea chamada *Consciência Black*. No ano de 1997, o grupo lançou um de seus discos mais conhecidos, chamado *Sobrevivendo no Inferno*, o qual chegou a vender cerca de 500 mil cópias. Recentemente, no ano de 2018, o disco ganhou novo destaque ao entrar para a lista de obras literárias que fazem parte do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O último disco do grupo foi o chamado *Cores e Valores*, lançado em 2014.

Ao longo de toda a carreira o Racionais MC's lançou um total de seis álbuns, além de um DVD gravado ao vivo.

O grupo Facção Central foi fundado em São Paulo, no ano de 1989, e contou com distintas formações. Sua formação de maior notoriedade foi composta por Eduardo, Dum Dum e Erick 12. Ao final da década de 1990, Erick 12 deixou o grupo. O mesmo aconteceu com Eduardo, no ano de 2013. O primeiro disco do grupo, denominado *Juventude de Atitude*, foi lançado em 1995. Ao longo da carreira, o grupo lançou um total de sete álbuns, sendo o mais recente de 2015. Uma linguagem considerada mais agressiva sempre foi uma marca do Facção Central, o que deu origem a algumas polêmicas. Por exemplo, a música *Isso Aqui é uma Guerra*, lançada em 1999 como parte do álbum *Versos Sangrentos*, foi censurada sob a acusação de “apologia ao crime” e seu videoclipe foi impedido pela justiça de ser reproduzido pela televisão.

Alex Pereira Barbosa, conhecido como MV Bill, nasceu no Rio de Janeiro e começou sua carreira na música ao final da década de 1980. No entanto, seu primeiro disco, denominado *Traficando Informação* foi lançado em 1998. Ao longo de toda sua carreira, MV Bill lançou oito discos, o último deles, chamado *Contemporâneo*, foi lançado em 2015. O *rapper* também é conhecido por outros projetos não ligados à música. Um deles foi a criação do partido político ‘PPPomar’ (Partido Popular Poder Para Maioria), em 2001, o qual seria composto apenas por pessoas negras. Além disso, MV Bill fez parte da produção do livro e documentário *Falcão: Meninos do Tráfico*, que ganhou enorme visibilidade ao ser exibido em 2006 no programa Fantástico, da emissora Rede Globo.

Mauro Mateus dos Santos Filho, conhecido como Sabotage, nasceu em São Paulo e deu início à sua carreira musical também ao final da década de 1980. Participou em trabalhos de diversos artistas ao longo da década de 1990. No ano 2000, lançou o disco chamado *Rap é Compromisso*, o qual fez muito sucesso. Tragicamente, o *rapper* foi assassinado no ano de 2003, tendo gravado apenas esse álbum em estúdio. Além disso, Sabotage teve duas atuações no cinema nacional, uma no filme *O Invasor* e outra no filme *Carandiru*. Recentemente, em 2016, foi lançado um álbum póstumo do *rapper*, chamado *Sabotage*, o qual é composto por músicas gravadas antes de sua morte, combinadas com participações de diversos outros artistas.

GOG, sigla para Genival de Oliveira Gonçalves, nasceu no Distrito Federal. O *rapper* é conhecido como um dos pioneiros do gênero nesta região. Seu primeiro disco, chamado *Peso Pesado*, foi lançado no ano de 1992. Ao longo de toda sua carreira, fez um total de dez álbuns gravados em estúdio, uma das maiores produções no *rap* nacional, além de algumas coletâneas com participações de outros artistas. O seu álbum mais recente é o *Mumm-Rá High Tech*, lançado em 2017. A trajetória de GOG sempre foi marcada pelo envolvimento com distintos movimentos sociais, tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O grupo Face da Morte foi criado em 1995 na cidade de Hortolândia, no interior do estado de São Paulo. O grupo é composto por Aliado G e Mano Ed. Seu primeiro disco foi lançado em 1995 e foi intitulado *Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Ceda*. Um total de sete álbuns de estúdio foram lançados pelo grupo ao longo de toda a carreira, um deles em parceria com o grupo Realidade Cruel, oriundo da mesma cidade. O último disco do grupo chama-se *Face da Morte 12 Anos* e foi lançado no ano de 2007.

Gabriel, o Pensador, é um *rapper* nascido no Rio de Janeiro. O início de sua carreira musical foi marcado por uma grande polêmica. Em 1992, gravou a música denominada *Tô Feliz (Matei o Presidente)*, a qual foi censurada pela justiça sob a justificativa de que incentivava o assassinato do então presidente Fernando Collor de Mello, que sofreu o processo de Impeachment pouco tempo depois. Vale lembrar também que a mãe de Gabriel, a jornalista Belisa Ribeiro, foi uma das principais coordenadoras da campanha de Collor à presidência em 1989. O primeiro álbum do artista, chamado *Gabriel o Pensador*, foi lançado em 1993. Um de seus trabalhos de maior repercussão foi o álbum *Quebra-Cabeça*, lançado em 1997, o qual chegou a vender 1.500.000 de cópias. Em toda sua carreira, o *rapper* teve sete álbuns de estúdio gravados, sendo o mais recente lançado em 2012, denominado *Sem Crise*. A trajetória do artista foi também marcada por uma atuação em distintos projetos sociais ligados a organizações não-governamentais, além de diversas participações na televisão.

A dupla Thaíde e DJ Hum formou-se na cidade de São Paulo, em meados da década de 1980. Thaíde possui uma das mais longas trajetórias dentro do *hip hop* brasileiro. Em 1985 participou da organização da *Back Spin Crew*, considerada uma das posses mais antigas que se mantém em atividade no cenário brasileiro. Em um dos espaços organizados pelo movimento *hip hop* da época conheceu o DJ Hum. Juntos,

gravaram duas faixas que fizeram parte da coletânea *Hip Hop Cultura de Rua*, lançada em 1988. O primeiro álbum próprio da dupla foi lançado um ano mais tarde, em 1989, e recebeu o nome de *Pergunte a Quem Conhece*. A dupla seguiu trabalhando até 2001, quando cada integrante passou a se dedicar a projetos próprios. Ao todo, produziram sete álbuns, dos quais o último, chamado *Assim Caminha a Humanidade*, foi lançado no ano de 2000.

O grupo Posse Mente Zulu teve origem em São Paulo, no ano de 1992. Sua principal formação era composta de Rappin' Hood, Johnny Mc e DJ Marco. O grupo passou a ser conhecido, principalmente, após sua apresentação no evento de homenagem aos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, que ocorreu em 1995. Em 1998, lançaram o EP denominado *Revolussom Parte I*. Este trabalho se transformou em um álbum completo, único do grupo, anos mais tarde, em 2005, com o lançamento de *Revolussom: A Volta do Tape Perdido*. A demora para o lançamento do álbum foi associada ao fato de Rappin' Hood ter passado a se dedicar à sua carreira solo. O *rapper* lançou por conta própria três álbuns: *Sujeito Homem*, de 2001, *Sujeito Homem 2*, de 2005, e *Sujeito Homem 3*, de 2015. Além disso, Rappin' Hood apresentou o programa de televisão *Manos e Minas*, transmitido pela TV Cultura.

III) Organização dos dados

Uma vez finalizado o primeiro procedimento, de seleção dos grupos apresentados anteriormente, foi necessário encontrar as músicas dos artistas selecionados que apresentassem referências à educação. Para isso, foi feito um rastreamento a partir das palavras-chave *educação* e *escola* em um *website* que disponibiliza letras de músicas, a plataforma *Genius* (*genius.com*). Esta existe desde 2009 e em seu início era um *website* especializado em letras de *rap*, hoje abrangendo os mais variados gêneros musicais e incluindo para além das letras, comentários e histórias a respeito das músicas e dos artistas.

Observa-se que apesar de em alguns casos os próprios artistas disponibilizarem as letras de suas composições, ainda é possível encontrar incompatibilidades nas letras que são oferecidas ao público no universo virtual. Isto acontece pelo fato de que muitas vezes esse trabalho é feito por alguém que se “propõe a revelar o texto ‘de ouvido’

transcrevendo as letras em função de sua própria percepção da música e de suas competências ortográficas, gramaticais e semânticas” (BÉTHUNE, 2005, p. 254). Porém, há mecanismos nos próprios *sites* especializados – o *Genius*, por exemplo – em que os usuários ratificam as versões oferecidas e conseguem propor alterações para corrigir possíveis erros na transcrição das letras das músicas. Ainda assim, as letras das músicas que foram rastreadas para a análise foram ouvidas com muita atenção a fim de verificar qualquer entendimento equivocado.

Após a realização desses dois procedimentos, estabeleceu-se o *corpus* desta pesquisa, o qual compreende um total de 102 canções que possuem referência a alguma das palavras-chave já mencionadas. Feito isso, foi preciso sistematizar o banco de dados para facilitar o manuseio do material para posterior análise. Desse modo, as músicas encontradas foram organizadas em uma planilha que contém as seguintes unidades de registro:

Tabela 2 – Padrão de apresentação dos excertos investigados

Nome da música	Nome do grupo/artista	Nome do álbum	Ano de lançamento	Trecho da referência	Categoria
----------------	-----------------------	---------------	-------------------	----------------------	-----------

Essa forma de organização do banco de dados possibilita que as músicas possam ser agrupadas em função de cada uma das unidades de registro, de acordo com a necessidade da análise a ser feita. Cada linha da planilha serviu como uma ficha de registro, uma vez que o próprio *software* utilizado estabelece um número para cada linha. Cabe assinalar que quando uma mesma música apresenta mais de um trecho com referência às palavras-chave estipuladas, ela terá uma ficha de registro para cada um dos trechos, tendo em vista que eles poderão ser categorizados de forma diferente. No campo categoria foram registradas, a partir dos trechos selecionados os aspectos, tópicos ou temas associados à educação e a escola em cada trecho selecionado.

As seguintes categorias foram definidas *a priori* para a análise do material:

- Papel da Escola;
- Educação e Violência;
- Educação e Desigualdade Social;
- Educação e Questão Racial;
- Educação e Gênero.

É preciso ressaltar que estas categorias foram estipuladas a partir de análises preliminares de um conjunto de letras e que serviram de base para a elaboração do projeto desta pesquisa. De acordo com distintos autores do campo da pesquisa social, admite-se que as categorias foram bem estipuladas na medida em que são, entre outros elementos, exaustivas e mutuamente exclusivas. Catwright, por exemplo, define estes termos da seguinte maneira: “É exaustiva quando há uma categoria para cada item importante no conteúdo. Suas categorias são mutuamente exclusivas se existe um, e somente um, lugar para cada item dentro do sistema de categorias” (CATWRIGHT, 1974, p. 437). Tendo isso em vista, considerou-se que essas categorias deveriam ser confrontadas com o conjunto do material analisado, podendo ser reavaliadas em função de sua pertinência, o que é descrito a seguir.

Levando em conta essas considerações, no confronto das categorias com o conjunto dos dados levantados, foi necessário realizar algumas alterações no modelo proposto. A categoria Educação e Gênero foi retirada em função da ausência de excertos que se referem a esta temática em particular. Todavia, considera-se que este fato por si só seja bastante significativo, na medida em que demonstra um baixo índice de atenção por parte dos *rappers* sobre questões relacionadas às especificidades de gênero no debate educacional, o que, em certa medida, reafirma a consideração de distintos pesquisadores sobre a preponderância de um discurso marcadamente patriarcal na produção musical do *rap*, especialmente até a primeira década do século atual. Além disso, definiu-se uma nova categoria denominada Referências Indiretas.

Sendo assim, serão apresentadas as categorias definitivas que serviram de base à análise do material recolhido.

- Papel da Escola

Nesta categoria foram organizados os excertos que dizem respeito a uma determinada função social da educação apresentada na elaboração dos *rappers*. A maior parte dos excertos fazem referência, por exemplo, a uma relação de oposição estabelecida entre a educação e a violência ou a criminalidade. Tal relação, nas letras analisadas, é abordada a partir de uma perspectiva que tem como foco, de um lado, a sociedade de maneira mais ampla, de outro, a trajetória dos indivíduos em contextos periféricos. Neste sentido, essa perspectiva coloca em evidência a ideia de que a educação pode ser uma forma de reduzir a violência social, em suas distintas expressões, por exemplo, nos altos

índices de homicídios presentes na realidade brasileira, os quais vitimaram majoritariamente o segmento da população jovem, especialmente negra e periférica.

- Educação e Desigualdade Social

Esta categoria foi estabelecida para organizar os excertos que fazem referência, essencialmente, às disparidades na educação oferecida às diferentes classes sociais. Considera-se que, em um país tão profundamente marcado pela concentração da riqueza, é impossível que qualquer debate a respeito da educação não toque nessa temática, principalmente se tratando de um gênero musical diretamente associado ao contexto das periferias urbanas. Neste sentido, a categoria abrangeu distintas elaborações acerca do acesso e da permanência das classes economicamente desfavorecidas no cenário educacional, assim como as diferenças entre o ensino público, voltado à maioria da população, e o ensino privado, destinado à formação das camadas privilegiadas.

- Educação e Questão Racial

Em primeiro lugar, faz-se necessário observar que a desigualdade social no contexto brasileiro é estruturalmente marcada pela questão racial, sendo a população negra a que ocupa as posições menos favorecidas nos mais diferentes aspectos da sociedade, principalmente no acesso aos distintos direitos sociais, tais como educação, saúde, moradia e trabalho formal. Tendo isso em vista, esta categoria foi estipulada buscando concentrar referências que se relacionam especificamente à questão racial, não aquelas que dialogam com a desigualdade social de maneira ampla.

- Escola e Violência

Formulou-se esta categoria, tendo em vista a presença de diferentes excertos que fazem referência a situações de violência ligadas ao contexto escolar ou educacional. Muito embora a categoria Papel da Escola abarque elementos da relação entre a educação e a violência, o foco é direcionado à questão social. No caso desta categoria, a relação é estabelecida a partir de referências mais específicas, vividas no contexto escolar que englobam, por exemplo, interferências por parte da polícia ou do crime organizado, manifestações de discriminação, tráfico e uso de drogas, entre outras.

- Condições da Escola

Nesta categoria estão organizadas referências que incidem sobre a realidade das escolas brasileiras, especialmente públicas e periféricas, em diferentes aspectos. São referências que abarcam elementos tais como: os espaços escolares, o material didático, o corpo docente, o investimento público, entre outros. Em linhas gerais, estas referências possuem um caráter de denúncia e apresentam um cenário de precarização da educação oferecida, fundamentalmente, às crianças e jovens das classes populares.

- Referências Indiretas

Esta categoria foi estipulada em virtude de que se observou um conjunto de músicas que apresentam as palavras-chave referidas, porém, em seu sentido não literal. Por exemplo, algumas músicas contém as expressões “nova-escola” ou “velha-escola” referindo-se à geração atual ou à geração anterior dos *rappers* brasileiros. Também se encontram nessa categoria, referências à escola como elemento figurativo, por exemplo, expressões como: na época da escola, indo para escola, depois da escola, entre outras. Tendo isso em vista, as músicas que contém esse tipo de referência carecem de potencial para a análise proposta, no entanto, serão sistematizadas para possíveis usos em outros projetos de pesquisa.

IV) Dados Quantitativos

São apresentados alguns dados quantitativos acerca da investigação realizada, assim como algumas análises preliminares sobre eles. Por meio do rastreamento, explicado anteriormente, chegou-se a um total de 102 músicas, das quais foram retirados 132 excertos para análise. Segue tabela com os dados da distribuição dos excertos nas distintas categorias apresentadas anteriormente:

Tabela 2: Distribuição de excertos por categoria e percentual

Categoria	Ocorrências	%
Papel da escola	27	20,4
Escola e Violência	22	16,8
Educação e Questão Racial	12	9,1
Desigualdade Social e Educação	35	26,5
Condições da escola	20	15,1
Referências Indiretas	16	12,1
Total	132	100,0

Com base na tabela, pode-se observar que a categoria que possui o maior número de excertos é Desigualdade Social e Educação, seguida pela categoria Papel da Escola. Somadas, as duas concentram quase a metade do total dos excertos selecionados. A categoria que possui o menor número de excertos é Educação e Questão Racial. Isso pode ser compreendido levando em consideração que grande parte do debate sobre os aspectos da questão racial, no Brasil, é indissociável da problemática da desigualdade social, haja visto que as pessoas negras correspondem à 55,8% da população deste país e, ao mesmo tempo, 75,8% da população mais pobre (na faixa dos 10% com menores rendimentos)²³. A segunda categoria com o menor número de excertos é a Referências Indiretas. Dessa observação, é possível apreender que, em geral, quando as músicas de *rap* tratam sobre a temática da escola ou da educação, esse tratamento é carregado de um sentido social e/ou crítico e menos enquanto elemento figurativo. Para além disso, nota-se, como já mencionado por diferentes estudos, que há uma notável importância ou valorização conferida à educação e à escola presente tanto no *hip hop*, em geral, quanto no *rap*, em particular. Neste sentido, faz-se necessário analisar como esta importância se apresenta nos distintos períodos de produção deste gênero musical.

²³ Segundo dados do IBGE de 2018.

Tabela 3: Distribuição de excertos por período de 5 anos (1985 a 2019) e percentual

Período (5 anos)	Ocorrências	%
1985 – 1989	1	0,8
1990 – 1994	8	6,0
1995 – 1999	58	44,0
2000 – 2004	35	26,5
2005 – 2009	10	7,5
2010 – 2014	6	4,5
2015 – 2019	14	10,5
Total	132	100,0

Por meio da tabela acima, pode-se observar que o maior número de excertos encontrados corresponde ao período de 1995 a 1999. O período de 1985 a 1989, no qual o *rap* começava a se desenvolver no Brasil, apresentou apenas um excerto. Destaca-se, também, a grande maioria dos excertos selecionados, cerca de 70% do total (93 excertos), se concentram no período que vai de 1995 a 2004. Neste período específico, a maior concentração foi observada nos anos de 1998 (11 excertos), 1999 (28 excertos) e 2001 (16 excertos). Também neste período, observou-se uma concentração maior de excertos entre os grupos Facção Central (25 excertos) e Face da Morte (20 excertos). Esse dado pode ser analisado com base em duas perspectivas. A primeira delas é de que este período corresponda ao momento de maior produção musical dos artistas selecionados, os quais, em grande parte, iniciaram suas carreiras no começo da década de 1990. Por outro lado, distintos pesquisadores que analisam a produção do *rap* nacional indicam que o período de 1990 até meados da década de 2000, chamado de “Velha Escola”, pode ser considerado como a fase de maior “combatividade” no gênero, na qual predominava um discurso social mais agressivo, com maior presença de denúncias sociais; conseqüentemente, pode-se imaginar que temas como a escola ou a educação, nessa perspectiva, eram bastante frequentes. Nesse momento, torna-se importante observar, também, como os excertos encontram-se distribuídos entre os grupos selecionados.

Tabela 4 – Distribuição de excertos por grupo e percentual

Grupo	Ocorrências	%
Facção Central	37	28,0
Face da Morte	20	15,1
Gabriel, o Pensador	17	12,9
GOG	15	11,4
MV Bill	15	11,4
Posse Mente Zulu / Rappin' Hood	08	6,1
Racionais MCs	10	7,6
Sabotage	02	1,5
Thaíde e DJ Hum	08	6,1
Total	132	100,0

Nota-se que o grupo Facção Central possui o maior número de excertos selecionados, reunindo cerca de 30% do total, o que é quase o dobro do segundo colocado, o grupo Face da Morte. Esse dado, apesar de relevante, não causa grande estranhamento, uma vez que o referido grupo é reconhecido no meio do *rap* exatamente pelo conteúdo profundamente político e social de suas músicas, o que abarca, conseqüentemente, o debate educacional. Outro elemento importante de ser observado é a pequena quantidade de excertos do *rapper* Sabotage, que possui apenas duas referências. Pode-se compreender esse fato levando em conta que o referido *rapper* faleceu no ano de 2003, aos 30 anos de idade, tendo lançado apenas um disco em sua carreira.

Uma vez apresentado como os excertos distribuem-se nas categorias, nos períodos da produção e nos grupos de *rap* selecionados, faz-se necessário observar as relações possíveis entre esses diferentes âmbitos. Neste sentido, serão apresentadas duas tabelas que tratam, respectivamente, da relação entre categoria-período e da relação entre categoria-grupo:

Tabela 5: Distribuição de excertos por período de 5 anos (1985 a 2019), conforme categoria (ocorrências e percentual)

Categoria	1985-89	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	2015-19	Total
Papel da escola	0 (0,0%)	0 (0,0%)	15 (11,4%)	6 (4,5%)	1 (0,75%)	3 (2,3%)	2 (1,5%)	27 (20,4%)
Escola e violência	0 (0,0%)	0 (0,0%)	10 (7,6%)	5 (3,8%)	4 (3,0%)	0 (0,0%)	3 (2,3%)	22 (16,7%)
Educação e questão racial	0 (0,0%)	3 (2,3%)	1 (0,75%)	2 (1,5%)	1 (0,75%)	1 (0,75%)	4 (3,0%)	12 (9,0%)
Desigualdade social e educação	1 (0,75%)	2 (1,5%)	16 (12,1%)	11 (8,3%)	3 (2,3%)	1 (0,75%)	1 (0,75%)	35 (26,5%)
Condições da escola	0 (0,0%)	2 (1,5%)	9 (6,8%)	5 (3,8%)	1 (0,75%)	1 (0,75%)	2 (1,5%)	20 (15,1%)
Referências Indiretas	0 (0,0%)	1 (0,75%)	7 (5,3%)	6 (4,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (1,5%)	16 (12,1%)
Total	1 (0,75%)	8 (6,1%)	58 (43,9%)	35 (26,5%)	10 (7,6%)	6 (4,5%)	14 (10,6%)	132 (100%)

Pode-se, por meio da tabela acima, observar que ao longo da segunda metade da década de 1990 houve um intenso crescimento na quantidade de referências que incidem, principalmente, sobre a temática do papel da escola e da desigualdade social na educação. Para compreender este quadro, é importante ressaltar que esse período corresponde ao momento de avanço de um projeto neoliberal no Brasil, especialmente desde a eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994. Vale lembrar que o contexto foi marcado por distintas políticas voltadas ao setor privado da economia em detrimento do investimento público, como, por exemplo, as privatizações realizadas. Nesse mesmo contexto, por outro lado, o debate sobre os direitos sociais ganhou muita força, principalmente por intermédio dos movimentos sociais e de trabalhadores, o que parece ter influenciado, também, as produções do *rap* nacional. Além disso, nota-se que no quinquênio de 2005 a 2009 houve uma notável queda na quantidade de excertos das distintas categorias utilizadas. Após esse declínio, a quantidade de excertos se manteve relativamente estável na maior parte das categorias, com exceção da categoria Educação e Questão Racial, a qual mostrou um crescimento na segunda metade da década de 2010, período em que é a categoria com o maior número de referências.

Tabela 6: Distribuição de excertos por categoria, conforme grupo (ocorrência e percentual)

Grupo	Papel da escola	Escola e violência	Educação e questão racial	Desigualdade social e educação	Condições da escola	Referências Indiretas	Total
Facção Central	11 (8,3%)	9 (6,8%)	0 (0,0%)	14 (10,6%)	3 (2,3%)	0 (0,0%)	37 (28,0%)
Face da Morte	2 (1,5%)	4 (3,0%)	1 (0,75%)	7 (5,3%)	5 (3,8%)	1 (0,75%)	20 (15,1%)
Gabriel, o Pensador	2 (1,5%)	1 (0,75%)	0 (0,0%)	4 (3,0%)	7 (5,3%)	3 (2,3%)	17 (12,9%)
GOG	1 (0,75%)	1 (0,75%)	4 (3,0%)	4 (3,0%)	2 (1,5%)	3 (2,3%)	15 (11,4%)
MV Bill	8 (6,1%)	2 (1,5%)	3 (2,3%)	1 (0,75%)	1 (0,75%)	0 (0,0%)	15 (11,4%)
Posse Mente Zulu/Rappin' Hood	0 (0,0%)	2 (1,5%)	1 (0,75%)	0 (0,0%)	1 (0,75%)	4 (3,0%)	8 (6,1%)
Racionais MCs	0 (0,0%)	2 (1,5%)	3 (2,3%)	2 (1,5%)	1 (0,75%)	2 (1,5%)	10 (7,6%)
Sabotage	1 (0,75%)	1 (0,75%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,00%)	0 (0,0%)	2 (1,5%)
Thaíde e DJ Hum	2 (1,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (2,3%)	0 (0,0%)	3 (2,3%)	8 (6,1%)
Total	40 (30,3%)	15 (11,4%)	8 (6,1%)	31 (23,5%)	25 (19,0%)	13 (9,8%)	132 (100%)

A tabela acima permite observar sobre quais aspectos da educação brasileira os grupos analisados incidem mais ou menos a partir de suas elaborações. Nota-se, por exemplo, que o grupo Facção Central possui a maior quantidade de referências sobre a temática da desigualdade social e a educação, mas também possui um grande número nas categorias Papel da Escola e Escola e Violência. O grupo Face da Morte concentra a maior parte de suas referências sobre a desigualdade social e, também, apresenta referências em todas as categorias. O mesmo acontece com o rapper GOG, com um foco maior nos temas da questão racial e da desigualdade social, possuindo um número igual de referências em cada uma. O *rapper* MV Bill possui a maior quantidade de referências a respeito do papel da escola. Nota-se que Rapin' Hood foi o único que apresenta uma maior concentração no campo das referências não literais. Percebe-se, também, que o grupo Racionais MCs apresentou uma distribuição equilibrada de seus excertos entre as distintas categorias, com foco um pouco maior na questão racial. Sabotage possui apenas duas referências,

uma na categoria Papel da Escola e outra na categoria Escola e Violência. Por fim, Thaíde apresenta uma maior concentração no tema da desigualdade social e nas referências não literais.

V) **Analisando as letras de rap**

Até o momento foram apresentadas as primeiras análises a respeito da distribuição e das relações entre os grupos selecionados, o período em que as letras das músicas foram produzidas e as categorias a que correspondem o conteúdo das referências. Feito isso, passa-se a segunda fase, na qual os excertos são analisados com base em seu enquadramento nas categorias. Para a análise dos excertos identificados e organizados segundo os procedimentos citados anteriormente, recorreu-se novamente ao referencial teórico que norteia esta pesquisa. Optou-se por empregar a técnica da análise de conteúdo, da qual Adorno se utilizou em distintas investigações, tais como: a análise do modelo de propaganda fascista (2006), a análise da coluna de astrologia de um jornal norte-americano (2008) e a análise das palestras radiofônicas do pastor Martin Luther Thomas (1975). Buscou-se, com base nestas referências, analisar o conteúdo dos excertos de modo a identificar não só aquilo que apresentam de imediato, mas os seus significados subjacentes, relacionados ao contexto histórico-social e suas influências na subjetividade daqueles que produzem os conteúdos e dos quais os conteúdos se direcionam.

Nesse sentido, foram apresentados e analisados dez excertos correspondentes a cada uma das categorias utilizadas (com exceção da categoria Referências Indiretas), seguindo a seguinte organização: nome da música, nome do grupo, nome do álbum, ano de lançamento e excerto destacado. O conjunto do material organizado e categorizado ficará disponível em anexo.

Optou-se por analisar, neste momento, apenas parte do material sistematizado (cerca de 40% do total). Essa escolha justifica-se tendo em vista que há uma certa recorrência de temáticas que se manifestam nos trechos organizados no interior de uma mesma categoria, o que poderia tornar a análise relativamente repetitiva. Isso não quer dizer que cada trecho analisado apresente um debate único e exclusivo sobre o tema e que não se relacione com os demais, no entanto, buscou-se selecionar uma quantidade substancial de referências que pudessem dar subsídio a uma compreensão da diversidade de elaborações dos *rappers* a respeito da educação brasileira, assim como que

possibilitassem perceber a maneira pela qual essas elaborações são estruturadas, que conteúdos elas articulam, que conceitos mobilizam, entre outros elementos.

Ressalta-se que o objetivo dessa etapa de pesquisa não foi organizar uma espécie de antologia das letras de *rap* nacionais que tocam no tema da educação, mas sim adotar determinadas técnicas e procedimentos, tais como o levantamento, a sistematização e a análise de conteúdo, para que o ‘movimento’ do objeto investigado pudesse ser captado de maneira mais pormenorizada. A síntese das análises apresentadas a seguir serão desenvolvidas ao final deste capítulo. Sendo assim, passa-se a análise das letras.

- Papel da Escola

Conforme dito anteriormente, há uma grande frequência de elaborações dos *rappers* que incidem sobre a relação entre a educação e o processo de marginalização, o qual é vinculado à criminalidade, ao uso de drogas e à violência. Esse elemento parece ser chave para compreender a visão de boa parte dos *rappers* sobre a função social da educação e da escola. Neste sentido, serão apresentados alguns excertos que ilustram esse entendimento:

<i>Vidas em Branco</i>	Facção Central	<i>Versos Sangrentos</i>	1 9 9 9	Enquanto o lazer for pipa e o ensino escola sem professor É ‘não se mexe que é assalto, doutor’ Um país se faz pela educação Quem planta arma colhe corpo no chão
------------------------	----------------	--------------------------	------------------	--

O excerto permite observar que, na visão do grupo Facção Central, o acesso precário a direitos como a educação e o lazer, muito presente na realidade das periferias brasileiras, está diretamente relacionado ao contexto de violência social como, por exemplo, aos altos índices nacionais de criminalidade e de mortalidade. Tal acesso precário, expressa-se na letra da música pela referência à falta de professores nas escolas e à pouca diversidade de atividades recreativas. Nota-se, também, a importância dada à educação quando os *rappers* a vinculam ao próprio significado de país. Segue abaixo outro exemplo da mesma relação:

<i>Bomba H</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1 9 9 9	O mano me disse ‘157 é o que resta, nada mais interessa’ Lhe é negada a informação, distorcida a educação Processo de exclusão que deixa marca
----------------	---------------	------------------------------	------------------	--

Mais uma vez, observa-se na visão do grupo Face da Morte a mesma contraposição entre educação e criminalidade. Os *rappers* reproduzem uma fala na qual um sujeito afirma que a única trajetória possível é a da criminalidade, no caso específico a prática de roubo, de acordo com a referência ao artigo 157 do Código Penal Brasileiro. Para o Face da Morte, esse discurso é expressão de um processo de exclusão social que ocorre por conta da falta do acesso à educação de qualidade. Nas palavras do grupo, há uma distorção na educação oferecida, a qual não fornece a (in)formação necessária para que o indivíduo possa seguir uma trajetória alternativa à criminalidade. Abaixo, segue o entendimento do *rapper* MV Bill sobre esta questão:

<i>Causa e Efeito</i>	MV Bill	<i>Causa e Efeito</i>	2 0 1 0	Pra mim é muito fácil de ser entendido Sem educação vários de nós vai virar bandido E a nossa pena não é branda Perdemos a infância e a juventude, a fila anda
-----------------------	---------	-----------------------	------------------	---

Analisando o excerto de *Causa e Efeito*, percebe-se que quando o *rapper* usa a expressão “vários de nós”, está se referindo aos jovens da periferia. Novamente, se reafirma a ideia de que dada falta do acesso à educação, essa juventude não tem outra alternativa a não ser a vida na criminalidade. Além disso, o *rapper* traz em sua abordagem as consequências dessa situação, que é a perda da infância e da juventude para o sistema penal brasileiro. Por fim, na expressão “a fila anda”, utilizada pelo *rapper*, está contida a ideia de que esta situação é parte de um ciclo, ou seja, que tende a sempre se repetir. Segue abaixo outro excerto do grupo Facção Central a respeito da situação das crianças e jovens:

<i>A História de um Traficante</i>	Facção Central	<i>Estamos de Luto</i>	1 9 9 8	Outro menino que devia ir pra escola Outro menino que devia estar jogando bola Não derretendo no cachimbo a sua história
------------------------------------	----------------	------------------------	------------------	--

No trecho destacado acima, pode-se observar de uma outra perspectiva a questão da marginalização, já apontada nas letras das músicas anteriores. Dessa vez, o grupo apresenta uma contraposição entre o acesso à educação e ao esporte, de um lado, e o uso

de drogas, de outro. Encontra-se implícita a ideia de que a escola é a instituição que pode se apresentar como alternativa à trajetória de uso de drogas por crianças e jovens, expressa no contexto brasileiro. Segue abaixo um excerto que escapa, em parte, dessa lógica que se manifestou até agora:

<i>Estudo Errado</i>	Gabriel, o Pensador	<i>Ainda é Só o Começo</i>	1 9 9 5	Encarem as crianças com mais seriedade Pois na escola é onde formamos nossa personalidade Vocês tratam a educação como um negócio Onde a ganância, a exploração e a indiferença são sócios
----------------------	---------------------	----------------------------	------------------	---

No excerto acima, não são encontradas referências à questão da marginalização social, no entanto, há importantes reflexões sobre o papel da escola. Na visão do *rapper*, a escola é instituição responsável pela formação da personalidade dos indivíduos e por isso, teria uma importância fundamental. Neste sentido, observa-se um tom de exigência e, ao mesmo tempo, de denúncia, o qual parece estar direcionado aos representantes do poder público. Na visão de ‘Gabriel, o Pensador’, a educação das crianças não é tratada com a devida seriedade na medida em que responde a interesses financeiros, indiferentes à função de formação da personalidade que deveria cumprir. Segue abaixo outro excerto da mesma música com mais alguns elementos sobre o papel da escola:

<i>Estudo Errado</i>	Gabriel, o Pensador	<i>Ainda é Só o Começo</i>	1 9 9 5	E me disseram que a escola era meu segundo lar E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente Faço amigos, conheço gente Mas não quero estudar pra sempre! Então eu vou passar de ano Não tenho outra saída Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida Discutindo e ensinando os problemas atuais E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
----------------------	---------------------	----------------------------	------------------	---

Pode-se observar, com base no excerto, quatro pontos elencados pelo *rapper* sobre a função que a escola cumpre ou deveria cumprir. O primeiro diz respeito ao aprendizado, o qual Gabriel afirma acontecer em grande quantidade. O segundo relaciona-se com a socialização dos indivíduos, como fica evidente na expressão “Faço amigos, conheço gente”. Os dois últimos pontos manifestam um entendimento sobre o que a escola deveria realizar, portanto, que não realiza efetivamente: preparar para a vida, discutir e ensinar os

problemas atuais. Nesse sentido, o *rapper* atribui o não cumprimento dessa função à uma certa desatualização do currículo da escola, ao afirmar que as aulas que são dadas no momento em questão seriam as mesmas dadas para a geração anterior.

<i>Canção Foi Tão Bom</i>	Sabotage	<i>Sabotage</i>	2 0 1 6	As crianças já não brincam mais de bola Não vão mais pra escola Na rua, bebe pinga e cheira cocaína
---------------------------	----------	-----------------	------------------	---

Percebe-se, com base no trecho destacado, que Sabotage faz uma contraposição entre a frequência na escola, assim como o a prática esportiva, e o consumo de álcool e drogas por crianças. Chama atenção, desse modo, que na visão do rapper tanto a educação quanto o esporte podem se apresentar como alternativas à essa questão que, como se sabe, traz graves consequências para a saúde física e mental de crianças e adolescentes, além de se relacionar com distintas questões sociais.

<i>Causa e Efeito</i>	MV Bill	<i>Causa e Efeito</i>	2 0 1 0	E o ódio na juventude é uma tendência Sem escola, sem escolha Expectativa de vida até que o crime te recolha Vários do lado do bem são empurrados pro mal Vítimas da convulsão social
-----------------------	---------	-----------------------	------------------	---

Com base no trecho apresentado acima, pode-se observar mais uma vez a presença de uma lógica que atribui à escola o papel de se contrapor à violência e à criminalidade. Na elaboração de MV Bill, por meio da escola, seria possível alcançar uma experiência diferente da que a “convulsão social” impõe aos jovens periféricos. Nesse sentido, a escola representaria a possibilidade da “escolha” de uma trajetória alternativa à da violência. Segundo o rapper, a falta do acesso à escola estaria relacionada, portanto, à expectativa de vida destes sujeitos sociais. Por fim, destaca-se a afirmação de que há uma tendência ao ódio na juventude, o que pode ser compreendido levando em consideração uma ideia bastante comum no *rap* de que há um ressentimento dos jovens negros e/ou periféricos diante das consequências da desigualdade social, especialmente representada na impossibilidade do acesso ao consumo.

<i>Malandragem Dá Um Tempo</i>	Thaíde & DJ Hum	<i>Preste Atenção</i>	1 9 9 6	Você deve isso aos seus pais, que te criaram tão bem Com trabalho e coragem, com calos nas mãos Te deram educação Pra que quando crescesse Com orgulho se tornasse um homem de bem
--	-----------------------	---------------------------	------------------	--

Observa-se, no excerto apresentado acima, a formulação de um entendimento muito comum a respeito do papel da educação: formar o “homem de bem”. Apesar de que esta noção de “homem de bem” seja demasiadamente vaga, no caso específico da música parece estar relacionada à uma certa conduta em relação ao trabalho e à família. Isso fica evidente quando se analisa o conjunto da letra: trata-se de um diálogo entre dois sujeitos que se conhecem há muito tempo, no qual o primeiro aconselha o segundo a deixar de se envolver com a o tráfico de drogas e a criminalidade. Percebe-se, nesse sentido, a reincidência da ideia que a educação seria um contraponto à essa trajetória marcada pela violência social. Cabe ressaltar a maneira pela qual o trecho da música de Thaíde está em sintonia com o apresentado anteriormente, de MV Bill, quando o último afirma que “vários do lado do bem são empurrados pro mal”.

<i>Brasil Sem Educação</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1 9 9 9	Aí Ministro, sou porta voz desse povo faminto Meu povo sofre, sofre, se lembre bem disso Aí Ministro, sou porta voz desse povo faminto Se é que sou bandido de educação eu preciso
--------------------------------	------------------	--------------------------------------	------------------	---

O trecho acima constitui o refrão da música denominada Brasil Sem Educação, do grupo Face da Morte. É importante destacar que distintos excertos foram retirados desta mesma letra, uma vez que em sua totalidade é abordada a temática da educação. A letra é construída como um “discurso” direcionado ao ministro da educação, que no momento do lançamento da música era o economista Paulo Renato Costa Souza²⁴. É interessante perceber, também, que o disco se chama O Crime do Raciocínio. Dito isso, nota-se que no trecho apresentado encontra-se, outra vez, um posicionamento dos *rappers* de que a educação pode funcionar como uma espécie de “remédio” para a questão da criminalidade e da violência social. Por fim, salienta-se que o Face da Morte se apresenta como “porta-

²⁴ Paulo Renato Souza ocupou o cargo maior do Ministério da Educação de 1995 a 2002, ao longo dos dois mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Além disso, foi Secretário da Educação do estado de São Paulo em duas ocasiões, de 1984 a 1986 e de 2009 a 2010.

voz” da população pobre (faminta) e que, ainda, coloca em questão uma visão elitista e discriminatória a qual associa indivíduos periféricos com “bandidos”, especialmente pessoas negras e também aqueles que se identificam com o *rap*.

- Educação e Desigualdade Social

Como dito anteriormente, esta categoria buscou reunir os excertos que tratam a respeito da relação entre a desigualdade social e a educação em suas distintas expressões. Lembrando que o *rap* é um gênero musical identificado com o contexto social das periferias urbanas, é natural que em suas composições sejam permeadas por expressões da desigualdade social nas mais diferentes temáticas abordadas. Desse modo, a questão da desigualdade social está presente em grande parte dos excertos que compõem as diferentes categorias utilizadas nesta pesquisa. Esta categoria foi criada, no entanto, para dar conta especificamente das expressões de como a desigualdade social impacta no contexto educacional e escolar, por exemplo, as discrepâncias entre o ensino público e privado, a questão do abandono escolar, entre outros. Assim, segue abaixo o primeiro excerto que será analisado:

<i>Crime do Raciocínio</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1 9 9 9	Saúde e educação no brasil é só pra rico Tudo isso é consequência do descaso Do país que é governado pela elite
----------------------------	---------------	------------------------------	------------------	---

O excerto acima permite observar uma ideia bastante comum nas elaborações do *rap* nacional, segundo a qual direitos sociais fundamentais como a saúde e a educação, no Brasil, são acessíveis em sua totalidade apenas por uma camada social economicamente privilegiada. Esse entendimento confronta-se com o conteúdo presente na Constituição Federal brasileira, a qual afirma a universalidade do acesso a esses direitos e a diversos outros como moradia, trabalho, segurança, entre outros. Na visão dos *rappers* do Face da Morte, essa situação ocorre em função da concentração do poder político nas mãos de uma elite econômica, que trata o serviço público com descaso. Essa posição pode ser compreendida na medida em que a população mais rica do país não depende do serviço público para ter acesso à saúde e à educação. Por outro lado, também, há um grande interesse financeiro na oferta privada destes serviços por grandes grupos econômicos do país.

Sabe-se que, apesar de fundamental, o acesso não é a única problemática envolvida na relação entre a desigualdade social e a educação. Um exemplo de outras questões importantes que envolvem essa temática é a evasão escolar. Nesse sentido, apresenta-se o excerto de MV Bill sobre esse elemento:

<i>Transformação</i>	MV Bill	<i>Causa e Efeito</i>	2	Muita adolescente sendo mãe fora de hora
			0	Marca sua vida com o pai que vai embora
			1	É comum do lado de cá
			0	Escola abandonada por quem tem que trabalhar

Com base no excerto acima, pode-se observar a expressão ‘do lado de cá’ como uma forma de mostrar que se está tratando de um contexto periférico. Expressões como estas são muito comuns no *rap*, uma das referências mais conhecidas dessa forma de delimitação espacial é a música *Da Ponte Pra Cá*, dos Racionais MCs. Feita essa delimitação, o *rapper* afirma que neste contexto social a evasão escolar é algo frequente em consequência da necessidade de trabalhar. MV Bill também chama a atenção para a questão da maternidade precoce, a qual é outra causa importante do abandono da escola, especialmente porque em grande parte destes casos a adolescente se encarga sozinha dos cuidados da criança, sem o cumprimento da obrigação parental por parte do pai. Segue abaixo outro excerto que trata da desigualdade social:

<i>No Trilho do Vale da Sombra</i>	Facção Central	<i>Direto do Campo de Extermínio</i>	2	Não doutor, não, não tive escola
			0	Professor não leciona onde a gente mora
			0	Não doutor, eu não sou diplomado
			3	É que com sete eu sustentava a goma com trampo escravo

No excerto acima, é possível perceber mais uma vez a questão do trabalho como impedimento à escolarização. O grupo Facção Central reproduz um diálogo no qual o sujeito afirma que com sete anos de idade sustentava sua casa através do trabalho precário e que esta seria a causa da sua falta de escolaridade. Infelizmente, sabe-se que o trabalho infantil ainda é uma marca da perene crise social que perpassa a realidade brasileira, a despeito das distintas políticas de combate a essa situação. Além disso, o excerto apresenta também outro elemento importante para o debate ao afirmar que determinadas localidades se encontram fora do alcance do sistema educativo. Isso ocorre, em geral, por consequência da falta de serviços públicos como o transporte, segurança, saneamento,

entre outros. A seguir, será apresentado outro excerto do grupo Facção Central sobre a temática:

<i>Espada no Dragão</i>	Facção Central	<i>O Espetáculo do Circo dos Horrores</i>	2	Lembra o tempo da escola, na prova o zero
			0	Você não era burro, faltou leite materno
			0	Quase entrou nos 9% de crianças desnutridas
			6	Que morrem antes de um ano de vida

O excerto acima apresenta uma perspectiva diferente sobre o impacto da desigualdade social na educação. Os *rappers* chamam a atenção para a maneira como a pobreza, e algumas de suas consequências como a fome e a desnutrição, podem ter influência no desempenho escolar, especialmente de crianças. Esse elemento é fundamental para se pensar a educação em lugares de profunda vulnerabilidade social, os quais existem em diversas partes do país. Distintas políticas públicas voltadas às escolas foram desenvolvidas para diminuir os efeitos dessa situação, por exemplo, a distribuição de alimentos como o leite às famílias dos alunos, além da própria merenda escolar. Todavia, sabe-se que ainda hoje nem todos os contextos escolares foram contemplados por essas políticas. Por fim, segue um excerto do *rapper* GOG com considerações sobre o tema:

<i>Brasília Periferia (parte II)</i>	GOG	<i>Das Trevas à Luz</i>	1	A bolsa escola foi um atrativo pro lado de cá
			9	Vi muito moleque voltar a estudar
			9	Reprovação desabar
			8	

Observa-se mais uma vez, no excerto acima, a presença da expressão ‘lado de cá’, indicando o contexto social periférico. Além disso, o *rapper* apresenta uma consideração a respeito da política de transferência de renda denominada Bolsa-Escola, implementada no Distrito Federal em 1995 pelo então governador Cristovam Buarque, a qual garantia o pagamento de um salário mínimo às famílias economicamente carentes que tivessem as crianças com idade de 7 a 14 anos devidamente matriculadas no ensino público. Em 2001, ao final do mandato de Fernando Henrique Cardoso na presidência da república, foi implementado a nível nacional uma política de mesmo nome, mas com algumas alterações em seu formato. Tais políticas serviram de base, também, para a elaboração do programa Bolsa-Família, implementado no primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva no governo federal, o qual funciona até os dias de hoje. Nota-se, como expressa o relato de GOG, que estas políticas podem impactar positivamente a situação de evasão

escolar, na medida em que incidem sobre distintas causas do fenômeno, como, por exemplo, a questão do trabalho precoce e da pobreza, as quais os excertos anteriores abordaram.

<i>Homem na Estrada</i>	Racionais MC's	<i>Raio X do Brasil</i>	1	Molecada sem futuro, eu já consigo ver
			9	Só vão na escola pra comer, apenas, nada mais
			9	Como é que vão aprender sem incentivo de alguém
			3	Sem orgulho, sem respeito, sem saúde e sem paz

Com base no excerto acima, percebe-se que o Racionais MC's fazem uma associação entre o futuro das crianças e jovens de periferia e o aprendizado na escola. Segundo eles este aprendizado não ocorre ou é prejudicado por distintos fatores, os quais dizem respeito à precariedade das condições de vida nas periferias, como a falta de acesso à saúde e o cotidiano de violência, mas também a falta de incentivo para o estudo, de orgulho próprio e de respeito, especialmente por parte do poder público. Na visão do grupo, estes fatores, comuns em determinados contextos periféricos, interferem na relação dos indivíduos com a educação, de tal modo que as crianças e jovens “só vão na escola pra comer, apenas, nada mais”.

<i>Brasil Sem Educação</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1	Faculdade pública devia ser pública
			9	Na verdade é frequentada por playboys sem necessidade
			9	A vantagem é de quem vem de escola particular
			9	Com dinheiro pra pagar curso do pré-vestibular

Pode-se encontrar no trecho apresentado acima, do grupo Face da Morte, um debate fundamental para o tema da desigualdade social e suas relações com a educação, que é o acesso ao ensino superior, principalmente o público. Na composição, os *rappers* manifestam um entendimento de que o ensino público deve ser acessível a todos, não apenas a uma elite econômica, como era o caso no momento. Eles destacam que o processo de seleção (vestibular) privilegia aqueles que estudaram em escolas particulares e/ou que puderam pagar um curso pré-vestibular. Sabe-se que este fato apontado na música ainda opera no contexto educacional brasileiro, no entanto, algumas políticas de ações afirmativas, implementadas principalmente a partir da década de 2010, modificaram, em parte, esse cenário.

<i>Até Quando?</i>	Gabriel, o Pensador	<i>Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)</i>	2 0 0 1	Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante Você tá sem emprego e a sua filha tá gestante
--------------------	---------------------	--	------------------	---

Analisando o trecho acima, de Gabriel o Pensador, pode-se observar que a escola é inserida em um conjunto de elementos dos quais uma determinada família está sendo privada do acesso, junto com o emprego e a saúde. Percebe-se que o *rapper*, com essa narrativa, chama a atenção para a precarização das condições de vida, especialmente da população pobre e trabalhadora, da qual a falta da escola é um dos sintomas. Também é interessante destacar que esta precariedade da vida é descrita como “deprimente” e “revoltante”. Mesmo diante dessa situação, a música retrata os sujeitos em questão buscando serem felizes e contentes. Desse modo, parece que Gabriel o Pensador está chamando a atenção para um processo de adaptação dos indivíduos.

<i>Beco Sem Saída</i>	Racionais MC's	<i>Holocausto Urbano</i>	1 9 9 0	É, meu mano KL Jay O poder mente, ilude e domina a maioria da população Carente de educação e cultura E é dessa forma que eles querem que se proceda não é verdade? (É... pode crê)
-----------------------	----------------	--------------------------	------------------	---

O excerto destacado acima é uma espécie de interlúdio da música *Beco Sem Saída*, dos Racionais MC's, o qual se apresenta como um diálogo entre Edi Rock e KL Jay. Pode-se observar que os *rappers* correlacionam a carência de educação e cultura da maioria da população, portanto negra e pobre, à dominação e ilusão promovida pelo poder. Embora o trecho em questão apresente uma noção vaga de “poder”, ao olhar para o restante da letra nota-se que se trata do poder político e econômico, do “sistema”. Desse modo, entende-se que, na visão do Racionais, a falta de acesso da população negra e pobre à educação e à cultura favorece a propagação de mentiras e ilusões, possibilitando a manutenção do domínio de classe e da hierarquia racial.

<i>Revolução</i>	Thaíde & DJ Hum	<i>Preste Atenção</i>	1	Que não aceita esse sistema de opressão do chamado
			9	Brasil novo
			9	Que está deixando seus filhos mais miseráveis do que são
			6	Sem oportunidades, sem educação Se você não acredita em uma salvação Está chegando a minha, a nossa, a sua revolução

Com base no trecho acima, pode-se observar que Thaíde fala de um “sistema de opressão” que se caracterizaria pelo incremento da miséria e da falta de acesso à educação e às oportunidades (de trabalho, por exemplo). Levando em consideração o momento histórico em que a canção foi gravada, compreende-se que o rapper está se referindo ao avanço de um projeto neoliberal no Brasil (“Brasil novo”), que marcou o período pós-ditadura militar, especialmente a década de 1990, e que é pode ser caracterizado, entre outros elementos, pelo aprofundamento da desigualdade social no país, Além da falta de emprego e a precarização da educação pública. Destaca-se, também, que Thaíde parece não acreditar em uma forma de “salvação” para esta situação social, indicando a necessidade de uma ruptura ou mudança de caráter mais estrutural.

- Educação e Questão Racial

Como apontado anteriormente, esta categoria foi elaborada tendo em vista a presença de determinadas referências que tratam da questão racial em particular, principalmente das especificidades da situação da população negra frente à educação. Cabe ressaltar, mais uma vez, que todo o debate a respeito da desigualdade social e suas relações com a educação no Brasil, é perpassado pela questão racial, uma vez que o racismo neste país apresenta características estruturais, as quais têm origem no seu próprio desenvolvimento histórico. Neste sentido, segue abaixo um excerto que aborda esse processo histórico e social do racismo:

<i>É Mesmo Incrível</i>	GOG	<i>Dia Dia da Periferia</i>	1	1888: de um momento pra outro, a abolição
			9	Sem nos dar condição, com uma só intenção
			9	Criar um novo consumidor interno
			4	E o negro era o estereótipo certo Carente de educação, louco pela sua liberdade, irmão Cenário completo para a mais nova suja e nojenta armação

O excerto acima permite observar que há no *rap* a presença de um debate acerca do processo histórico que culminou na situação social de desfavorecimento do sujeito

negro no período atual, a qual leva em consideração questões relacionadas à educação. Nesse sentido, GOG apresenta uma análise da abolição da escravidão no Brasil. Esta não criou condições para a integração do negro na nova configuração social, a não ser enquanto consumidor. Para o autor, esse processo foi uma ‘armação suja e nojenta’, um projeto social que se utilizou da não escolarização do negro para promover os interesses do mercado, não o inserindo na produção e nem na circulação da riqueza, mas apenas no consumo (é certo que para muitos libertos nem a inserção no consumo ocorreu). Abaixo, apresenta-se outro excerto que também toca na questão da escravidão no Brasil:

<i>Só Deus Pode Me Julgar</i>	MV Bill	<i>Declaração de Guerra</i>	2 0 0 2	Novela de escravo a emissora gosta Mostra os pretos chibatados pelas costas Faz confusão na cabeça de um moleque Que não gosta de escola e admira uma <i>intratec</i> Clik-clek, mão na cabeça
---------------------------------------	---------	---------------------------------	------------------	--

Nota-se, no excerto acima, uma outra abordagem acerca das consequências do período escravocrata no Brasil. MV Bill chama a atenção para o fato de que este período histórico é representado pela televisão na atualidade de maneira a reproduzir estigmas e estereótipos, os quais causam impacto na subjetividade de jovens negros. O *rapper* relaciona essa ‘confusão na cabeça de um moleque’ ao fato deste sujeito não gostar da escola, por um lado, e admirar uma ‘intratec’, que é uma linha de pistolas semiautomáticas de calibre 9mm, por outro. Novamente encontramos a contraposição entre escola e violência, porém, neste caso associada à subjetividade do jovem negro, permeada pela estigmatização reproduzida pela mídia televisiva. Segue abaixo um excerto do grupo Racionais MC’s sobre a relação do indivíduo negro com a escola:

<i>Negro Drama</i>	Racionais MC's	<i>Nada Como um Dia Após o Outro Dia</i>	2 0 0 2	Eu sou problema de montão, de carnaval a carnaval Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal Problema com escola eu tenho mil, mil fitas Inacreditável, mas seu filho me imita No meio de vocês ele é o mais esperto Ginga e fala gíria, gíria não, dialeto
------------------------	-------------------	--	------------------	---

Pode-se observar que, no excerto acima, não há nenhuma indicação explícita de que ele trata da questão racial. Todavia, pode-se chegar à essa conclusão por meio do próprio nome da música, além de distintas passagens as quais não foram reproduzidas aqui. Ao final da letra, por exemplo, Mano Brown canta a seguinte frase: “eu vivo o negro

drama, eu sou o negro drama, eu sou fruto do negro drama”. Sendo assim, o “eu” do qual o excerto trata é o jovem negro. O ‘seu’ ou o ‘vocês’, neste sentido, pode ser entendido como a elite branca, se levarmos em conta outra passagem: “Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é”. Dessa forma, conclui-se que na visão do Racionais MC a situação do sujeito negro é problemática de distintas maneiras, especialmente em relação à escola. Apesar disso, o *rapper* faz uma provocação ao afirmar, que mesmo com todos esses problemas, ainda serve de inspiração aos jovens brancos a partir de sua produção musical enquanto *rapper*, como fica evidente mais adiante na frase “Esse não é mais seu, oh! Subiu. Entrei pelo seu rádio e tomei, cê nem viu”.

Abaixo, segue um excerto de MV Bill que relaciona o papel do *hip hop*, o racismo e a educação:

<i>O Verdadeiro Hip hop '1999'</i>	MV Bill	-	2 0 1 7	Com o spray numa mão limpo a sujeira com grafite Na outra o microfone denuncia o crime Contra minha raça contra a educação do meu povo O H2 me traz à tona de novo
------------------------------------	---------	---	------------------	---

O excerto acima foi retirado de um single lançado por MV Bill com participações de outros *rappers*. Pode-se perceber na elaboração dos próprios *rappers* a ideia de que o *rap* pode cumprir um papel de denúncia contra as injustiças sociais as quais a população negra é submetida, entre elas a negação de seu direito à educação. Nesse sentido, é possível compreender a expressão “o H2 me traz à tona de novo” como uma afirmação de que o *hip hop*, significado da sigla H2, é o espaço aberto para que essa denúncia se realize. Por fim, apresenta-se um excerto do *rapper* GOG que também trata do papel do *rap* frente à educação da população negra:

<i>Universo Gueto</i>	GOG	<i>Mumm-Rá High Tech</i>	2 0 1 8	Lei do mundo dos tijolos vermelhos, ousado fedelho Em cômodo de madeirite existe, não é ‘Hello Kitty’ Nova e velha escola são salas de aula sem professor Onde o rap e a rua formou Cada quadro negro!
-----------------------	-----	--------------------------	------------------	--

Observando o excerto acima, é possível notar que o *rapper* está tratando sobre um contexto periférico a partir da expressão “mundo dos tijolos vermelhos”, que faz referência às construções sem acabamento (reboco e pintura), com os tijolos à vista. A mesma marcação espacial fica evidente em ‘cômodo de madeirite’. Desse modo, GOG

delimita o território onde o *rap* se localiza, território este que se apresenta tanto para a nova geração (‘nova escola’) quanto para a velha geração (‘velha escola’) na forma de salas de aula sem professor. Neste sentido, por essa condição precária da escola, foi o próprio *rap* e a experiência na rua que se ocuparam da formação de cada ‘quadro negro’, expressão que aqui se refere aos indivíduos negros.

<i>EMIVI</i>	MV Bill	<i>Retrato</i>	2 0 1 2	Mensageiro da verdade sem deixar me sucumbir Odiado e amado pelo que eu promovi Mais respeito pelo o povo da favela eu exigi As mentiras dos livros da escola eu descobri É por essas e por outras que eu sou EMIVI
--------------	---------	----------------	------------------	---

No trecho destacado acima pode-se compreender que o MV Bill traz à tona a questão do currículo escolar. Isso pode ser observado na medida em que o rapper afirma ter descoberto as “mentiras dos livros da escola”. Pode-se relacionar tais “mentiras” mencionadas por ele, por exemplo, com os debates acerca do ensino da história da população negra brasileira, usualmente abordados no meio do *hip hop*, bem como pelo movimento negro em geral. Ao evidenciar essa questão, o *rapper* se apresenta como “mensageiro da verdade”, que é o significado da sigla “MV” de seu nome artístico.

<i>Rap du Bom pt. 2</i>	Rappin' Hood	<i>Sujeito Homem 2</i>	2 0 0 5	Se o mundo inteiro pudesse me ouvir Eu mandaria um papo reto para todo o povo refletir Que é pra mudar, a mente revolucionar Pra melhorar a sua forma de pensar Deixar pra lá racismo e discriminação Se liga, irmão, por mais saúde e educação
-------------------------	--------------	------------------------	------------------	--

O trecho apresentado acima foi retirado de uma música *Rap du Bom pt. 2*, gravada por Rapin' Hood com a participação de Caetano Veloso. Na letra, o rapper afirma que se o mundo inteiro pudesse ouvi-lo (referência à canção *Azul da Cor do Mar*, de Tim Maia), chamaria a atenção para a necessidade de uma mudança na forma de pensar, buscando superar o racismo e a discriminação. Sendo assim, destaca-se que, para o rapper, essa transformação está relacionada com a reivindicação (“Se liga, irmão”) por mais educação. Assim, pode-se compreender que a educação é entendida como uma peça importante para uma mudança na subjetividade dos indivíduos, necessária para fazer frente, por exemplo, ao racismo da sociedade.

<i>Negro Limitado</i>	Racionais MC's	<i>Escolha o seu Caminho</i>	1	Cultura, educação, livros, escola
			9	Crocodilagem demais, vagabundas e drogas
			9	A segunda opção é o caminho mais rápido e fácil
			2	A morte percorre a mesma estrada, é inevitável

O excerto acima foi retirado da música *Negro Limitado* dos Racionais MC's. Antes de analisá-lo especificamente é necessário apresentar, de maneira mais ampla, a temática elaborada no conjunto da composição. A letra se constitui como uma espécie de diálogo entre os MC's e um sujeito negro no qual eles afirmam a importância de se ter um pensamento crítico e consciência dos problemas sociais, especialmente os que atingem mais diretamente a população negra, como o racismo, o que é questionado pelo sujeito. Desse modo, em diversos momentos, os *rappers* o colocam diante de duas possibilidades antagônicas: “ser um verdadeiro preto, puro e formado, ou ser apenas mais um negro limitado”. Dito isso, pode-se observar que o excerto destacado abarca também essa dualidade, na medida em que apresenta uma contraposição entre dois “caminhos” possíveis²⁵: o da formação (e conscientização) e o da “marginalidade”. Este último, na visão dos Racionais, apesar de parecer “mais rápido e fácil”, traz consigo o risco da morte, da violência, do encarceramento, entre outras consequências que, como se sabe, atinge principalmente a população negra e periférica. Não se pode deixar de destacar aqui o uso de uma expressão de caráter misógino, algo que se repete em outras músicas do grupo (e de distintos outros grupos também) e está relacionado ao machismo que marcou boa parte da produção do *rap*, especialmente nos anos 1990.

<i>Negro Limitado</i>	Racionais MC's	<i>Escolha o seu Caminho</i>	1	Filho, é fácil qualquer um faz
			9	Mas criá-los, não, você não é capaz
			9	Ele nasce, cresce, e o que acontece?
			2	Sem referência a seguir, sem ter a quem ouvir
				Um mal aluno na escola certamente ele será
				Mas um menino confuso, no quarto escuro da ignorância

Acima, destaca-se outro trecho retirado da mesma composição analisada anteriormente, *Negro Limitado*, dos Racionais MC's. Pode-se observar que os *rappers*, nesse momento, tratam da formação das gerações futuras e das consequências da não valorização da educação e do conhecimento. Destaca-se a compreensão de que a escola é um contraponto à “ignorância”. Nesse sentido, segundo os *rappers*, a referência familiar

²⁵ Chama a atenção o nome do disco do qual a música foi retirada: *Escolha Seu Caminho*.

e o aconselhamento/incentivo em relação à educação podem ser determinantes para uma experiência escolar adequada (“sucesso escolar”). Encontra-se implícita nesse pensamento a ideia de que há uma espécie de ciclo que impede a formação das crianças e jovens negras, o qual parece que os *rappers* tentam combater.

<i>Brasil Sem Educação</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1 9 9 9	Negar a educação é continuar com a escravidão No Brasil, sou mais um que foi oprimido Com aquele salário de fome, iludido
----------------------------	---------------	------------------------------	------------------	---

Com base no excerto acima, destaca-se que o Face da Morte estabelece uma relação importante entre a educação e o passado escravocrata brasileiro. Nota-se que, para os *rappers*, a falta de acesso à educação está ligada a manutenção da desigualdade econômica e racial no país. Nesse sentido, contribui à perpetuação da opressão dá continuidade às mazelas sociais que tem origem no processo histórico brasileiro, do qual o período da escravagista foi parte fundamental.

- Escola e Violência

A temática escola e violência está presente num grande número das referências analisadas nesta pesquisa, como pôde ser observado no trato das duas primeiras categorias. Esta categoria foi estabelecida, no entanto, para organizar as referências que tratam especificamente de situações de violência relacionadas à escola. Nesse sentido, será apresentado o primeiro excerto:

<i>A Capela dos 50.000 Espíritos</i>	Facção Central	<i>O Espetáculo do Circo dos Horrores</i>	2 0 0 6	Na escola, música clássica no circuito Pro aluno não ouvir a 9mm Do vacilão que matou o nóia na boca da favela Arrastou polícia, afastou a clientela
--------------------------------------	----------------	---	------------------	---

Observa-se, a partir do excerto acima, a descrição de uma cena na qual uma escola reproduz música clássica no circuito interno de som para que os alunos não escutem o barulho causado por uma arma de fogo em um assassinato ocorrido nas redondezas. O Facção Central, neste sentido, chama a atenção para um cenário bastante comum na realidade de escolas localizadas em bairros periféricos. Este fato pode ser facilmente observado nos noticiários da imprensa sobre trocas de tiro ocorrendo próximo às escolas, muitas vezes em confrontos entre o crime organizado e a polícia militar. Um exemplo

muito marcante desta realidade foi a morte da menina de 13 anos Maria Eduarda, em 2017, em decorrência de um tiro disparado por um policial que a acertou enquanto estava no espaço de uma escola na zona norte do Rio de Janeiro. Segue abaixo outro excerto que trata desse contexto de violência:

<i>Guerra de Facção</i>	MV Bill	<i>Contemporâneo</i>	2 0 1 5	Novos soldados, a favela virou Pouco sobrou, olha só o que restou Escola sem aula, comércio fechado Morador acuado, tudo dominado Outra facção assumindo os pontos de venda
-------------------------	---------	----------------------	------------------	---

Por meio do excerto acima, pode-se observar a descrição de uma outra cena na qual a escola está inserida em contexto de violência. Neste caso, o *rapper* MV Bill descreve um cenário no qual, devido a uma disputa entre facções do crime organizado por pontos de tráfico de drogas, não pôde haver aula na escola. Sabe-se que situações como esta ocorrem com frequência em determinados contextos periféricos, ora por conta de conflitos entre facções, ora por conta de confrontos de facções com a polícia, como apontado anteriormente. A seguir, será apresentado um excerto que traz uma abordagem distinta sobre esta temática:

<i>Sonhei com o Céu</i>	Facção Central	<i>Estamos de Luto</i>	1 9 9 8	Eu não ouvi os boatos da noite que passou Será que ninguém morreu? Ninguém matou? Ninguém matou? Olho o caderno na mão, tem uma tático ali Tem segurança pras crianças indo pra escola Estudar é tão bom quando a morte não está aqui
-------------------------	----------------	------------------------	------------------	--

Observa-se, no excerto acima, a descrição de um cenário que na visão do Facção Central é bastante distinto da realidade que costumam narrar os *rappers*. O próprio nome da música indica que se trata de uma situação ideal, um sonho. No excerto, o grupo descreve um contexto imaginário no qual um dia começa sem que haja notícias envolvendo mortes e as crianças vão para a escola em segurança. Destaca-se, ao final do excerto, a expressão “estudar é tão bom quando a morte não está aqui”. A partir dela, os *rappers* chamam a atenção, mais uma vez, para os possíveis impactos causados por um contexto violento no cotidiano escolar de muitas crianças e jovens. Segue abaixo um excerto do mesmo grupo, o qual trata de uma temática distinta das anteriores:

<i>Castelo Triste</i>	Facção Central	<i>O Espetáculo do Circo dos Horrores</i>	2006	Saí da escola sem ler, sem saber multiplicação Vencido pelo riso dos alunos que me olhavam como aberração
-----------------------	----------------	---	------	--

O excerto acima apresenta uma referência a uma outra questão fundamental para o debate acerca da relação entre escola e violência, que é a discriminação. Embora não fique claro a partir do excerto, a música trata de um relato da experiência de vida de uma pessoa com deficiência, no caso, um indivíduo com paralisia e, por isso, cadeirante. No excerto, nota-se mais um relato de abandono escolar, desta vez, fruto da discriminação que o sujeito sofreu de seus colegas de escola. Por fim, segue excerto que apresenta uma outra temática sobre a relação entre escola e violência:

<i>Um Gole de Veneno</i>	Facção Central	<i>Direto do Campo de Extermínio</i>	2003	Foi na época de escola que ele mais me batia Putá sol de manga comprida escondendo as feridas Até que um dia, por mais que fosse constrangedor Mostrei os machucados pro professor Na esperança que alguém me livrasse do purgatório Que o juiz tomasse a guarda e eu fosse pro reformatório Reunião dos pais, expectativa, não pegou nada Chaveco, blá blá blá, abraçaram as lágrimas falsas
--------------------------	----------------	--------------------------------------	------	--

Com base no excerto acima, observa-se um relato no qual um sujeito em idade escolar era vítima de violência doméstica e procurou a escola, na figura do professor, em busca de auxílio. Os *rappers* chamam a atenção para o fato de que a escola em questão, ainda que tendo sido informada, não tomou nenhuma atitude em relação à violência. Ainda que o excerto não aborde as consequências, ao longo da letra da música a situação se desenvolve de maneira catastrófica. Pode-se notar, neste sentido, o entendimento do grupo de que a escola poderia ter, de alguma maneira, atuado neste contexto de violência.

<i>Na Zona Sul</i>	Sabotage	<i>Rap é Compromisso</i>	2000	Zona sul, primeira independência em vaidade Criança, na escola, é Hitler na tendência Ter paciência é a chave do problema
--------------------	----------	--------------------------	------	---

No excerto acima, destaca-se a afirmação: “Criança na escola, é Hitler na tendência”. Pode-se interpretar que o *rapper* Sabotage, ao fazer esta comparação, está chamando a atenção às distintas formas de preconceito, de discriminação e de violência

reproduzidas no cotidiano escolar. Outra possibilidade de análise pode ser desenvolvida levando em consideração a ideia bastante propagada no senso comum de que o líder nazista teria sido um jovem frustrado diante de suas expectativas escolares e profissionais, e que isso seria uma das razões para o desenvolvimento de sua personalidade extremamente autoritária e violenta (para dizer o mínimo). Com base nesta consideração, o *rapper* estaria caracterizando a escola como um lugar onde as expectativas não se concretizam, o que poderia contribuir para a geração do ódio e do ressentimento.

<i>A Vingança</i>	Face da Morte	<i>Quadrilha da Morte</i>	1 9 9 8	Faz 7 anos que o moleque nasceu Pela idade é normal ir pra escola e tal Já no primeiro intervalo A brincadeira no pátio era polícia e ladrão Agora tente adivinhar de que lado ele está Lá na favela não existe empresário pra ele se espelhar A polícia vai lá somente pra matar
-------------------	---------------	---------------------------	------------------	---

O trecho apresentado acima, do grupo Face da Morte, chama a atenção para um importante debate, o da reprodução da violência no cotidiano escolar, por exemplo, através de jogos e brincadeiras como “polícia e ladrão”. Além disso, os *rappers* apontam uma ausência de referências nos contextos periféricos que escampam a lógica da violência relacionada à repressão policial e a criminalidade. Desse modo, segundo o grupo, devido à brutal atuação da polícia nas periferias e à esta falta de outras referências, parece haver uma maior identificação das crianças com os sujeitos que são alvos dessa atuação violenta da polícia, os que são tidos como ladrões e bandidos.

<i>A Bola do Mundo 2</i>	Rappin' Hood	<i>Sujeito Homem</i>	2 0 0 1	Na porta da escola era onde o mano estava Mal sabia ele o que o destino lhe traçava Eis que um camarada um convite a ele faz Vamos nessa, meu irmão, fumar um é bom demais
--------------------------	--------------	----------------------	------------------	---

É possível perceber, com base no excerto acima, que Rappin' Hood apresenta um relato no qual um sujeito é convidado por outro para fumar maconha no que parece ser uma primeira experiência com a possibilidade do uso de drogas. É importante destacar que, no relato, esse convite é feito na porta da escola, o que indica uma possível preocupação do rapper com a maneira pela qual o uso de drogas permeia o ambiente escolar. Além disso, cabe ressaltar que o objetivo do rapper é, também, desincentivar o uso de drogas, na medida em que essa situação narrada se desenvolve na letra de maneira trágica.

<i>Fórmula Mágica da Paz</i>	Racionais MC's	<i>Sobrevivendo no Inferno</i>	1	A noite inteira só contando história
			9	Sobre o crime, sobre as treta na escola
			9	Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério
			7	Admirava os ladrão e os malandro mais velho

O trecho destacado acima foi retirado da música *Fórmula Mágica da Paz*, dos Racionais MC's. Nesse momento da letra, parece que Mano Brown está falando de sua própria experiência, de recordações de quando “era só um moleque”. A menção à escola, embora bastante pontual, é interessante na medida em que aponta um elemento de como a violência se apresenta neste local, que é a frequência de brigas e enfrentamentos, dos quais muitos envolvem o confronto físico entre os próprios alunos e, inclusive, entre alunos e professores/funcionários.

<i>Coração de Mãe</i>	GOG	<i>Aviso às Gerações</i>	2	Duas horas de atraso, ele só chega no horário
			0	Celular desligado, começa a dar aflição
			0	O que teria acontecido? Filho, que situação?
			0	Levou tiro? Tá ferido? Foi detido? Qual razão?
			6	Não é disso. É de casa pra escola, televisão

De acordo com o trecho apresentado acima, de GOG, pode-se perceber que o rapper relata os pensamentos de uma mãe que aguarda seu filho retornar da escola. Nota-se que GOG busca chamar a atenção ao fato de que em determinados contextos marcados pela violência, como os de distintas localidades nas periferias das grandes cidades, a simples ida à escola é acompanhada pela incerteza em relação à saúde e à segurança das crianças e jovens. É impossível não recordar distintos casos noticiados pela imprensa de estudantes que, ao frequentar a escola, não tiveram sua segurança preservada, como por exemplo Marcos Vinícius, de 14 anos, que foi atingido por um disparo da polícia no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, enquanto usava o uniforme escolar²⁶.

- Condições da Escola

Como já apontado, esta categoria busca reunir os excertos que possuem referências à situação da escola ou que a caracterizam de alguma maneira. Esse tipo de referência também pode ser encontrado nas demais categorias, no entanto, foi necessário

²⁶ Esse caso emblemático foi, inclusive, abordado em algumas canções de *rap*, como por exemplo a música *Favela Vive 3*, do grupo carioca ADL.

a criação de uma categoria à parte para analisar esse conteúdo especificamente. Assim, apresenta-se o primeiro excerto:

<i>Quando é Que Vão Olhar Pro Inferno</i>	Facção Central	<i>Versos Sangrentos</i>	1	Sem estrutura, sem o ensino, sem o caminho
			9	Escola desqualificada não é incentivo
			9	Pra ter retorno, o investimento é essencial
			9	Descaso plantado é colheita letal

A partir do excerto acima, do grupo Facção Central, observa-se que a escola é caracterizada como desqualificada. Em seguida é abordada a questão do investimento, o que leva à compreensão de que, na visão do grupo, a falta do investimento seria responsável pela desqualificação da escola apontada. Por fim, ao utilizar a expressão ‘colheita letal’, os *rappers* chamam a atenção para as graves consequências do descaso em relação à escola. Segue abaixo outro excerto que incide também sobre a questão do investimento:

<i>Mancada 2000</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1	Escolas por aqui eu não vejo construir
			9	25% do orçamento
			9	Na teoria é destinado para a educação
			9	Mas no fim desaparecem entre as nuvens da corrupção

Nota-se, no excerto acima, que o grupo Face da Morte chama a atenção para a falta de construção de novas escolas em contextos periféricos, como indica a expressão ‘por aqui’. É possível observar que, na visão do grupo, esse problema está relacionado à questão do orçamento público ao apontar que 25% em teoria é destinado à educação, em referência ao texto constitucional que prevê que 25% do orçamento de estados e municípios devem ser investidos em educação. O excerto apresenta, também, o entendimento de que esse investimento não ocorre na prática em decorrência da corrupção que envolve o poder público. Abaixo, segue um excerto que contém outra perspectiva sobre o tema:

<i>Brasília Periferia</i>	GOG	<i>Dia Dia da Periferia</i>	1	Daqui tô vendo luzes acesas, é Samambaia
			9	Vários botecos abertos, várias escolas vazias
			9	Coisas inacreditáveis acontecem a luz do dia
			4	

No excerto acima, é possível observar uma perspectiva distinta da que foi apresentada anteriormente. Nota-se que GOG aponta para a questão da ausência de alunos nas escolas, no caso, da localidade de Samambaia, região administrativa do Distrito Federal. Além disso, o excerto contrapõe esse dado à presença de ‘vários botecos abertos’ o que leva à compreensão de que, na visão do *rapper*, há um maior incentivo à frequência de bares que em relação à escola. Apresenta-se abaixo outro excerto sobre a condição da escola.

<i>Crime do Raciocínio</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1 9 9 9	O pai que bebe, a mãe que some e ele não sabe pra onde Vai pra escola pra comer, sem direito à lazer Estudar ele não gosta, a escola é uma bosta Carteira quebrada, parede pichada, professora desmotivada
----------------------------	---------------	------------------------------	------------------	---

O excerto acima apresenta um relato de uma situação na qual o sujeito não gosta de estudar e frequenta a escola apenas para comer. Na visão apresentada, a escola é considerada pejorativamente como uma ‘bosta’. O grupo justifica essa consideração chamando a atenção para a presença de carteiras quebradas e paredes pichadas, o que é muito comum em distintos contextos escolares. Além disso, o excerto traz um elemento muito importante ao debate quando aponta a desmotivação do corpo docente como características de uma escola ruim. Por fim, apresenta-se um excerto que também aborda a questão docente:

<i>175 Nada Especial</i>	Gabriel, o Pensador	<i>Gabriel o Pensador</i>	1 9 9 3	Era o meu ex-professor da escola, coitado Tá fodido e mal pago, daqui a pouco tá pedindo esmola Ele é um mestre, um baú de sabedoria Esse ‘num’ é o valor que um professor merecia Profissional de primeira importância pro nosso futuro Ninguém mais quer ser professor pra ‘num’ viver duro E ele desceu em outra escola pra dar mais aula (“É que eu trabalho nos três turnos, chego em casa e ainda corrijo prova”)
--------------------------	---------------------	---------------------------	------------------	--

No excerto acima, pode-se identificar o relato de uma situação na qual um sujeito encontra no transporte público um antigo professor, o que o leva a fazer algumas reflexões. Nota-se que o *rapper* chama a atenção para o elemento da remuneração dos docentes. Segundo o excerto, a figura do professor é desvalorizada, o que se expressa na

má remuneração da categoria, fazendo com que poucas pessoas queiram seguir esta profissão. Outro elemento que se destaca no excerto é a sobrecarga de trabalho dos docentes. O professor em questão, além de trabalhar nos três turnos, em distintas escolas, ainda trabalha em casa. Por fim, é possível observar que o *rapper* apresenta uma visão bastante positiva a respeito da categoria docente, o que pode ser notado a partir das expressões ‘mestre’, ‘baú de sabedoria’ e ‘profissional de primeira importância’.

<i>Brasil Sem Educação</i>	Face da Morte	<i>O Crime do Raciocínio</i>	1	A escola é caduca, mal ensina, deseduca
			9	Essa é a sina
			9	Estamos sem eira nem beira
			9	Á beira do ano 2000

Com base no trecho destacado, nota-se que a escola é descrita pelo grupo como incapaz de realizar suas funções: ensinar e educar. A letra faz questão de apresentar uma marcação temporal clara, o que parece servir para enfatizar que, mesmo as vésperas da virada do milênio, ainda não se vislumbrava uma alternativa à essa “sina” de uma educação precária.

<i>De Encontro À Morte</i>	Facção Central	<i>A Marcha Fúnebre Prossegue</i>	2	Descalço, fazendo gol na porta da escola
			0	Carente de incentivo, de um espelho
			0	Hoje não tem aula, professor não veio
			1	

No trecho acima, o Facção Central descreve uma situação na qual não houve aula na escola devido a falta do professor. Cabe destacar que situações como essa não são tão incomuns, principalmente quando se trata de escolas localizadas nos extremos da cidade, onde a ausência ou a pouca qualidade dos serviços públicos como o transporte impõem uma dinâmica de incertezas. Além disso, os *rappers* salientam o pouco incentivo e a falta de referências das crianças e jovens da periferia em relação à educação.

<i>Front de Madeirite</i>	Facção Central	<i>O Espetáculo do Circo dos Horrores</i>	2	Qual é a diferença da Febem de Franco da Rocha Pra escola que só por falta reprova?
			0	
			0	
			6	

O excerto apresentado acima foi retirado da música Front de Madeirite, do Facção Central e faz referência à questão da reprovação escolar por motivo de baixa frequência. Pode-se notar que o grupo entende essa forma de reprovação como autoritária, na medida em que faz uma comparação da escola com uma unidade da antiga FEBEM (que no ano em que a música foi lançada mudou de nomenclatura para Fundação CASA), responsável por executar medidas socioeducativas de adolescentes que cometeram atos infracionais. Destaca-se que a comparação tem um objetivo profundamente crítico, na medida em que essa instituição é alvo de distintas denúncias de infração aos direitos da criança e do adolescente, tais como de agressão e maus tratos.

<i>Pega Ladrão!</i>	Gabriel, o Pensador	<i>Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)</i>	2 0 0 1	Ah! E o meu cofre cheio de dólar? É o dinheiro que seria pra fazer mais uma escola Precisa ver minha fazenda. Comprei só com o dinheiro da merenda E o meu filhão? Um milhão só de mesada E tudo com o dinheiro das crianças abandonadas
---------------------	---------------------	--	------------------	--

De acordo com o trecho destacado, nota-se que Gabriel o Pensador aborda a questão da corrupção no poder público ao apresentar um suposto diálogo no qual o sujeito afirma ter um cofre cheio de dólares e uma fazenda, além de pagar uma mesada milionária ao filho, fruto do desvio de dinheiro que deveria ser utilizado na construção de escolas, na merenda escolar e no cuidado de crianças abandonadas. Nesse sentido, o rapper chama a atenção às consequências do desvio de dinheiro público para a educação do país.

<i>Tô Ouvindo Alguém Me Chamar</i>	Racionais MC's	<i>Sobrevivendo no Inferno</i>	1 9 9 7	Os maluco lá do bairro Já falava de revólver, droga, carro Pela janela da classe, eu olhava lá fora A rua me atraía mais do que a escola Fiz dezessete, tinha que sobreviver Agora eu era um homem, tinha que correr
------------------------------------	----------------	--------------------------------	------------------	---

O trecho destacado acima foi retirado da canção *Tô Alguém me Chamar*, dos Racionais MC's. Ao analisar a totalidade da letra desta música, percebe-se que se trata de uma espécie de testemunho, no qual um sujeito aparentemente hospitalizado (nota-se pelo ruído de máquinas hospitalares) faz uma retrospectiva de distintos momentos de sua vida, especialmente os que se relacionam à sua experiência com a criminalidade. Chama a atenção que os *rappers*, ao mencionar a escola, qualificam-na como pouco atrativa, especialmente em contextos como o que a narrativa dessa música se passa, onde a

necessidade de sobrevivência se impõe precocemente aos jovens e a possibilidade do consumo de produtos de alto valor, muitas vezes, só é alcançada por meio do tráfico de drogas e outras práticas criminosas.

VI) Síntese da análise das letras

Por meio desta análise sobre os dados levantados pela pesquisa, foi possível identificar nas letras de *rap* uma expressiva quantidade de referências à escola ou à educação. Foi possível identificar, também, uma ampla variedade de debates do campo educacional contidos nestas referências. Desse modo, serão apresentados aqui os principais aspectos encontrados nas letras em cada uma das categorias utilizadas para a análise.

Pode-se dizer que os excertos que compõem a categoria Papel da Escola, em geral, incidem sobre elementos que a escola realiza ou que poderia realizar, de um lado, e determinadas consequências da não escolarização, de outro. No primeiro caso, foram apontadas certas funções da escola para o desenvolvimento dos indivíduos, das quais destacam-se: formar a personalidade, fazer amigos (socialização), preparar para a vida e produzir “homens de bem”. No segundo caso, os trechos analisados indicaram que a falta de acesso à escola ou a precariedade das suas condições relaciona-se com: a impossibilidade de escolha de uma trajetória individual alternativa à criminalidade, o abuso de álcool e a drogadição, incremento da violência social.

A categoria Desigualdade Social e Educação reuniu excertos que incidem sobre três aspectos principais: a comparação entre o ensino público e o privado, os impactos da desigualdade social na educação e as consequências de uma educação desigual. O primeiro aspecto abarcou as disparidades entre a educação voltada às classes populares e a educação das elites, dos quais um ponto importante é a falta de acesso dos jovens das periferias ao ensino superior. O segundo aspecto é constituído por distintas questões relacionadas à contextos de baixo poder econômico ou de pobreza que interferem na qualidade, na permanência e no desempenho escolar, tais como o acesso precário à alimentação, a necessidade do trabalho precoce, a falta de incentivo ou de representações simbólicas, entre outros. O terceiro aspecto incide sobre questões sociais mais amplas que se relacionam com a discrepância no acesso à educação entre ricos e pobres, por exemplo,

a reprodução da desigualdade social e da dominação política e econômica das elites brasileiras.

Os excertos organizados na categoria Educação e Questão Racial, apesar da menor quantidade, o que, conforme foi discutido, se deve à intersecção deste debate com a desigualdade social brasileira, apresentam discussões fundamentais e de grande profundidade. Nesse sentido, é notável a frequência de recorridos históricos que incidem sobre o período escravocrata e a não integração do negro na sociedade pós-abolição, debate este que marcou profundamente a sociologia brasileira. Além disso, foram encontradas elaborações acerca da estigmatização da população negra, promovida especialmente pela mídia, e sua relação com a educação, por exemplo, a falta de referências, além das debilidades do currículo escolar em relação a história da população afro-brasileira. Por fim, destaca-se o entendimento de que a educação é fundamental para a superação do racismo e da discriminação.

Na categoria Escola e Violência, a maior quantidade de referências tratam de um contexto violento no qual as escolas da periferia estão imersas e de que maneira essa questão interfere no cotidiano escolar. Dentro desse contexto violento, são ressaltadas as ações repressivas do estado, os confrontos da polícia com o crime organizado e entre distintas facções deste, que muitas vezes ocasionam o fechamento das escolas, a falta de professores e a insegurança das crianças e jovens que se deslocam para estudar. Além disso, ainda sobre o contexto, encontrou-se menções a situações de violência doméstica e de uso de drogas. Outro debate importante que os *rappers* colocam em evidência é a reprodução da violência no ambiente escolar que se manifesta, por exemplo, em distintas formas de discriminação e preconceito, nos confrontos entre estudantes ou destes com professores, além de determinados jogos e brincadeiras que simulam elementos da violência social brasileira.

Do conjunto de excertos que compõem a categoria Condições da Escola, chama a atenção as distintas caracterizações, em geral críticas, que são feitas sobre a escola, tais como: desqualificada, caduca, pouco atrativa. Do mesmo modo, encontram-se menções à precariedade dos espaços e materiais escolares, à falta de corpo docente, e à falta ou o esvaziamento das escolas em determinadas localidades. Além dessas caracterizações, discute-se as questões políticas que interferem nesse cenário, como o orçamento público, a corrupção, a baixa remuneração do corpo docente, entre outras. Sobre os professores,

há também referências sobre a desmotivação, o acúmulo de funções e a jornadas exaustivas.

Em linhas gerais, notou-se que esses debates incidem sobre três eixos fundamentais: a caracterização da escola, a relação sujeito-escola e a relação escola-sociedade. O primeiro eixo, da caracterização da escola, compreende as elaborações dos *rappers* sobre a maneira pela qual a escola se apresenta nos contextos periféricos. Observou-se a presença de referências que tratam, principalmente, da precariedade das condições dos espaços escolares e do corpo docente. Além disso, diversas elaborações tratam de apontar o contexto social de violência e de falta de serviços públicos no qual as escolas dos bairros periféricos estão inseridas. O segundo eixo, da relação sujeito-escola, abrange as referências a distintos elementos que perpassam a experiência de sujeitos, especialmente de jovens negros da periferia, em relação à escola. Notou-se a presença de expressões que tocam, especialmente, os temas da falta de acesso à educação, da falta de incentivo ao estudo e do abandono ou evasão escolar. O terceiro eixo, da relação escola-sociedade, abarca as referências que manifestam um entendimento de determinada função social associada à escola. Percebeu-se que esse entendimento se expressa, primordialmente, na contraposição entre a educação e a violência. Dessa forma, a escola seria compreendida como a possibilidade de integrar os grupos sociais em contextos marcados pela marginalização, pela pobreza e pela pouca oferta de trabalhos formais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, esta pesquisa buscou analisar a educação brasileira lançando luz sobre a produção de um gênero musical, o *rap*. A decisão de adotar essa perspectiva para investigar questões sociais tão importantes para a sociedade brasileira não foi tomada por acaso ou por uma afinidade do pesquisador. Na verdade, há distintos fatores na origem, na constituição e na trajetória do *rap* que fazem com que essa manifestação da cultura seja um lugar privilegiado para a análise da sociedade contemporânea em seus variados aspectos, inclusive do ponto de vista educacional.

Nesse sentido, procurou-se apresentar, com base na análise da bibliografia especializada, que o *rap* tem suas origens na confluência de práticas culturais da população afro-americana e de migrantes caribenhos que se manifestavam em bairros periféricos de grandes cidades como Nova York, nos EUA, por volta da década 1970. Destacou-se, também, que estes territórios eram marcados por profundos problemas sociais, os quais, mesmo após a ascensão dos movimentos políticos e sociais da década anterior, como a luta pelos direitos civis, ainda atingiam a maior parte da população negra e das classes populares em geral, por exemplo, a violência social, o desemprego, a falta de acesso à direitos como moradia, saúde, educação, entre outros elementos.

Nesse contexto, procurou-se mostrar que o *hip hop*, do qual o *rap* é um de seus elementos, despontou como uma espécie de resposta a esse cenário de marginalização, uma reelaboração do conflito social em termos artísticos com o objetivo de superá-lo. Desse modo, observou-se que essa manifestação da cultura incorporou em si determinados objetivos, tais como afirmar a identidade da população negra e construir uma solidariedade entre os sujeitos sociais marginalizados. Nesse sentido, aqueles que desenvolveram a cultura *hip hop* tomaram a tarefa de resgatar a história e a cultura do povo negro e promover espaços de formação, de tal forma que o “conhecimento” foi tomado como um dos elementos que constituem essa cultura. Por essas razões, o *rap*, como uma das expressões desse movimento cultural e artístico, desde suas origens, esteve marcado pela presença de duras críticas sociais e denúncias das diversas mazelas desta sociedade capitalista.

Também se verificou que no Brasil essa trajetória não foi muito diferente. O processo histórico da redemocratização do país que culminou na constituição de 1988,

parece ter não ter alterado profundamente os problemas sociais que a população negra e pobre enfrentava em seu cotidiano. O acesso ao emprego, saúde, educação, e diversos outros direitos que a constituição garantia a todos os cidadãos e cidadãs não se efetivavam nas localidades periféricas. Esse cenário contribuiu para que o *rap*, que havia chegado em meados da década de 1980, logo se transformasse num instrumento de articulação dos jovens negros e pobres das periferias e de denúncia da crise social em que esses grupos sociais se encontravam imersos.

Uma vez feita essa análise acerca das origens e das características que marcaram o desenvolvimento do *rap*, discutiu-se de que maneira esse gênero se transformou ao longo de sua história, por exemplo, alcançando públicos nas mais distintas classes sociais e regiões do país. Além disso, com o passar dos anos, a presença de mulheres produzindo *rap* só aumentou, da mesma forma outros grupos sociais se incorporaram ao *hip hop*, como as pessoas LGBTQIA+, indígenas, entre outros. Nesse contexto de mudanças, destacou-se que o *rap*, como um produto da cultura, encontra-se sujeito às pressões da indústria cultural, a qual, segundo Adorno e Horkheimer, manifesta uma tendência à incorporação de toda obra de arte à lógica da mercadoria, buscando neutralizar nela qualquer conteúdo crítico e autêntico que pudesse expressar.

Nesse sentido, foi discutido que, segundo alguns autores, a relação com o mercado e com a mídia foi algo que marcou o *rap* nacional de tal modo que este gênero passou a ser desmembrado em dois momentos: a “velha escola”, notadamente mais renitente em deixar-se assimilar, e a “nova escola”, mais desenvolta no trato de sua produção como negócio. Apesar dessa consideração, avaliou-se que diversas características do *rap*, tais como a identificação com a população negra, com as classes populares e os territórios periféricos, além do combate ao racismo e da denúncia da repressão policial e outras violações de direitos sociais, ainda que possam ter perdido espaço para outras manifestações, seguem tendo certa hegemonia no gênero, o que mostra uma relativa resistência às imposições promovidas pela indústria cultural. Outro tema importante na produção do *rap*, conforme demonstrou-se nesta pesquisa, é a problematização acerca da escola e da educação em geral.

Dado esse interesse de pesquisa voltado ao debate educacional, recorreu-se mais uma vez à bibliografia especializada com o objetivo de identificar quais relações eram estabelecidas entre o *rap* e a educação no Brasil na produção acadêmica. Assim, foram apresentadas algumas contribuições de distintos pesquisadores sobre a referida temática,

por meio das quais foi constatado que há, como se esperava, uma diversidade de relações possíveis. Destacou-se que tais relações incidem, principalmente, sobre dois aspectos. O primeiro diz respeito a maneira como o *rap* (e o *hip hop*, em geral) pode contribuir para uma educação mais comprometida com a diversidade étnica e racial e mais inclusiva do ponto de vista do tratamento com saberes e narrativas pouco usuais no meio intelectual. Um exemplo dessa abordagem se encontra nas possibilidades de se utilizar o *rap* como ferramenta para a realização de discussões sobre os conteúdos curriculares previstos na lei nº 10.639, de 2003. O segundo aspecto se relaciona com os impactos positivos que o *hip hop* e o *rap* apresentam na educação dos sujeitos sociais que dele fazem parte, que por meio de seus próprios espaços de formação, articulação e debate, contribui no desempenho destes jovens na educação formal.

Com base nesses levantamentos e nessas considerações foram delineados o problema e os objetivos desta pesquisa realizada. Encontrava-se aberta a possibilidade de investigar um elemento pouco explorado nesse campo específico do debate educacional: aquilo que os próprios *rappers* elaboram sobre a escola e sobre a educação brasileira em sua produção musical. Como forma de ampliar o potencial dessa análise proposta, buscou-se levar em consideração determinadas contribuições desenvolvidas pela Teoria Crítica da Sociedade que se articulam com o tema da educação, em particular os conceitos de formação cultural e pseudoformação elaborados por Adorno. Sendo assim, buscava-se refletir sobre as conjunturas econômicas, sociais e políticas que permearam as distintas elaborações dos *rappers*, assim como discutir pontos de aproximação ou de distanciamento em relação às análises que foram tomadas como referencial teórico desta pesquisa.

Conforme apresentou-se, para dar conta da investigação proposta foi preciso a elaboração de uma série de procedimentos de pesquisa. Em primeiro lugar, decidiu-se analisar as letras das músicas de *rap*, que são o principal registro do conteúdo destas produções musicais, embora muitas vezes não sejam disponibilizadas na forma de texto pelos artistas, sendo necessário se utilizar de *websites* que reúnem letras de músicas, tal qual a plataforma *Genius*. Para identificar as letras que faziam referência ao tema da educação foi pensada a realização de um rastreamento com base nas palavras-chave “escola” e “educação”. Além disso, devido a enorme quantidade de produções brasileiras ao longo dos mais de 30 anos de história desse gênero musical, foi fundamental adotar uma amostra que pudesse ser, de alguma forma, representativa deste conjunto. Para isso,

foram vasculhados distintos trabalhos que se utilizam de letras de *rap* nos quais se identificou nove grupos que mais se destacavam. Dessa forma, procedeu-se o rastreamento e a conformação de um banco de dados contendo 132 excertos que faziam menções à escola ou à educação, de um total de 102 músicas reunidas e analisadas.

Uma vez realizados esses procedimentos de pesquisa, passou-se à etapa da análise. Primeiramente, com base no levantamento bibliográfico e nos aportes do referencial teórico adotado, o *corpus* da pesquisa foi organizado a partir de categorias de análise elaboradas em função dos eixos temáticos aos quais os conteúdos dos excertos retirados se relacionavam mais imediatamente. Tal organização e categorização permitiu o desenvolvimento de uma série de análises sobre como o conteúdo das referências se distribuía a partir dos grupos selecionados e do contexto temporal no qual foram produzidos. Foi destacado, por exemplo, que a maior parte das referências se concentravam no período que vai de 1995 a 2004, momento da história nacional que em grande parte foi marcado pelo avanço de pautas neoliberais na política. Também foi possível constatar que a maioria dos excertos diziam respeito à temática da desigualdade social e suas relações com a educação, em primeiro lugar, e sobre a função social da escola, em segundo. Além disso, percebeu-se que no período mais atual, a questão racial passou a ocupar o centro do debate.

Após essas primeiras análises mais gerais, foram realizadas as análises mais pormenorizadas do material organizado. Conforme se apresentou, foram analisados individualmente dez excertos correspondentes a cada uma das categorias elaboradas buscando dar conta da diversidade de formulações e debates reunidos no interior de um mesmo eixo temático. Foi possível observar, desse modo, uma ampla variedade de questões importantes do contexto educacional brasileiro manifestadas nas letras, as quais apresentamos sinteticamente ao final do segundo capítulo deste trabalho.

Com base nessas análises desenvolvidas, a primeira consideração que se pode fazer é a de que há, conforme a bibliografia pontuava e a investigação demonstrou, uma grande valorização por parte dos *rappers* da educação, que se expressa na vasta quantidade de referências encontradas e na diversidade de discussões importantes manifestadas nas canções. Essa valorização pode ser observada no incentivo à formação presente nos diversos espaços da cultura *hip hop*, que se expressa muito bem pela máxima “vida loka é quem estuda”, bastante proferida nesses contextos e que faz referência a uma das canções de maior sucesso dos Racionais MCs. Por essa razão há um entendimento

dos *rappers* que manifesta uma posição, de certa forma, bastante crítica em relação a maneira como a educação brasileira se apresenta para os sujeitos sociais das classes economicamente desfavorecidas, principalmente no contexto das periferias urbanas. Tal posição pode ser observada, fundamentalmente, na quantidade de denúncias sobre a falta de acesso e a precariedade da escola pública, por um lado, e pela reivindicação de melhores condições estruturais e maior investimento para ela, por outro.

Foi possível observar, também, que essa crítica elaborada não se restringe apenas à constatação e à caracterização dos problemas que envolvem o cotidiano escolar, mas busca fundamentar-se na formação histórica da estrutura social brasileira, relacionando, desse modo, a questão educacional à reprodução de uma sociedade baseada na desigualdade e na exploração, que tem como uma de suas marcas mais profundas a violência social da qual a juventude negra e periférica é a principal vítima.

No entanto, notou-se um posicionamento que, em parte, é pouco propositivo e não tão problematizador em relação ao que a educação deveria ser, o que a escola deveria ensinar, que papel ela poderia cumprir para além da integração dos sujeitos à esta ordem social. Ao tratar da escola, os *rappers* reproduzem, de certo modo, concepções naturalizadas sobre a função desta instituição no atual modelo de sociedade como, por exemplo, em relação às possibilidades de inserção no mercado de trabalho e, de maneira mais remota, de ascensão social. Pode-se compreender tal posicionamento na medida em que para os sujeitos marginalizados, conforme ficou evidente, esta função de integração social possui um caráter primordial, que pode ser compreendida como alternativa a uma trajetória marcada pela violência, o encarceramento, a morte precoce, entre outros elementos. Essa consideração não é menos importante, ao contrário, demonstra de maneira vivaz que os problemas relacionados à educação não se restringem apenas ao contexto educacional, na verdade, têm profunda relação com a organização e o modelo de sociedade atual, o qual se baseia na desigualdade e na exploração.

Ainda assim, salienta-se que a discussão que se manifesta no *rap* a respeito da escola toca alguns pontos importantes para se pensar uma educação que almeje a autonomia e a emancipação dos sujeitos sociais, os quais possuem relação com distintas proposições elaboradas por Adorno a respeito de como a educação pode fazer frente ao processo de pseudoformação e às tendências sociais autoritárias, por exemplo, a necessidade da escola se contrapor a toda e qualquer forma de violência, a importância da educação política e do debate sobre os problemas sociais candentes na atualidade, assim como a essencialidade da superação do preconceito e da discriminação.

Com base nessas considerações, conclui-se que são muito pertinentes as possibilidades de aproximação entre os debates identificados na produção musical do *rap* e as análises desenvolvidas pelos autores da Teoria Crítica da Sociedade. Mais do que isso, defende-se que a potencialidade dos sujeitos sociais que se manifestam por meio do *rap* e o produto de suas experiências e elaborações pode, de certo modo, oxigenar tanto este quanto distintos outros campos teóricos do pensamento social. Em tempos como os atuais, em que projetos autoritários buscam avançar sobre o conhecimento científico, sobre os conteúdos curriculares e as formas de ensinar, bem como sobre diversas conquistas democráticas e direitos sociais, voltar-se aos grupos sociais marginalizados pode revitalizar concepções e análises que contribuam para pensar formas de resistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Teoria da pseudocultura* (1959). Traduzido da versão em inglês de Deborah Cook, publicada no periódico *Télos*. Western Univesity, Canadá, Ontário, v. 1993 (95), p. 15-38, 1993. Versão em português de Maria Angélica Pedra Minhoto (ainda não publicada no Brasil)

_____. *Educação e emancipação*. São Paulo: Editora Paz & Terra, 1995.

_____. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses*. Stanford University Press, 2000.

_____. A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista. *Revista Margem Esquerda*, nº. 7, 2006.

_____. *As estrelas descem à terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times*. Um estudo sobre superstição secundária. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

ADORNO, T.W.; SIMPSON, G. Sobre música popular. In: COHN, G., org. Theodor W. Adorno. São Paulo, Ática, p. 15-45, 1986.

AFONSO, Almerindo Janela et al. *Os lugares da educação. Educação não formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp, Centro de Memória, p. 29-38, 2001.

AMARAL, Monica. O Multiculturalismo, o *Hip Hop* e a Educação: como a música e a história da diáspora se entrelaçam no coração da periferia de São Paulo. In: AMARAL, M. & CARRIL, L. (orgs). *O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. São Paulo: Editora Alameda, 2015.

AMARAL, Mônica. O rap, a revolução e a educação: do Bronx à Primavera Árabe. *Ide*. São Paulo, v. 36, n. 56, p. 145-159, 2013.

ANDRADE, Elaine Nunes. *Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1996.

ANDRADE, Elaine Nunes. *Hip Hop: movimento negro juvenil*. In ANDRADE, E.N. (org.): *Rap e Educação, Rap é Educação*.. São Paulo: Editora Selo Negro, 1999.

BRAGA, Ive. *A história de Antoine Doinel: um estudo sobre a formação*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

BRAGA, Ive. *Miroslav Tichý: um lírico no auge da regressão dos sentidos*. Um estudo sobre o drama do indivíduo moderno. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos

Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflito e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CATWRIGHT, Dorwin P. Análise do material qualitativo. In: FESTINGER, Leon; KATZ, Daniel. *A pesquisa na psicologia social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 31, Número 1 Janeiro/Abril 2016, pp.99-127.

DIAS, Cristiane Correia. *Por uma pedagogia hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DINIZ, Péricles J. Questões de Raça na Identidade Baiana. *Anais do Quinto Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2009.

FELIX, João Batista. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GANHOR, J. P. *Ciência, tecnologia e o rap: contribuições à educação científica e tecnológica em periferias urbanas*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GARCIA DE SOUZA, M. L. Movimento Hip Hop e Educação: impactos sociais da atuação dos rappers na trajetória escolar de jovens negros em Curitiba (1999-2005). *Revista Negro e Educação*, São Paulo, n. 4, 2007.

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Anpocs, 1984.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Como trabalhar com raça em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2003.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio A. *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

HOOKS, bell. *From margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

MARTINS, Franklin. *Quem foi que inventou o Brasil? A música popular conta a história da República – Volume III – 1985 a 2002*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. *Mulheres no hip hop: identidades e representações*. Mestrado em Educação – Unicamp, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Camargos. *Música e política: percepções da vida social brasileira no rap*. Mestrado em História – UFU, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2017.

OSUMARE, Halifu. “Marginalidades Conectivas” do Hip Hop e a Diáspora Africana: os casos de Cuba e do Brasil. In: AMARAL, M. & CARRIL, L. (orgs). *O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. São Paulo: Editora Alameda, 2015.

PIMENTEL, Spensy. *O Livro Vermelho do Hip Hop*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997

_____. *Hip Hop como utopia*. In: *Rap e Educação, Rap é Educação*. ANDRADE, E.N. (org.). São Paulo: Editora Selo Negro, 1999.

REGO, Marina. *Paulistanidade e Racialização: o caso nordestino*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTANA, Jeová Silva. *O internato como modelo educacional segundo a literatura: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SHWARCZ, Lilia Moritz. Raça, cor e linguagem. In: KON, Noemi Moritz; Silvia Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs). *O racismo e o negro no brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.

SILVA, José Carlos. *Rap na Cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. Arte e Educação: a experiência do movimento *hip hop* paulistano. In: *Rap e Educação, Rap é Educação*. ANDRADE, E.N. (org.). São Paulo: Editora Selo Negro, 1999.

SILVA, Vinicius Gonçalves Bento. *As mensagens sobre Drogas no Rap: como sobreviver na periferia*. Mestrado em Enfermagem em Saúde Coletiva – USP, 2004.

SMITH, William. O *Hip Hop* e suas Conexões com a Diáspora Africana. In: AMARAL, M. & CARRIL, L. (orgs). *O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. São Paulo: Editora Alameda, 2015.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas Hipóteses sobre as Relações entre Movimentos Sociais, Juventude e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, São Paulo, n. 13, p. 73-94, 2000.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: As transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

ZENI, Bruno. O negro drama do *rap*: entre a lei do cão e a lei da selva. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 18, n. 50, p. 225-241, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Excertos da categoria Condições da Escola

Música	Artista	Disco	Ano	Trecho
175 Nada Especial	Gabriel, o Pensador	Gabriel o Pensador	1993	Era o meu ex-professor da escola (Coitado) Tá fodido e mal pago, daqui a pouco tá pedindo esmola Ele é um mestre, um baú de sabedoria Esse num é o valor que um professor merecia Profissional de primeira importância pro nosso futuro Ninguém mais quer ser professor pra num viver duro E ele desceu em outra escola pra dar mais aula (É que eu trabalho nos três turnos Chego em casa e ainda corrijo prova)
Brasília Periferia	GOG	Dia Dia da Periferia	1994	Daqui tô vendo luzes acesas, é Samambaia Vários botecos abertos, várias escolas vazias Coisas inacreditáveis acontecem a luz do dia
Blitz 1	Gabriel, o Pensador	Ainda é Só o Começo	1995	É, mas ninguém fala da nossa batalha Sustentar família, filho na escola Criticar é fácil, quero ver você aqui no meu lugar
Tô Ouvindo Alguém Me Chamar	Racionais MC's	Sobrevivendo no Inferno	1997	Pela janela da classe, eu olhava lá fora A rua me atraía mais do que a escola
Quando é Que Vão Olhar Pro Inferno	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	Sem estrutura, sem o ensino, sem o caminho Escola desqualificada não é incentivo Pra ter retorno, o investimento é essencial Descaso plantado é colheita letal
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Que não tem, dinheiro não tem Ensino digno, então... E você ainda diz que investe muito na educação Quem sonega a educação nega o direito de viver
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	A escola é caduca, mal ensina, deseduca Essa é a sina Estamos sem beira nem beira Á beira do ano 2000

Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	As crianças dos seus direitos são privadas Por vocês, seus burocratas Aí ministro, Brasil tá sem educação Ano 2000, que nada É hora da virada
Crime do Raciocínio	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	O pai que bebe, a mãe que some ele não sabe pra onde Vai pra escola pra comer, sem direito à lazer Estudar ele não gosta, a escola é uma bosta Carteira quebrada, parede pichada, professora desmotivada
Mancada 2000	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Escolas por aqui eu não vejo construir 25% do orçamento Na teoria é destinado para a educação Mas no fim desaparecem entre as nuvens da corrupção
Brazuca (Remix)	Gabriel, o Pensador	Nádegas a Declarar	1999	Porque não existe educação pro povo No país do futebol Futebol não se aprende na escola É por isso que Brazuca é bom de bola
De Encontro À Morte	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	Descalço, fazendo gol na porta da escola Carente de incentivo, de um espelho Hoje não tem aula, professor não veio
Até Quando?	Gabriel, o Pensador	Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)	2001	Escola, esmola Favela, cadeia Sem-terra, enterra Sem renda, se renda! Não! Não!
Pega Ladrão!	Gabriel, o Pensador	Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)	2001	Ah! E o meu cofre cheio de dólar? É o dinheiro que seria pra fazer mais uma escola Precisa ver minha fazenda. Comprei só com o dinheiro da merenda E o meu filhão? Um milhão só de mesada E tudo com o dinheiro das crianças abandonadas
Testemunho	MV Bill	Declaração de guerra	2002	Não me envergonho da minha história Dou testemunho na igreja e dou palestra em escola Toco a minha bola como se fosse o começo Tive outra chance mesmo sem saber se eu mereço
Vem pra FEBEM	Posse Mente Zulu	Revolusom: A Volta do Tape Perdido	2004	Se quer amor, aqui não tem (não) Se quer carinho, não tem (não) Se quer sexo, veio ao lugar certo Mas se quer educação nem chegue perto

Front de Madeirite	Facção Central	O Espetáculo do Circo dos Horrores	2006	Qual é a diferença da Febem de Franco da Rocha Pra escola que só por falta reprova?
Linhas Tortas	Gabriel, o Pensador	Sem Crise	2012	Não tô vendendo crack, não tô vendendo pó Não tô vendendo fumo, não tô vendendo cola Mas muitos me disseram que o que eu faço é viciante E vicia os estudantes quando eu entro nas escolas Até os professores às vezes se contaminam Copiam minhas letras e textos e disseminam
Dia D	GOG	Genival Oliveira Gonçalves	2015	Docente de escola desce tá, ditado diariamente Dentista dedica dia de descanso, diminuindo dor dos doentes
Chega	Gabriel, o Pensador	Chega	2016	Eu pago o subsídio absurdo dos deputados A esmola dos professores, a escola sucateada O pão de cada merenda, eu pago o chão da estrada

Anexo 2 – Excertos da categoria Desigualdade Social e Educação

Música	Artista	Disco	Ano	Trecho
Corpo Fechado	Thaíde & DJ Hum	Hip-Hop Cultura de Rua	1988	Vivo nas ruas com minha liberdade Fugi da escola com dez anos de idade As ruas da cidade foram minha educação A minha lei sempre foi a lei do cão
Beco Sem Saída	Racionais MC's	Holocausto Urbano	1990	É, meu mano KL Jay O poder mente, ilude, e domina A maioria da população, carente da educação e cultura E é dessa forma que eles querem que se proceda Não é verdade?
Homem na Estrada	Racionais MC's	Raio X do Brasil	1993	Molecada sem futuro, eu já consigo ver Só vão na escola pra comer, apenas nada mais Como é que vão aprender sem incentivo de alguém Sem orgulho, sem respeito, sem saúde e sem paz
Somos Assim	Facção Central	Juventude de Atitude	1995	Filho da puta, playboy, mais um futuro brasileiro Estuda em melhor escola, tem seu carro, sua mina Perfeito em aparência do tipo "eu nunca vi cocaína"

Jesus Cristo no Brasil	Face da Morte	Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Seda	1995	Pronto paramos no sinal chocolate Era um real comprei um pra ajudar Então me questionou O que esse moleque faz aqui A essa hora não devia tá na escola? Ou brincando ao invés de trabalhando
Revolução	Thaíde & DJ Hum	Preste Atenção	1996	Muitos até acham que eu estou militando e querem me pegar Mas é melhor ser militante do que militar Que nunca teve boa imagem, perante o povo Que não aceita esse sistema de opressão do chamado Brasil novo Que está deixando seus filhos mais miseráveis do que são Sem oportunidades, sem educação Se você não acredita em uma salvação Está chegando a minha, a nossa, a sua revolução
Pátria Que Me Pariu	Gabriel, o Pensador	Quebra-Cabeça	1997	Mostra tua cara, moleque! Devia tá na escola Mas tá cheirando cola, fumando um beck Vendendo brizola e crack
Sem Saúde	Gabriel, o Pensador	Quebra-Cabeça	1997	Eu tô sem segurança, sem transporte Sem trabalho, sem lazer Eu num tenho educação, mas saúde eu quero ter
Detenção sem Muro	Facção Central	Estamos de Luto	1998	Quero estudo, escola pra todos os manos Eu quero pra parte pobre dignidade, um tratamento humano
Detenção sem Muro	Facção Central	Estamos de Luto	1998	Foda-se escolas, formação, uma goma, respeito Detento daqui só tem direito a enterro, cachimbo de crack, acesso a maldade, Revolver a vontade, droga, álcool, por toda parte
A Vingança	Face da Morte	Quadrilha da Morte	1998	Maria veio de outro estado Ninguém tá do seu lado, sem família, educação Sem escola, sem um lar, dependia do emprego
Brasília Periferia (parte II)	GOG	Das Trevas à Luz	1998	A bolsa escola foi um atrativo pro lado de cá Vi muito moleque voltar a estudar Reprovação desabar
A Cidade é Nossa	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	Circuito interno de tv, guarita Em vez de escola na periferia Alarme de última geração em casa Em vez do barraco ter uma cesta básica

Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Aí, Ministro da Educação O futuro da nação vai pra escola só pela refeição Que as vezes não tem o suficiente pra repetir o prato Que as vezes não tem um arroz com feijão pra comer no barraco;
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Aí eu pergunto quem defenderá essas crianças esperanças Que não foi a escola por causa do frio ou da chuva Que não tem caderno, lápis, sapato nem blusa
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Filhos de ricos, têm professores particulares Laboratório de línguas, aulas de arte Natação, ginástica e outros mais Aquela porra toda, recursos áudios-visuais Frequentam essas escolas modelos
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Faculdade pública devia ser pública Na verdade é frequentada por playboys sem necessidade A vantagem é de que vem de escola particular Com dinheiro pra pagar curso do pré-vestibular
Crime do Raciocínio	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Saúde e educação no brasil é só pra rico Tudo isso é consequência do descaso Do país que é governado pela elite Insiste em dizer que ladrão tem que morrer Quem mandou não estudar, agora tem que se ferrar
Cantão	Gabriel, o Pensador	Nádegas a Declarar	1999	E se os ricos pensam que o convívio dos seus filhos com os pobres atrapalha a educação O Pequeno aprendeu o que nenhuma escola pode ensinar convivendo com a galera do Cantão
Mais uma Estória	GOG	CPI da Favela	2000	Era dia de sorte e um sonho divertido Emprego pra ele, pra ela Escola pros quatorze filhos Mas ninguém nem sabia pra onde ia Rio, São Paulo ou Brasília?
Mais uma Estória	GOG	CPI da Favela	2000	Faz doze anos que seu Zé chegou Dois trampos: porteiro, cobrador Treze filhos na escola; o outro se formou
Discurso ou Revólver	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	Desconhecendo cenário político Onde jogar granada? Quem é o nosso inimigo? Entendeu por que não tem, escola pra você Toma Uzi e me diz quem tem que morrer

Eu Tô Fazendo o Que o Sistema Quer	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	Preferia estar na escola, na biblioteca Tá no shopping, comprando pra minha filha uma boneca Ter cartão de crédito, cheque cinco estrelas Não tá matando alguém pra por o leite na geladeira Mas infelizmente o que o sistema quer Sou eu com fome atirando na madame de chofer
Até Quando?	Gabriel, o Pensador	Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)	2001	Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante Você tá sem emprego e a sua filha tá gestante
Aperte o Gatilho Por Favor	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	A campanha da TV me mostra como burro Que na escola vai repetir, ser mau aluno
CNN Periférica	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Com 98 mil dólares quantos livros na escola Foi o que o boy pagou pra ficar em órbita
No Trilho do Vale da Sombra	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Não doutor, não, não tive escola Professor não leciona onde a gente mora Não doutor, eu não sou diplomado É que com 7 eu sustentava a goma com trampo escravo
O Que os Olhos Veem	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Os olhos do boy, esses aí esses não veem nada, nenhum problema... Os aviões com droga, o tráfico de armas, as escolas sem telhado, lousa, professor, segurança, o jovem sem acesso a livro, quadra esportiva, centro cultural
São Paulo - Aushwitz Versão Brasileira	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Queria ser terrorista com o apetite do Bin Laden Pra jogar no congresso seis aviões da Varig E me vingar pelas crianças sem escola em São Paulo Os velho no lixão disputando comida com rato
Rua sem Nome, Barraco sem Número	GOG	Tarja Preta	2004	Idosos em casa, crianças na escola O salário do trabalho não era esmola Cada pessoa, todo ser valorizado, intrigas deixadas de lado
Introdução 4: (Estrada da Dor 666)	Facção Central	Facção Central - Ao Vivo	2005	Hoje não deu pra ele pensar no pivete sem escola por que ele tava a 300 quilômetros por hora, tirando racha com sua Ferrari
Espada no Dragão	Facção Central	O Espetáculo do Circo dos Horrores	2006	O calcanhar de Aquiles do pobre é a educação Imagina o mendigo compreendendo a constituição

Espada no Dragão	Facção Central	O Espetáculo do Circo dos Horrores	2006	Lembra o tempo da escola na prova o zero Você não era burro, faltou leite materno Quase entrou nas 9% de crianças desnutridas Que morrem antes de um ano de vida
Transformação	MV Bill	Causa e Efeito	2010	Muita adolescente sendo mãe fora de hora Marca sua vida com o pai que vai embora É comum do lado de cá a escola abandonada Por quem tem que trabalhar
Minha escola	Thaíde	Vamo que Vamo que o Som não Pode Parar	2017	Nasci numa família pobre, mas não me deixei abater Frequentei pouco a escola, mas nunca deixei de aprender

Anexo 3 – Excertos da categoria Educação e Questão Racial

Música	Artista	Disco	Ano	Trecho
Negro Limitado	Racionais MC's	Escolha o seu Caminho	1992	Ele nasce, cresce, e o que acontece? Sem referência a seguir, sem ter a quem ouvir Um mal aluno na escola certamente ele será Mas um menino confuso, no quarto escuro da ignorância
Negro Limitado	Racionais MC's	Escolha o seu Caminho	1992	Cultura, educação, livros, escola Crocodilagem demais, vagabundas e drogas A segunda opção é o caminho mais rápido e fácil A morte percorre a mesma estrada, é inevitável
É mesmo Incrível	GOG	Dia Dia da Periferia	1994	1888. De um momento pra outro, a abolição Sem nos dar condição, com uma só intenção Criar um novo consumidor interno E o negro era o estereótipo certo Carente de educação, louco pela sua liberdade, irmão Cenário completo para a mais nova suja e nojenta armação
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Negar a educação é continuar com a escravidão No Brasil, sou mais um que foi oprimido Com aquele salário de fome, iludido Preciso me alimentar pra poder estudar
Só Deus Pode Me Julgar	MV Bill	Declaração de guerra	2002	Novela de escravo a emissora gosta Mostra os pretos chibatados pelas costas Faz confusão na cabeça de um moleque Que não gosta de escola e admira uma intra-tek Clik-cklek, mão na cabeça
Negro Drama	Racionais MC's	Nada Como um Dia Após o Outro Dia	2002	Problema com escola eu tenho mil, mil fitas Inacreditável, mas seu filho me imita No meio de vocês ele é o mais esperto Ginga e fala gíria, gíria não, dialeto

Rap du Bom pt. 2	Rappin' Hood	Sujeito Homem 2	2005	Deixa pra lá racismo e discriminação Se liga irmão por mais saúde e educação Já demorou agora é a hora e a vez Pra concertar, o que o ser humano fez
EMIVI	MV Bill	Retrato	2012	Messageiro da verdade sem deixar me sucumbir Odiado e amado pelo que eu promovi Mais respeito pelo o povo da favela eu exigi As mentiras dos livros da escola eu descobri É por essas e por outras que eu sou EMIVI
Heroínas e Heróis	GOG	Genival Oliveira Gonçalves	2015	Minhas heroínas estão vivas, rebeladas Formadas dentro ou fora da escola Na luta concentradas
Heroínas e Heróis	GOG	Genival Oliveira Gonçalves	2015	Sua crença se resume à leitura, falta vivência Nossos livros, nossa vida, nossa escola Guerra preta, estratégia quilombola
O Verdadeiro Hip Hop "1999"	MV Bill	-	2017	Com o spray numa mão limpo a sujeira com grafite Na outra o microfone denuncia o crime Contra minha raça contra a educação do meu povo O H2 me traz à tona de novo
Universo Gueto	GOG	Mumm-Rá High Tech	2018	Em cômodo de madeirite, (r)existe não é Hello Kitty Nova e velha escola são salas de aula sem professor Onde o rap e a rua formou Cada quadro negro!

Anexo 4 – Excertos da categoria Escola e violência

Música	Artista	Disco	Ano	Trecho
Caso de Assassinato	Face da Morte	Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Seda	1995	A molecada da escola vinha saindo Sinal da última aula mais parecia um aviso
Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Seda	Face da Morte	Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Seda	1995	Pois você cheirava leite quando eu te conheci Hoje cheira cola perto da escola Com sua reputação você não mais se importa Meu amigo, me diga o que com isso você ganhou?

Fórmula Mágica da Paz	Racionais MC's	Sobrevivendo no Inferno	1997	A noite inteira só contando história Sobre o crime, sobre as treta na escola Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério Admirava os ladrão e os malandro mais velho
Tô Ouvindo Alguém Me Chamar	Racionais MC's	Sobrevivendo no Inferno	1997	Falava quando era criança Uma mistura de ódio, frustração e dor De como era humilhante ir pra escola Usando a roupa dada de esmola
A História de um Traficante	Facção Central	Estamos de Luto	1998	Na escola, o motivo de risada, olhar de nojo, pode crê, ladrão Eu tinha algo muito engraçado, as minhas roupas velhas e humildes Ou o meu tênis sola descolada, destacando os incontáveis inúmeros buracos
Não Dê Sua Cara a Tapa	Facção Central	Estamos de Luto	1998	Ninguém comenta de trampo nem falam de escola A ideia é crack, assalto, cadeia, sempre a mesma história
Sonhei com o Céu	Facção Central	Estamos de Luto	1998	Olha o caderno na mão, tem um tático ali Tem segurança pras crianças indo pra escola Estudar é tão bom quando a morte não está aqui
A Vingança	Face da Morte	Quadrilha da Morte	1998	Faz 7 anos que o moleque nasceu Pela idade é normal ir pra escola e tal Já no primeiro intervalo A brincadeira no pátio era polícia e ladrão
A Vingança	Face da Morte	Quadrilha da Morte	1998	Agora já é tarde, conselhos não adiantam Não matam sua fome, ele prefere a cola Não quer saber de escola Entrar no mundo do crime virou sua obsessão
A Cidade é Nossa	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	Tem catraca eletrônica na escola do seu filho Detector de metal pra mantê-lo vivo
Na Zona Sul	Sabotage	Rap é Compromisso	2000	Zona sul, primeira independência em vaidade Criança, na escola, é Hitler na tendência Ter paciência é a chave do problema
É Tudo no Meu Nome	Rappin' Hood	Sujeito Homem	2001	Quando eu era garoto jogava bola no campinho E dentro da escola guerra de aviãozinho Do outro lado do muro a vida da rua Ninguém sabe de nada, cada um na sua

A Bola do Mundo 2	Rappin' Hood	Sujeito Homem	2001	Na porta da escola era onde o mano estava Mal sabia ele o que o destino lhe traçava Eis que um camarada um convite a ele faz Vamos nessa, meu irmão, fumar um é bom demais
Dias Melhores Não Virão	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	E o poder paralelo diz a hora de ir pra rua Fecha a escola, capota a Blazer, metralha a prefeitura
Um Gole de Veneno	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Foi na época de escola que ele mais me batia Putá sol de manga comprida escondendo as feridas
A Capela dos 50.000 Espíritos	Facção Central	O Espetáculo do Circo dos Horrores	2006	Na escola música clássica no circuito Pro aluno não ouvir a 9mm Do vacilão que matou o nóia na boca da favela Arrastou polícia, afastou a clientela
Abismo das Almas Perdidas	Facção Central	O Espetáculo do Circo dos Horrores	2006	O moleque descalço apontando o FAL Que no “psico” fecha escola, banco, o planalto central
Castelo Triste	Facção Central	O Espetáculo do Circo dos Horrores	2006	Saí da escola sem ler, sem saber multiplicação Vencido pelo riso dos alunos que me olhavam como aberração
Coração de Mãe	GOG	Aviso às Gerações	2006	O que teria acontecido? Filho, que situação Levou tiro? Tá ferido? Foi detido? Qual razão? Não é disso. É de casa pra escola, televisão
Egresso	MV Bill	Contemporâneo	2015	A sentença cantou, meu castelo tremeu E agora preso na gaiola Sem poder te ver, nem acompanhar minha filha pra escola
Guerra de Facção	MV Bill	Contemporâneo	2015	Novos soldados, a favela virou Pouco sobrou, olha só o que restou Escola sem aula, comércio fechado Morador acuado, tudo dominado
Homenagem às Crianças Vítimas da Violência no Rio	Gabriel, o Pensador	-	2018	Que forças ainda temos Pra nos amar, uns aos outros? E nos armar de indignação por justiça e educação Pra que essas e outras crianças Não tenham morrido em vão

Anexo 5 – Excertos da categoria Papel da Escola

Música	Artista	Disco	Ano	Trecho
Estudo Errado	Gabriel, o Pensador	Ainda é Só o Começo	1995	E me disseram que a escola era meu segundo lar E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente Faço amigos, conheço gente Mas não quero estudar pra sempre! Então eu vou passar de ano Não tenho outra saída Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida Discutindo e ensinando os problemas atuais E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Estudo Errado	Gabriel, o Pensador	Ainda é Só o Começo	1995	Encarem as crianças com mais seriedade Pois na escola é onde formamos nossa personalidade Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração e a indiferença são sócios
Desabafo de Um Homem Pobre	Thaíde & DJ Hum	Preste Atenção	1996	Sou cobaia do bem e do mal O irmão mais velho da família Que insiste na luta todo dia Minha mãe aposta na educação que me deu Me mostrou os detalhes dos erros que cometeu
Malandragem Dá Um Tempo	Thaíde & DJ Hum	Preste Atenção	1996	Você deve isso aos seus pais, que te criaram tão bem Com trabalho e coragem, com calos nas mãos Te deram educação Pra que quando crescesse Com orgulho se tornasse um homem de bem
A História de um Traficante	Facção Central	Estamos de Luto	1998	Outro menino que devia ir pra escola Outro menino que devia estar jogando bola Não derretendo no cachimbo a sua história
Anjo da Guarda vs Lucifer	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	Escute Lúcifer seu amigo (Fuja da escola, do caderno, do livro) Vamos pro crime cometer homicídio
Enterro de um Santo	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	Queria leite pro neném, comida na panela, um caderno pra escola Me deram uma semiautomática 13 tiros no pente Então que Deus ilumine a minha nova trajetória

Isso Aqui é Uma Guerra	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	É o cofre versus a escola sem professor Se for pra ser mendigo, doutor Eu prefiro uma glock com silenciador Comer seu lixo não é comigo, morô?
Vidas em Branco	Facção Central	Versos Sangrentos	1999	Enquanto o lazer for pipa, e o ensino escola sem professor É não se mexe que é assalto, doutor Um país se faz pela educação Quem planta arma colhe corpo no chão
Bomba H	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	O mano me disse '157 é o que resta, nada mais interessa' Lhe é negada a informação, distorcida a educação Processo de exclusão que deixa marca
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Aí Ministro, sou porta voz desse povo faminto Meu povo sofre, sofre, se lembre bem disso Aí Ministro, sou porta voz desse povo faminto Se é que sou bandido de educação eu preciso
Atitude Errada	MV Bill	Traficando Informação	1999	O problema da comunidade é a falta de informação Sem referência larga a escola, cabeça virada vira ladrão
Atitude Errada	MV Bill	Traficando Informação	1999	Porque desse jeito vai ser difícil encontrar a paz A solução do problema não é puxar o gatilho Pode começar dando educação para o seu filho
Sem Esquecer das Favelas	MV Bill	Traficando Informação	1999	Caixa D'Água, Ucrânia, Favela da Galinha Embariê, Pereirão, Cachoeirinha Muita criança, na escola uma esperança Parada de Lucas, Vila Aliança
Traficando Informação	MV Bill	Traficando Informação	1999	Está faltando criança dentro da escola Estão na vida do crime, o caderno é uma pistola Garota de 12 anos esperando a dona cegonha Moleque de 9 anos experimentando maconha
A Guerra Não Vai Acabar	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	O Brasil não dá escola, mas dá metralhadora O Brasil não dá comida, mas põe crack na rua toda
Justiça com as Próprias Mãos	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	Pelo sangue da guerra civil Pela criança dormindo no frio Vai pra puta que pariu Pelo nóia morto no rio Ao invés de escola me deu fuzil Vai pra puta que pariu

Sem Luz no Fim do Túnel	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	O projeto de uma escola a cada quatro presídios Deu 180 mil presos, resultado atingido
Tensão	Facção Central	A Marcha Fúnebre Prossegue	2001	Teu filho vai pra escola com vigia, detector Enquanto o meu não tem aula nem professor Vai ser sequestrador, vai matar polícia E ainda adolescente vai pra mesa do legista
Hoje Deus Anda de Blindado	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Não vejo um puto lutando pra favela ter escola Só pra me trancar e jogar a chave fora
No Fim Não Existem Rosas	Facção Central	Direto do Campo de Extermínio	2003	Os moleques que trocam a escola pela balada Vão ver o efeito quando tiver se equilibrando na bengala
Quando o Pai se Vai	GOG	Aviso às Gerações	2006	Acredita que a educação é necessária Apresentou pra eles a biblioteca comunitária Que ficava bem perto da sua moradia Um lugar que sozinha a criançada ia
Causa e Efeito	MV Bill	Causa e Efeito	2010	E o ódio na juventude é uma tendência (Sem escola) sem escolha Expectativa de vida até que o crime te recolha Vários do lado do bem, são empurrados pro mal Vítimas da convulsão social
Causa e Efeito	MV Bill	Causa e Efeito	2010	Pra mim é muito fácil de ser entendido Sem educação vários de nós vai virar bandido E a nossa pena não é branda Perdemos a infância e a juventude, a fila anda
Campo Minado	MV Bill	Vitória pra Quem Acordou Agora e Vida Longa pra Quem Nunca Dormiu	2014	Ainda tem muitos de nós, sonhando com o sucesso Mesmo não tendo acesso, reflexo do regresso Que tira a educação e disponibiliza fuzis Alienação e álcool pra matar a raiz
Canção Foi Tão Bom	Sabotage	Sabotage	2016	As crianças já não brincam mais de bola Não vão mais pra escola Na rua, bebe pinga e cheira cocaína

Trap de Favela	MV Bill	-	2018	Depois não venha nos dizer que não sabia Que a cada carnaval surge nova fantasia Enredo principal, tradicional hipocrisia Sem educação não tem meritocracia
----------------	---------	---	------	--

Anexo 6 – Excertos da categoria Referências Indiretas

Música	Artista	Disco	Ano	Trecho
Brasília Periferia	GOG	Dia Dia da Periferia	1994	O que falta na elite, na periferia tem de sobra Solidariedade e humildade a toda hora O beabá da vida é a nossa escola E, pode crer, disposição temos de sobra
Malandragem Dá Um Tempo	Thaíde & DJ Hum	Preste Atenção	1996	Aqui passamos a infância, não se lembra? A gente chegava da escola e batia uma xêpa Depois íamos pra rua soltar capuxeta Nem aí pro tempo e nem pra ninguém
Mó Treta	Thaíde & DJ Hum	Preste Atenção	1996	Alguns anos atrás, eu bicho solto demais Saí da quadra da escola muito louco de cola
Capítulo 4, Versículo 3	Racionais MC's	Sobrevivendo no Inferno	1997	Curtia um funk, jogava uma bola Buscava a preta dele no portão da escola Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope Mas começou a colar com os branquinhos do shopping
Periferia é Periferia (Em Qualquer Lugar)	Racionais MC's	Sobrevivendo no Inferno	1997	Esse lugar é um pesadelo periférico Fica no pico numérico de população De dia a pivetada a caminho da escola A noite vão dormir enquanto os manos decola
Luto no Congresso	GOG	Das Trevas à Luz	1998	Eram 3 pretos de favela, agora 4 Cada um uma escola Vê 4 caras, uma proposta Você entende? Preste atenção eu já tô cheio até a tampa
Brasil Sem Educação	Face da Morte	O Crime do Raciocínio	1999	Eu aprendi na faculdade, sou formado á base da verdade Não inclua o meu diploma que consegui na escola da rua Sou rapper de ideologia forte lutando pelo pobre
Cantão	Gabriel, o Pensador	Nádegas a Declarar	1999	E o Pequeno cresceu e nem se lembra dos presentes que ganhou Mas da festa ele nunca se esqueceu A família reunida, os colegas da escola A galera lá do morro e só discão na vitrola

Ãh	Gabriel, o Pensador	Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)	2001	Fui pra escola e esqueci a minha cola E na prova eu respondia tudo ãh.
Mário	Gabriel, o Pensador	Seja Você Mesmo (Mas não Seja Sempre o Mesmo)	2001	Mas o Mário tava em todos os noticiários Nas escolas, nos "campus" universitários Nas favelas, nas bocas, nas bancas, nas ruas Nas fábricas, em todos os lugares
Suburbano	Rappin' Hood	Sujeito Homem	2001	Gente saindo pro trabalho, nória indo dormir Noite e dia, contrastes se liga aí A garotada acordando pra ir para a escola E vai saindo pra treinar o mano que joga bola
Suburbano	Rappin' Hood	Sujeito Homem	2001	Tô sem dinheiro, mas batalho com honestidade Educação e consciência minha malandragem Pedindo a Deus pra iluminar a minha caminhada Orando pelas minas, pela rapaziada
No Ar	Posse Mente Zulu	Revolusom: A Volta do Tape Perdido	2004	Na quadra da escola o som tá diferente (Quem pagou de valente certamente se deu mal) Subiu, foi pro espaço sideral
Vem pra FEBEM	Posse Mente Zulu	Revolusom: A Volta do Tape Perdido	2004	Tem corrupção, sem dor no coração (sem dor no coração) Satisfação garantido é o seu menor de volta Seu idiota (seu idiota!) Aqui é a escola infantil da malandragem (pior viagem!)
Aos 45	GOG	Genival Oliveira Gonçalves	2015	Criação, alimentação, educação da cria Gente fria, nunca sentiu o sabor da boa companhia Bate sem dó pra ver o pior, não alivia Incrível, domingo reclama da casa vazia
Minha Escola	Thaíde	Vamo que Vamo que o Som não Pode Parar	2017	Eu tô no corre sempre e pra sempre sou hip-hop Minha ancestralidade mantém minha cabeça erguida A rua é minha escola, sou um resistente da vida Então, vamo que vamo que o som não pode parar